

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SILVIA REGINA NUNES DA ROSA TOGNERI

LIBERTAÇÃO, CONVERSÃO E CATEQUESE EM Jo 9.
ESTUDO DO TEXTO, SUAS CONSEQUÊNCIAS NA COMUNIDADE
JOANINA E INDICATIVOS PARA A CATEQUESE.

São Leopoldo
2011

SILVIA REGINA NUNES DA ROSA TOGNERI

LIBERTAÇÃO, CONVERSÃO E CATEQUESE EM Jo 9.
ESTUDO DO TEXTO, SUAS CONSEQUÊNCIAS NA COMUNIDADE
JOANINA E INDICATIVOS PARA A CATEQUESE.

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino
da Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T645L Togneri, Silvia Regina Nunes da Rosa
Libertação, conversão e catequese em Jo 9.
Estudo do texto, suas consequências na comunidade
joanina e indicativos para catequese / Silvia Regina
Nunes da Rosa Togneri ; orientador Vemer
Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.
119 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Bíblia. N.T. João 9 – Crítica, interpretação, etc..
2. Jesus Cristo – Pessoa e missão. 3. Filho do homem.
4. Jesus Cristo – Opiniões sobre o direito judaico. 5.
Cura do cego de nascença (Milagre). I. Hoefelmann,
Vemer. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

“Dizei aos aflitos: coragem! nada de medo!

Então os olhos dos cegos vão se abrir e abrem-se
também os ouvidos dos surdos” (Is 35,4a.5).

“O chamado de Jesus ao discipulado faz do discípulo um indivíduo. Querendo ou não, ele tem que se decidir, tem que tomar uma decisão sozinho” (Dietrich Bonhoeffer).

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que me incentivaram e me ajudaram a empreender esta tarefa de aprofundar os estudos teológicos, em especial, com a Bíblia e ter uma relação mais próxima com os textos da comunidade joanina. Todas elas foram muito importantes para a realização desta pesquisa. Quero, porém, ressaltar: Pe. Ney Brasil Pereira; Pe. Vitor Galdino Feller e Pe. Vilmar Adelino Vicente, os amigos Celso Loraschi e Luiz José Dietrich; e a todas e todos amigos do CEBI, que me iniciaram no caminho da Leitura Popular da Bíblia.

Aos participantes do nosso grupo de estudos bíblicos que, com sua experiência de vida, muito me ajudaram a compreender melhor a Palavra de Deus.

Aos professores da Escola Superior de Teologia, que com seu conhecimento contribuíram para que minha atividade nos caminhos da Bíblia se tornasse mais firme.

Ao meu orientador, professor Verner Hoefelmann, pelo apoio, paciência e a orientação para que esta pesquisa conseguisse atingir seus objetivos.

Em especial aos meus familiares e ao meu maior incentivador, meu marido, João Togneri, pelo seu carinho e amor. Dedico este trabalho à memória de minha mãe, Iracema, pelo seu exemplo de fé, de vida cristã e por todo apoio que me ofereceu para que os meus estudos pudessem se realizar.

RESUMO

Libertação, Conversão e Catequese em Jo 9 tem o propósito de identificar o itinerário percorrido por uma pessoa cega de nascença para confessar sua adesão de fé, publicamente, a Jesus, como o Filho do homem, em tempos de exclusão da sinagoga. A libertação das normas e leis que não estão em defesa da vida e, que, por isso, não são de Deus, exige coragem, a partir da abertura dos olhos e da mente, frente a uma situação que exclui. O primeiro capítulo aborda o evangelho segundo a comunidade joanina como um todo, evidenciando suas principais características, sua relação com as festas judaicas e o sábado. O segundo capítulo aprofunda o estudo da narrativa da cura do cego de nascença, para evidenciar como a libertação, conversão e catequese aparecem no texto. Essa narrativa apresenta o processo de adesão a Jesus como o Filho do homem e, como, para isso, Ele precisa ser visto perfeitamente como Ele é. Para tal, é necessária a abertura gradativa da visão, mesmo em tempo de punição e exclusão, por parte dos judeus fariseus, a quem n'Ele confessa sua fé. O entendimento a respeito de quem é Jesus dá-se a partir do fazer o que ele manda; enfrentar com coragem os interrogatórios do grupo dos judeus fariseus e não temer mostrar opinião contrária a eles, mesmo que isso resulte em uma punição. O cego curado é modelo para a comunidade ao se deixar iluminar por Jesus. O terceiro capítulo aprofunda como a catequese pode ser feita a partir do texto de Jo 9. Estuda a forma como a comunidade joanina desenvolveu o seu processo catequético, o da comunidade judaica e da comunidade cristã primitiva. Com base no itinerário de libertação e conversão, realizado pelo cego curado, apresentamos alguns elementos indicativos para a catequese de adultos em nossos dias.

Palavras- chave: cego de nascença; abrir os olhos; Profeta; Filho do homem; creio.

ABSTRACT

Liberation, Conversion and Catechesis have the purpose, in John 9, to identify the itinerary of a person born blind in order to profess publicly his adhesion of faith to Jesus, as the Son of Man, in a time of exclusion from the synagogue.

The liberation from laws and rules not directed towards defending life and, therefore, not according to the will of God, with regard to an excluding situation, takes courage after having opened eyes and mind.

The first chapter considers the gospel according to the community of John as a whole, pointing out its main characteristics, its relation to the Jewish Feasts and the Sabbath. Chapter two deepens the study of the narration about the healing of the man born blind so as to make clear how liberation, conversion and catechesis become evident in the text. The narration presents the process of adhesion to Jesus as the Son of Man, showing how, accordingly, Jesus has to be seen exactly like he is. Therefore, the person who professes faith in Him, even in times of punishment and exclusion by the Jews and Pharisees, needs having his eyes gradually opened. The understanding of who Jesus is begins with doing what he orders, confronting courageously the questioning by the group of Jews Pharisees and not fearing to express an opinion contrary to theirs, even at the risk of punishment. The man born blind now healed, who lets himself be illuminated by Jesus, is a model for the community. Chapter three shows how the text of John 9 can be used for catechesis and how the community of John, the Jewish and the ancient Christian communities developed their catechetical process. Based on the itinerary of liberation and conversion made by the man born blind now healed, indicative elements for the catechesis of adults in our days are presented.

Keywords: person born blind; opening of eyes; Prophet; Son of Man; I believe.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O EVANGELHO SEGUNDO A COMUNIDADE JOANINA	12
1.1 Características gerais	12
1.1.2 Características literárias do evangelho da comunidade joanina	13
1.2 A história da formação do evangelho.....	15
1.3 Autoria e local de origem.....	17
1.4 A história da comunidade joanina	20
1.4.1 Os conflitos da comunidade	22
1.5 A mulher no evangelho segundo a comunidade joanina.....	24
1.6 Os sinais no evangelho da comunidade joanina	25
1.6.1 Características dos sinais	25
1.6.2 Os sinais: sua relação com as festas e o sábado	28
1.6.2.1 A festa das tendas	28
1.6.2.2 O sábado	30
2 A CURA DO CEGO DE NASCENÇA – Jo 9,1- 41	32
2.1 Tradução e comparação de traduções Jo 9,1-41.....	33
2.1.1 Tradução própria	33
2.1.2 Comparação de traduções	35
2.2 Crítica textual	37
2.3 Análise literária.....	40
2.3.1 Delimitação e unidade.....	40
2.3.2 Integridade e coesão interna.....	41
2.3.3 Estrutura e sub-unidades	43
2.3.3.1 Introdução – Jo 9,1-7 (1ª. cena).....	44
2.3.3.2 Desenvolvimento: 9, 8-34 (2ª., 3ª., 4ª. e 5ª. cenas)	48
2.3.3.3 Conclusão: 9, 35-41 (6ª. e 7ª. cenas)	58
2.3.4 Gênero literário.....	62
2.3.5 Uso de fontes escritas.....	63
2.4 Análise de conteúdo segundo o método histórico-crítico.	65
2.5 Análise teológica	70

3 A CATEQUESE E INDICATIVOS A PARTIR DE Jo 9	73
3.1 O termo catequese e seu desenvolvimento	73
3.2 Aspectos catequéticos característicos do evangelho da comunidade joanina.	75
3.2.1 Aspectos catequéticos característicos em Jo 9.....	77
3.3 A catequese na comunidade judaica	79
3.3.1 A organização da transmissão da fé no judaísmo.....	79
3.4 A catequese na comunidade cristã primitiva.	81
3.4.1 Desenvolvimento da catequese na comunidade cristã	82
3.5 Alguns indicativos para a catequese em nossos dias, à luz de Jo 9.....	85
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A - Leitura Popular da Bíblia	99
APÊNDICE B - Leitura Orante	109
APÊNDICE C - Comparação de Traduções Jo 9,1-41	116

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo desenvolver o estudo da perícopre de Jo 9 e dela apreender alguns aspectos, especialmente no que se refere à *libertação*, *conversão* e *catequese*, que foram usados pela comunidade joanina com esta finalidade. Possa esse estudo vir a oferecer elementos que nos ajudem, hoje, também, para uma *libertação* de tudo que impede uma *conversão* efetiva a Jesus Cristo e para uma *catequese* que responda às necessidades das pessoas adultas, em nosso tempo. Inicialmente nos propomos a realizar uma investigação aprofundada da perícopre de Jo 9, para poder perceber como a construção dela nos possibilita trabalhar os elementos em questão.

O que se apresenta aqui é apenas um pequeno resumo das leituras efetuadas a respeito do tema, uma vez que nem todas elas puderam ser relacionadas, embora muito tenham contribuído na elaboração desta pesquisa.

Entendemos que todos os textos bíblicos apresentam sua finalidade catequética, mas em relação à comunidade joanina, queremos acentuar como isso se dá, principalmente porque o evangelho segundo esta comunidade é particular e único no modo de apresentar Jesus, diverso dos sinóticos.

A partir da perícopre de Jo 9, pretendemos levantar as intenções da comunidade joanina em relatar este sinal efetuado por Jesus, da forma como ele se apresenta. Procuramos entender como aconteceu a *libertação* dos condicionamentos da Lei e das normas da Sinagoga naquele cego curado, levando-o a converter-se a Jesus como o Filho do homem. Este exemplo pode ter sido usado com a intenção de abrir os olhos de outras pessoas, simpatizantes ou membros da comunidade, com a finalidade de encorajá-las a uma adesão definitiva a Jesus Cristo.

Como a perícopre está inserida em um todo, a ampla abordagem do evangelho segundo esta comunidade se fez necessária, como também das questões sociais, culturais e religiosas subjacentes à comunidade joanina, no ambiente judaico da sua época.

Um dos objetivos deste trabalho é o de contribuir no processo catequético com pessoas adultas e com a formação bíblica em nossos dias. A pesquisa sobre a perícopre de Jo 9 se apresenta com três capítulos, elaborados a partir de uma Leitura

Orante; um estudo com a metodologia da Leitura Popular da Bíblia; uma comparação de traduções entre as versões de João Ferreira de Almeida, Jerusalém e CNBB; e uma tradução própria do texto a partir do *Novum Testamentum Graece* (NTG), efetuada com o auxílio do programa BibleWorks 6.0.

O primeiro capítulo (O Evangelho segundo a Comunidade Joanina) é um esboço sobre as características gerais do evangelho. Ele contempla a linguagem, a sintaxe, o estilo, a teologia e o gênero literário que nele mais se evidenciam. A história da formação desse evangelho e da própria comunidade joanina também são apresentadas, uma vez que elas influenciaram na construção da perícopes, objeto desta pesquisa. A investigação da autoria deste evangelho visa apresentar a opinião dos principais estudiosos a respeito, embora esta seja, ainda, uma questão em aberto. Apresentamos também considerações sobre o local de origem do evangelho e os conflitos que a comunidade joanina enfrentou, devido ao longo período de construção do próprio evangelho, em virtude das grandes mudanças ocorridas entre os anos 60 E.C. e 80 E.C.¹ na sociedade judaico-cristã.

Ainda neste capítulo apresentamos o destaque que as mulheres recebem no evangelho; abordamos os sinais, suas principais características, a sua relação com as festas judaicas e, também, a Festa das Tendas e o Sábado.

O segundo capítulo (A cura do cego de nascença – Jo 9,1- 41) contempla a narrativa da perícopes. É a parte pulsante desta pesquisa, a partir da metodologia da Leitura Orante e da Leitura Popular da Bíblia sobre esta perícopes, que está anexa. Apresentamos a tradução própria efetuada e uma comparação entre três traduções, o que também muito nos ajudou a efetuar o contato mais próximo com a narrativa.

O aprofundamento da perícopes dá-se a partir do uso das demais metodologias de estudo efetuadas, tais como: a crítica textual, a análise literária, a análise do conteúdo e a análise teológica, de acordo com o método histórico crítico. Este capítulo, como toda a pesquisa, teve, como fio condutor, a *libertação, conversão e catequese* que a perícopes nos indica, não desconsiderando, porém, o tema da *luz do mundo*, o qual já se apresenta neste evangelho, a partir de seu Prólogo.

No terceiro capítulo (A catequese e indicativos a partir de Jo 9), encontra-se um aprofundamento da catequese e seu desenvolvimento na comunidade joanina e

¹ Nesta pesquisa, usaremos E. C. para designar Era Cristã ou Era Comum.

na comunidade cristã primitiva. Ele também traz indicativos para a catequese com adultos em nossos dias, a partir do estudo do termo catequese e seu desenvolvimento, de aspectos catequéticos característicos do evangelho da comunidade joanina e da perícopa de Jo 9, da catequese na comunidade judaica e na comunidade cristã primitiva. Essa parte conclui com alguns indicativos para a catequese em nossos dias, à luz de Jo 9.

A modo de conclusão, apresentamos os frutos colhidos com a investigação efetuada nesta pesquisa, retomando o fio condutor dela e os aspectos desenvolvidos no que se refere à *libertação, conversão e catequese* a partir da perícopa de Jo 9. Destacamos a importância de fazer, como o cego curado, a experiência de deixar-se tocar e curar por Jesus, durante um processo interrogativo que o levou a abrir seus olhos e o seu entendimento a respeito de Jesus e, assim, construir um conceito próprio e inabalável: ele é o Filho do homem, a quem confessa sua fé. Finalmente, apresentamos alguns indicativos para a catequese com adultos para os nossos dias.

1 O EVANGELHO SEGUNDO A COMUNIDADE JOANINA

O Evangelho segundo a Comunidade Joanina também é denominado como Evangelho de João e de Quarto Evangelho.² Nele, Jesus é apresentado de uma forma diferente daquela dos evangelhos sinóticos. Esta é uma das características que muito nos chama a atenção, uma vez que os três evangelistas anteriores falam de Jesus sob uma mesma ótica. A Comunidade Joanina escolhe outra maneira de falar sobre Jesus, que é especial, pois apresenta uma cronologia diferente para a atividade missionária de Jesus.³ Ela também mostra Jerusalém como o principal lugar de suas atividades, diversamente do apresentado nos sinóticos. Isto pode ser indício do uso de outras fontes, diferentes daquelas usadas nos sinóticos.⁴

1.1 Características gerais

O Evangelho de João apresenta características especiais no aspecto literário, da história de sua formação, da sua autoria, do local de origem, e da história da comunidade subjacente ao texto.

² A respeito da denominação utilizada para o evangelho, encontramos uma alternância entre os termos QUARTO EVANGELHO e EVANGELHO DE JOÃO em: Pablo Richard, J. Konings, Josep-Oriel Tuñi, Ramiro Mincato, Jürgen Roloff, Raymond E. Brown, Helmut Koester, Russell Norman Champlin e Pedro Lima Vasconcelos.

³ A esse respeito, os sinóticos apresentam uma cronologia de um ano para a atividade missionária de Jesus (cf. Lc 4,19). Porém, no Quarto Evangelho, esta atividade está distribuída por mais de dois anos, estabelecida a partir de três festas da Páscoa (Jo 2,13; 6,4 e 11,55). Confira sobre isso VANCELLS, José O. Tuñi. *O Testemunho do Evangelho de João*. Introdução ao Estudo do Quarto Evangelho. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 17; e KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João*. Amor e Fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 24.

⁴ A respeito das diferenças de fontes em comparação com sinóticos, conferir: CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado*. Versículo por Versículo. Vol II. São Paulo: Milenium, 1982, p. 251 e 254; BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 496-497; KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. Vol. 2. História e Literatura do Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 194 – 202.

1.1.2 Características literárias do evangelho da comunidade joanina

Dentre as características literárias, queremos destacar a linguagem e os aspectos estilísticos do evangelho da comunidade joanina, que apresentam algumas peculiaridades. A linguagem é simples e, do ponto de vista literário, considerada pobre. O evangelho está escrito em grego *koiné*, mais próximo ao que era popular e falado na época, quando comparado ao grego de Lucas, que se enquadra no *koiné* literário. A linguagem revela, também, traços mais próximos da cidade⁵ do que do campo. Apresenta características de um pensamento bilíngue, ao traduzir para o grego alguns termos hebraico-aramaicos que utiliza: *rabbi* (1,38), *messias* (1,41), *Kefas* (1,42), *rabbûni* (20,16).⁶ Há um traço dualista na linguagem, o que pode ser observado pelo uso de comparações entre luz e trevas, verdade e mentira, alto e baixo, além do contraste entre duas tendências, a da carne e a do espírito (cf. Jo 1,1-5.9-13; 8,40.44).

Para Tuñi e Alegre, o evangelho tem um estilo direto e uma sintaxe elementar e, em todo o conjunto, é relativamente simples e direto.⁷ A respeito dos termos preferidos neste evangelho, encontramos uma grande diferença no número de vezes em que eles aparecem, comparando com os sinóticos.⁸ Isto nos indica a intenção teológica do redator na escolha destes termos. Ressaltamos aqui palavras e expressões carregadas de simbologia, que somente aparecem neste evangelho, tais como: *sinais* - para falar dos milagres de Jesus (cf. Jo 2,11; 6,2.26; 7,31; 9,16; 11,47 e 20,30); *obra* – usado por Jesus para se referir aos milagres que Ele realizou com o poder de Deus (cf. Jo 4,34; 6,29; 7,21; 17,4); *em verdade, em verdade; vos digo/te digo* (que aparece 25 vezes, e só em João).

Não aparece nenhuma vez a palavra *eklesia*, embora o evangelho contenha uma eclesiologia indireta.⁹ Outra característica é que Jesus não apresenta nenhuma

⁵ Cf. KONINGS, 2005, p. 38.

⁶ KONINGS, 2005, p. 21. O autor afirma que o Evangelho segundo João é mentalmente bilíngue, uma vez que demonstra, no texto, que sente e pensa em categorias semíticas ou judaico-bíblicas, enquanto escreve no grego comum (*koiné*).

⁷ TUÑI, Josep-Oriel e ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e Cartas Católicas*. Tradução Pe. Alceu Luiz Orso, cmf. São Paulo: Ave Maria, 1999, p. 18.

⁸ No estudo apresentado por TUÑI e ALEGRE, 1999, p. 19, encontramos, por exemplo, uma predominância das palavras: verdade (46 vezes); de Deus (118 vezes); mundo (78 vezes); conhecer (57 vezes); vida (35 vezes).

⁹ ROLOFF, Jürgen. *A Igreja no Novo Testamento*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Leopoldo: CEBI, 2005, p. 322.

parábola e, muito menos, anuncia o reino de Deus, e sim que n'Ele as pessoas são convidadas a perceber o reino através dos sinais que realiza e a fazer parte dele, pela fé em Jesus (cf. Jo 1,9-14; 20,30-31).

O estilo monolítico levou também D. F. Strauss a afirmar que este evangelho forma uma unidade essencial, como um manto sem costura.¹⁰ A respeito desta unidade literária, outros autores, após uma análise da história da redação, afirmam que ele foi construído em etapas e por diferentes escritores.¹¹ Para alguns autores, sua estrutura foi composta a partir da coleção de “sinais”, da coleção de discursos e da narrativa da paixão, que foram combinadas. Enquanto isso, outros autores fazem a opção por um processo de diversas edições. O mais provável é que, para estes dois casos, o evangelho foi completado por um escritor, sendo que um redator final efetuou o acréscimo do cap. 21 e, talvez, do cap. 1,1-18.¹² Para Konings: “O Evangelho de João é inegavelmente obra de um escritor qualificado, capaz de manejar a arte retórica e dramática, mas, sobretudo, revelador de uma profundidade teológica que ultrapassa a expressão coletiva”.¹³ Ainda a respeito do caráter homilético do evangelho, ele afirma que é decorrente do judaísmo sinagoga, ao qual os discípulos de Jesus pertenciam na Galiléia.¹⁴

Outra peculiaridade é que o estilo e a teologia encontram-se intimamente relacionados, como podemos perceber a partir do seu estilo poético, dos duplos significados, da ironia, das inclusões e transições e dos parênteses e notas de rodapé.¹⁵ Na trama que forma o tecido final deste evangelho, podemos perceber três elementos: a) os fatos da vida de Jesus (que aconteceram em torno dos anos 30 E.C. e iluminam a vida da comunidade joanina); b) os fatos da vida da própria comunidade (que agora percebem uma semelhança do tempo da vida do Jesus histórico com a situação que enfrentavam em seu tempo); c) os comentários feitos pelo próprio redator, em que ele emite sua opinião e dá outras informações, causando muitas vezes dificuldades em distinguir facilmente quando Jesus deixa de

¹⁰ STRAUSS, D. F. apud TUÑI, e ALEGRE, 1999, p.21.

¹¹ Ver o estudo de CHAMPLIN, 1982, p.258-259, onde ele discute a partir da teoria de um único autor, das paredes divisórias, da teoria da redação e da teoria dos deslocamentos. Ele conclui que “nenhuma teoria parece ser tão facilmente demonstrável como aquela que dá apoio à unidade essencial do livro, que diz que somente um autor escreveu este evangelho, com a possível exceção do capítulo vigésimo primeiro”.

¹² BROWN, 2004, p. 461.

¹³ KONINGS, 2005, p. 31.

¹⁴ KONINGS, 2005, p. 42.

¹⁵ Estas características são apresentadas em: BROWN, 2004, p. 459 - 463.

falar e quando o próprio redator começa a falar (cf. Jo 2,22; 3,16-21; 7,39; 12,37-43; 20,30-31).¹⁶

O gênero literário mais empregado, segundo Vancells, é o *diálogo*, o qual tem, como tom fundamental, as discussões ou controvérsias.¹⁷ De fato, os diálogos que encontramos no evangelho da comunidade joanina são bem diferentes¹⁸ dos que se apresentam nos sinóticos, inclusive referente à extensão e conteúdo (cf. Jo 5,19-47). Konings classifica o gênero literário entre a *narrativa* e o *drama* ou até mesmo como teatro (Jo 4; 9; 11; 18 -19,19), onde, para ele, os diálogos são cheios de vida, com indicações de tempo, lugar e mudanças de cena.¹⁹

1.2 A história da formação do evangelho

A história da formação do evangelho tem sido amplamente investigada, mas ainda sem uma unanimidade em suas conclusões.²⁰ Supõe-se que ele foi se formando em etapas, aos poucos, a partir da tradição oral das testemunhas oculares de Jesus de Nazaré. Como conclusão das diversas hipóteses levantadas, Tuñ e Alegre dizem:

¹⁶ MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes e OROFINO, Francisco. *Raios X da Vida*. Círculos Bíblicos do Evangelho de João. Série a Palavra na Vida Nº. 147/148. São Leopoldo: CEBI, 2000, p. 13.

¹⁷ VANCELLS, 1989, p. 41-69. O autor efetua um amplo estudo a respeito dos diálogos em que acentua que as cenas chave do evangelho são apresentadas na forma de diálogo com: Nicodemos, a Samaritana, o pessoal de Cafarnaum, os judeus, as irmãs de Lázaro e os discípulos.

¹⁸ KOESTER, 2005, p. 197, afirma: “os diálogos e discursos do Evangelho de João pressupõem mais do que apenas ditos conforme podem ser encontrados em escritos como o Evangelho de Tomé. Eles são desenvolvidos numa controvérsia com interpretações gnósticas dos ditos de Jesus na forma de diálogos”.

¹⁹ KONINGS, 2005, p.19.

²⁰ TUÑI e ALEGRE, 1999, p.120 -124. “A partir de 3 diferentes roupagens literárias, M. E. Boismard, em 1977, apresenta uma progressiva redação do evangelho de João em quatro etapas: João I, João IIA, João IIB e João III. Já R. E. Brown, em 1966, com base em seus estudos, fala de uma progressiva redação escalonada em cinco etapas: a partir do grupo que inicia a tradição joanina, dentro do judaísmo e inclui seguidores de João Batista; num segundo momento um grupo de judeus se une à comunidade, mas com certa prudência em relação ao Templo; esta comunidade na diáspora realiza a primeira redação a partir de um discípulo amado; em função da necessidade de defesa de sua identidade cristã este grupo reage contra as diferentes ameaças que sofreram e realizam uma segunda redação do evangelho e finalmente a última redação surge a partir de um outro redator que não o inicial. E J. L. Martyn, em 1968, apresenta três fases da composição do evangelho: onde a primeira surge a partir de um grupo de judeus convertidos ligados a sinagoga que apresentam a tradição de Jesus na forma de homilias; a segunda fase a partir do período de forte tensão entre os crentes em Jesus e os judeus – fariseus; e a terceira fase caracterizada pela tensão entre a comunidade joanina e outros grupos afins, que levou a redação final do evangelho”.

a linha de investigação produziu pelo menos um certo grau de consenso nos seguintes pontos: 1) a redação progressiva do evangelho de João; 2) um núcleo narrativo inicial; 3) uma forte interação com a sinagoga farisaica; 4) uma ampliação do núcleo inicial através do trabalho catequético e homilético da comunidade; 5) uma última redação que, ordinariamente, não introduziu aspectos particularmente relevantes, com alguma exceção importante.²¹

Konings apresenta uma história da redação em quatro etapas, destacando a época de cada uma: inicia a partir dos relatos, da pregação oral por um discípulo de Jesus, até os meados do séc. I; depois alude para a probabilidade de uma primeira redação das pregações antes de 70 E.C., já com os sinais, o simbolismo, a cristologia da cruz e da glória, e a escatologia inaugurada, a qual recebeu uma redação final entre os anos 80 e 100 E.C., onde fica claro o conflito com o judaísmo rabínico; e, finalmente, os retoques dados e o cap. 21, quando o evangelho foi posto em circulação.²²

Esta história da formação do evangelho da comunidade joanina pode ser também entendida a partir das suas fontes informativas, as quais são apresentadas por Champlin, tendo, no centro, o Evangelho de João, nos anos 90 – 100 E.C.:

O testemunho ocular e o trabalho editorial de João; o trabalho editorial dos discípulos de João; fontes similares ao “protomarcos”, embora distintas. De proveniência desconhecida, cerca de dez por cento deste evangelho; diversas tradições orais e escritas, provavelmente preservadas pela comunidade cristã de Éfeso; fonte especial e valiosa acerca da história da paixão, de origem muito provável da Palestina; capítulo 21 – epílogo editorial, preparado pelos editores do Evangelho, em Éfeso; alguma influência neoplatônica e mística religiosa, nas formas de expressão e na escolha das idéias.²³

A descoberta, no Egito, do minúsculo fragmento do evangelho, com alguns versículos de Jo 18,31-33.37-38, denominado *Papiro Rylands 457 (P⁵²)*²⁴, demonstrou que a data de uma primeira circulação do evangelho seria antes ou, por volta do ano 130 E.C. Por isso, Koester afirma: “o Evangelho de João deve ter sido levado da Síria para o Egito onde se tornou popular”.²⁵ Há um consenso maior de

²¹ TUÑY e ALEGRE, 1999, p. 124-125.

²² KONINGS, 2005, p. 32-33.

²³ CHAMPLIN, 1982, p. 255.

²⁴ PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p.45-46. Informa que os v.31-33 estão de um lado e os v. 37-38 de outro lado do papiro e que a forma da escrita pode ser atribuída ao início do séc. II. A sua importância está na datação e não na extensão do texto.

²⁵ KOESTER, 2005, p. 203.

que o evangelho da comunidade joanina tenha sido concluído entre os anos 90 e 100 E.C.²⁶

A história da formação do evangelho dá respaldo à sua estrutura a partir das fontes ou coleções usadas. A estrutura geral do evangelho se apresenta da seguinte forma:

1,1-18 – Prólogo com a Introdução e o resumo da Palavra encarnada.

1,19 – 12,50 – Primeira Parte – o Livro dos Sinais: A Palavra revela-se ao mundo.

13,1 – 20,31 – Segunda Parte – O Livro da Glória: A Palavra mostra sua glória e comunica o Espírito da Vida.

21,1-25 – Epílogo: aparições do ressuscitado na Galiléia; segunda conclusão.²⁷

1.3 Autoria e local de origem

A respeito da autoria do evangelho da comunidade joanina não existem indicações precisas. Assim como nos evangelhos segundo Marcos, Mateus e Lucas, não encontramos uma assinatura de seu autor nem dados estabelecidos a respeito da época e do local de suas redações, o mesmo acontece com evangelho da comunidade joanina. Do texto deste evangelho, podemos aduzir uma testemunha ocular que estava junto à cruz: *“Aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; ele sabe que fala a verdade, para que vós também acrediteis”* (Jo 19,35) e, de outra, que se intitula de discípulo: *“Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e as pôs por escrito. Nós sabemos que seu testemunho é verdadeiro”* (Jo 21,24), que se encontra no apêndice do evangelho. Konings apresenta o resumo do que foi aceito, a partir de documentos da Igreja Primitiva:

Escreve Irineu de Lião (c.180): “Depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que se reclinou sobre seu peito, também ele editou o evangelho, enquanto residia em Éfeso da Ásia” (*Adversus Haereses*, III). O documento chamado

²⁶ CHAMPLIN, 1982, p. 251. Para Brown, há também uma aproximação com data, pois ele determina os anos 80 a 110 dC. (cf. BROWN, 2004, p.461).

²⁷ BROWN, 2004, p. 461. Semelhante estrutura também é apresentada por KOESTER, 2005, p.205-206; KONINGS, 2005, p.17; MESTERS, LOPES e OROFINO, 2000, p. 14, sendo que estes introduzem uma dobradiça entre o Livro dos Sinais e o da Glorificação.

Cânon de Muratori (c. 200) diz que, reunidos com João os outros discípulos decidem que ele deve “escrever tudo sob seu nome”. Clemente de Alexandria escreve: “João, o último de todos, vendo que nos evangelhos se mostra o corporal, incentivado pelos amigos, divinamente levado pelo Espírito, compôs o evangelho espiritual” (das *Hipotesis*, cit. por Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*). Os antigos Prólogos latinos dos evangelhos (antes de 200) ensinam que “esse evangelho foi dado às igrejas enquanto João ainda vivia, como narra Pápias de Hierápolis [...] que o escreveu diretamente ditado de João”. [...] Eusébio pensa que o primeiro João mencionado, o apóstolo filho de Zebedeu, seja o autor do Evangelho, e o segundo, o ancião, o autor do Apocalipse – mas essa não é necessariamente a opinião de Pápias, e sim, a de Eusébio, no século IV [...] Por isso, o ancião João pode antes ter sido o autor do Evangelho e das Cartas. Assim, é provável que a mais antiga tradição tenha apontado para o Discípulo Amado João, o ancião, e que posteriormente este tenha sido confundido com o apóstolo João, filho de Zebedeu. É mais provável que a atribuição ao Ancião tenha se transformado em atribuição ao Apóstolo do que o contrário – pois um apóstolo vale mais...²⁸

A atribuição da autoria do evangelho ao Discípulo Amado surgiu a partir de indícios do próprio texto: pelo fato dele estar presente na última ceia, junto à cruz, no sepultamento e no sepulcro vazio (Jo 13,23; 19,26; 20,2.8), seria ele a pessoa que deu testemunho do que viu e por isso escreveu (cf. Jo 21,24). Porém nada é realmente conclusivo, já que no texto ele está anônimo. A identidade do Discípulo Amado, segundo Brown possuiu três hipóteses:

A primeira propõe uma figura neotestamentária conhecida. Além do candidato tradicional (João, filho de Zebedeu), outras sugestões têm incluído Lázaro, João Marcos e Tomé (Charlesworth).[...]. A segunda: alguns estudiosos têm considerado o Discípulo Amado apenas um símbolo, criado para modelar o discípulo perfeito. [...] A presença do Discípulo Amado ao pé da cruz quando os Doze haviam fugido indica apenas que ele não era um dos Doze, nem apóstolo – termo jamais usado em João. Terceira: outros exegetas ainda (com os quais concordo) teorizam que o Discípulo Amado era uma figura secundária durante o ministério de Jesus, demasiado insignificante para ser lembrada pela tradição mais oficial dos sinóticos. Contudo, como essa figura tornou-se importante na história da comunidade joanina (talvez o fundador da comunidade), tornou-se o ideal da imagem do evangelho, capaz de ser contrastado com Pedro como mais íntimo de Jesus no amor.²⁹

Ainda a respeito do autor, deduzido do conteúdo do evangelho, Brown afirma “ser alguém que se considera da tradição do discípulo que Jesus amava. Se se propõe um redator, este também pode ter sido da mesma tradição. Possivelmente existia uma escola joanina de discípulos escritores”.³⁰

Na corrente de não identificar o Discípulo Amado com o apóstolo João, irmão de Tiago, e filho de Zebedeu, Pablo Richard afirma: “A identidade do discípulo

²⁸ KONINGS, 2005, 29-30.

²⁹ BROWN, 2004, p. 501-502.

³⁰ BROWN, 2004, p. 461.

amado é ser discípulo; sua honra ou título é ser discípulo e não apóstolo”.³¹ Ele supõe que o anonimato foi mantido para que a condição de discípulo fosse realmente mais ressaltada.

Como os estudos a respeito da autoria do evangelho permanecem inconclusivos, ficamos por hora com a tradição cristã, que elegeu João por autor, identificando-o como o Discípulo Amado.

Uma particularidade deste autor é que ele tinha uma familiaridade com a Palestina, pois parece conhecer bem locais que só ele descreve, tais como: Betânia (Jo 11,18), o jardim do outro lado do ribeiro do Cedron (Jo 18,1), o pórtico de Salomão, no templo (Jo 10,23), as piscinas de Betesda (Jo 5,2), e de Siloé (Jo 9,7), e o Litostroto [Pavimento] (Jo 19,13), estes últimos, localizados em Jerusalém. Também demonstra uma familiaridade com o universo judaico, pois conhece bem as cerimônias festivas e a teologia em que estão baseadas as festas judaicas, quando fala sobre elas (cf. Jo 5,9b; 6,4; 7,2 e 10,22).³²

No que se refere ao local de origem do evangelho da comunidade joanina, Koester aponta para dois locais: Síria - baseando-se na descoberta do *Papiro Rylands* (o P⁵², datado em torno de 125 E.C., no Egito), que se supõe ter sido levado da Síria para o Egito; e Éfeso, onde, pelo final do séc.II, os dois autores de nome “João”, um do evangelho e outro do Apocalipse, se tornam uma única pessoa, o “João de Éfeso”.³³ Já Champlin vai mais além e indica a probabilidade de quatro locais: Jerusalém, Antioquia da Síria, Éfeso e Alexandria. Em relação a Jerusalém, baseia-se no fato de que os relatos mostram da parte do autor um bom conhecimento dos costumes judaicos, do templo, das situações topográficas de Jerusalém e das circunvizinhanças. Em relação a Antioquia da Síria, entre outras razões, ele apresenta a semelhança entre o pensamento e a fraseologia do evangelho de João e as epístolas de Inácio, bispo de Antioquia. Em relação a Éfeso ele desenvolve sua maior argumentação, baseando-se, inclusive, na tradição que vincula o apóstolo João a essa cidade. Em relação a Alexandria, ele lembra a

³¹ RICHARD, Pablo. Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora. Quarto Evangelho e Cartas de João. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, Nº.17, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994/1, p.20.

³² BROWN, 2004, p. 503.

³³ KOESTER, 2005, p. 203. Para BROWN, 2004, p.461, o lugar da redação tradicional e plausível seria na área de Éfeso, embora alguns façam sua opção pela Síria.

atração que o evangelho exerceu sobre os gnósticos de Alexandria e sua semelhança com os escritos neoplatônicos de Filo de Alexandria.³⁴

1.4 A história da comunidade joanina³⁵

Pela trajetória da história da formação do evangelho, conforme já apresentado nesta pesquisa, no item 1.2, temos alguns indícios de que a comunidade joanina foi se formando aos poucos, em etapas, distintas do tempo da realidade do Jesus histórico. Alguns autores alertam para o fato de que muito pouco sabemos de concreto a respeito do início dessa comunidade, a não ser do que se pode presumir a partir do texto do evangelho.³⁶ Apresentamos a seguir as propostas de Tuñi e Alegre, Brown e Pablo Richard, para as etapas da história da comunidade joanina.

Segundo o estudo de Tuñi e Alegre, com base no evangelho, o desenvolvimento da comunidade joanina aconteceu em seis etapas, a partir de um grupo complexo, composto por diversas facções de gosto e procedência, que ampliou seu horizonte cultural no transcorrer dos anos:

1) Uma comunidade que cresce e aprofunda sua identidade,[...], onde ela amplia sua tradição fundacional; 2) Uma comunidade judeu-cristã,[...], segundo a qual, o Pai de Jesus é o Deus dos judeus [...], já que os títulos messiânicos são aplicados a Jesus: Filho de Deus, Messias, aquele sobre quem Moisés escreveu[...]. O judaísmo da comunidade joanina não se identifica com o judaísmo oficial farisaico [...]; 3) A comunidade joanina vive ou tem vivido, um momento fundacional de sua existência em dura polêmica com a sinagoga, [...] devido a sua confissão de fé em Jesus como o Messias e Filho de Deus, inclusive no ambiente fora da Palestina;[...] 4) Um aspecto fundamental da comunidade joanina é a sua abertura a outros grupos do judaísmo: (samaritanos, Qumran); [...] 5) Tudo está concretizado na história da comunidade [...]; 6) Finalmente, a centralidade de Jesus parece responder ao tipo de experiência cristã na comunidade, mais do que os esquemas culturais ou à força da mesma tradição. A tradição joanina –

³⁴ CHAMPLIN, 1982, p.254.

³⁵ Esta terminologia usada nesta pesquisa se deve ao fato de que ela aparece em: BROWN, 2004, p. 507; VANCELLS, 1989, p.176 e KONINGS, 2005, p. 36, onde o termo aparece no plural.

³⁶ TUÑI e ALEGRE, 1999, p.128, destacam: “Devemos começar afirmando que o nosso conhecimento histórico da comunidade joanina é praticamente inexistente. Não temos, com exceção de João, nenhum dado externo que nos informe o mínimo sobre esse grupo de cristãos”. BROWN, 2004, p.507, apresenta “uma reconstrução histórica da comunidade, mas adverte que apesar dela explicar muitos fatores do evangelho, permanece uma hipótese”.

seja ou não, comum à dos sinóticos – estava aberta a muitas interpretações.³⁷

A reconstrução da história da comunidade Joanina que Brown apresenta, baseada no texto do evangelho e também nas cartas joaninas, está subdividida em quatro fases:

1) A fase que precede o evangelho escrito, mas que modela seu pensamento (até os anos 70 ou 80). Na Palestina, ou perto de lá, os judeus que nutriam expectativas relativamente tradicionais, inclusive seguidores de João Batista, aceitaram Jesus como o Messias davídico, aquele que cumpria as profecias, confirmadas pelos milagres (cf. os títulos em Jo 1). Entre tais judeus, insignificadamente, a princípio, havia um homem que conhecera Jesus, tornara-se discípulo seu durante o ministério público e se tornara o Discípulo Amado. [...]. 2) A fase durante a qual o texto básico foi escrito pelo evangelista [...] A comunidade ou parte dela pode ter-se mudado da Palestina para a diáspora, para instruir os gregos (Jo 7,35), talvez para a região de Éfeso.[...]. 3) A fase durante a qual as epístolas joaninas, 1 e 2 João, foram escritas (por volta do ano 100 d.C.). A comunidade dividiu-se em duas: a) alguns aderiram à visão representada pelo autor de 1 e 2 João (outro escritor joanino, distinto do evangelista). [...] b) muitos desertaram (ao menos na opinião do autor de 1 Jo 2,18-19) e eram anticristos e filhos do demônio,[...]. 4) A fase durante a qual 3 João foi escrita e um redator acrescentou o cap. 21 a João (100-110?d.C.).³⁸

Baseando-se no fato de que o evangelho e as três cartas pertencem à tradição do discípulo amado, Pablo Richard apresenta a história da comunidade em quatro etapas cronológicas:

a) Anos 30 a 50: nascimento da comunidade. É o tempo do testemunho do discípulo amado. Este discípulo é um dos discípulos de João (Batista) que chega a ser discípulo de Jesus. Forma junto com André, Simão, Filipe e Natanael uma primeira comunidade (1,19-51).[...]; b) Anos 50 a 70: identidade própria da comunidade. Nesta época, a comunidade originária do discípulo amado, em fidelidade radical à memória de Jesus, assume uma atitude profética, crítica da Lei e do Templo, e, simultaneamente, se abre para o mundo dos samaritanos e dos gregos (pagãos).[...]. Nesta época, também nasce a alta cristologia do quarto evangelho e o conflito da comunidade com os discípulos de João (Batista), com os cristãos judeus e com os crentes inseqüentes (ou cripto-cristãos). Nesta época, também, a comunidade já vive os sacramentos do Batismo e da Eucaristia, que separava publicamente a comunidade dos grupos recém-mencionados; c) Anos 70 a 90: perseguição da comunidade e escrita do evangelho. Entre os anos 66 e 74 se dá a grande guerra judaica contra Roma. Jerusalém e o Templo são destruídos e nasce o judaísmo rabínico, que tem o Sinédrio ou Academia de Jâmnia (Yabné) como centro. Nesta época possivelmente a comunidade do discípulo amado já tinha se deslocado para o norte da Palestina e talvez até a Síria.[...]. Agora se impõe a hegemonia farisaica, que domina as sinagogas, especialmente na Palestina e Síria. Nessa nova situação se dá, progressivamente, a expulsão dos cristãos da sinagoga. Isto significa uma tremenda crise na comunidade do discípulo amado e uma perseguição por parte dos “judeus” e também por parte do “mundo” (termo que inclui provavelmente também o império romano).[...]; d) anos 90 a 120;

³⁷ TUÑI e ALEGRE, 1999, p. 128-130.

³⁸ BROWN, 2004, P. 507-510.

crise da comunidade e escrita das cartas tendo em vista a unidade da igreja. Neste ano acontece a crise da comunidade do discípulo amado. Nasce em seu meio uma corrente helenizante e gnóstica que espiritualiza o evangelho do discípulo amado. Um ancião da comunidade escreve as três cartas para resgatar a tradição e reinterpretar o evangelho do discípulo amado de acordo como o que era desde o princípio (1Jo 1,1-4).³⁹

1.4.1 Os conflitos da comunidade

Nesta história da comunidade, Pablo Richard destaca que ela viveu em conflitos: 1. *com o mundo*, que caracteriza o âmbito social oposto a Jesus e à comunidade (cf. Jo 8, 23b; 12, 31; 13, 2.27; 14,17.30; 15,18 -19; 17, 6.14-15; 19,36-38); 2. *com os judeus*, referindo-se ao grupos dos fariseus, iniciado a partir do ano 70 E.C. (cf. Jo 9,13s; 7,32.45; 11,45-47.57); 3. *com a sinagoga*, iniciado também depois de 70 E.C., que levou à expulsão dos judeu-cristãos de seu meio, o que afetou profundamente a comunidade do discípulo amado; 4. *com os judeus que crêem em Jesus*, que, provavelmente, devem ter abandonado a comunidade pelo fato de possuírem uma fé insipiente e inadequada (cf. Jo 2,23-25; 6,60-66; 7,3.5.10); 5. *com os crentes inconsequentes (ou cripo-cristãos)*, porque, devido às consequências do conflito com os judeus e a sinagoga, muitos cristãos, com medo, não crescem na fé em Jesus (cf. Jo 3,1-21; 7, 13. 47-52; 12,42-43; 19,38-39); 6. *com os discípulos de João Batista*, que teve início desde a tradição do discípulo amado, até o final da redação do evangelho, onde ele só aparece como João e nunca como João Batista, tal como nos sinóticos, e fica esclarecida sua identidade (cf. Jo 1,6-8.15.19-34); 7. *com as igrejas apostólicas*, a partir da figura do *discípulo amado*, como modelo da igreja do quarto evangelho e Pedro, como o modelo das igrejas apostólicas (cf. Jo 1,35-42; 13,23-26; 18,12-27; 19,25-27 e 20,1-10); 8. *com os dissidentes helenizantes e espiritualistas*, a partir da primeira carta, onde está um comentário do evangelho e contra essas tendências de sua interpretação, que traziam em seu bojo um acento exagerado à divindade de Jesus e negavam sua historicidade, a falta do amor ao próximo e o descuido dos mandamentos e a defesa

³⁹ RICHARD, 1994, p. 24-25.

da escatologia realizada, porque eles acreditavam já estar na luz, possuir a vida eterna e assim estar em Deus.⁴⁰

Para Konings, as comunidades joaninas são, ao mesmo tempo, missionárias e perseguidas, pois dão a impressão de constituir um grupo que se autodefende em sua época.⁴¹

Pelo exposto, podemos entender o caráter único que percebemos no evangelho da comunidade joanina, na forma e linguagem usadas para apresentar Jesus de Nazaré como o Messias, o Filho de Deus que veio ao mundo. No tempo de Jesus, na Palestina, a situação era diferente daquela em que se encontrava a comunidade nos anos 90-100 E.C. na diáspora. Por isso era necessária outra linguagem, para dar resposta aos problemas que viviam na época.

Para entender a história da comunidade, devemos destacar que, na Palestina, a partir dos anos 66 E.C., com a guerra judaica contra os romanos e a consequente destruição de Jerusalém, do templo e a expulsão dos judeus sobreviventes, ocorreu um desmantelamento na vida nacional e religiosa dos judeus. Isto trouxe consequências negativas ao grupo de cristãos⁴² que ainda estavam junto às sinagogas, principalmente na diáspora. A partir de 80 – 90 E.C., o grupo judeu sobrevivente, caracterizado pela corrente farisaica, a partir da cidade de Jâmnia, precisou trabalhar a identidade e a coesão do povo, e começou a expulsar os cristãos da sinagoga. Este também é um dos problemas que a comunidade joanina terá que enfrentar e responder sobre como viver sua fé em Jesus (cf. Jo 9).

⁴⁰ RICHARD, 1994, p.13-23. Veja também em BROWN, E. Raymond. *A Comunidade do Discípulo Amado*. Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 61-91, um amplo estudo a respeito desses grupos com os quais a comunidade se relacionou.

⁴¹ KONINGS, 2005, p. 43.

⁴² É importante levar em consideração que, naquela época, no calor do conflito “Judeus e cristãos viveram naquele conturbado séc. I, a crise do encontro de culturas, interesses e mentalidades diferentes, sentiram seus efeitos, mas não estavam preparados para o choque. Daí a agressividade mútua – em nome do mesmo Deus”. Cf. CNBB, *Uma Igreja que Acredita*. Evangelho Segundo João. São Paulo: Loyola, 1999, p.52.

1.5 A mulher no evangelho segundo a comunidade joanina

No evangelho segundo a comunidade joanina encontramos um destaque para as mulheres, o que era contrário ao que ocorria na sociedade religiosa judaica patriarcal, onde a mulher ocupava posição secundária. Para Konings,

O Quarto Evangelho foi gerado num clima de abertura à mulher maior que o costumeiro no mundo judaico de então, dominado pelo modelo patriarcal. A situação da comunidade joanina na fronteira do judeo-helenismo e do mundo grego pode ter facilitado tal abertura. Mas talvez devamos ir mais longe. A abertura à mulher parece não apenas um traço cultural, mas uma opção consciente. A maneira adequada com que João apresenta as personagens femininas leva a supor um papel ativo de mulheres na evangelização e na vida da comunidade.⁴³

Em Caná, Jesus realiza seu primeiro sinal pela intervenção de Maria, sua mãe, (Jo 2,4-5). No diálogo com a mulher samaritana, Jesus se revela primeiramente a ela como o Messias esperado, ao lhe dizer: “*sou eu, que estou falando contigo*” (Jo 4, 26), e ela se torna anunciadora de Jesus ao povo de sua cidade. É uma mulher, Marta, que proferiu com muita firmeza, sua profissão de fé em Jesus, como Filho de Deus, quando lhe respondeu: “*Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que deve vir ao mundo*” (Jo 11,27). Jesus comovido pela dor de Maria, quando Lázaro seu irmão estava morto o ressuscita (Jo 11,32-33.43-44); e é essa mesma Maria que, depois, irá ungir Jesus. Nos outros evangelhos, a mulher que realiza esta unção não tem nome (cf. Jo 12, 1-8; Mt, 26,6-13; Mc 14,3-9). Para a comunidade joanina foi uma mulher, Maria Madalena, a primeira pessoa a ver Jesus ressuscitado e receber dele a missão de fazer esse anúncio: “*Então, Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: ‘Eu vi o Senhor’, e contou o que ele lhe tinha dito*” (Jo 20,18). Neste evangelho, são mulheres que estão presentes com Jesus na realização do seu primeiro e último sinal (Jo 2,4-5.11; 20,16-18) e que têm um papel importante como exemplo de seguimento e de fé em Jesus, como o Filho de Deus.

⁴³ KONINGS, 2005, p.43.

1.6 Os sinais no evangelho da comunidade joanina

Diferentemente dos sinóticos, o evangelho da comunidade joanina, a partir de tradições mais antigas⁴⁴, apresenta as ações milagrosas de Jesus, seus atos de poder como *sinais*, em número de sete⁴⁵. Dos sinais descritos em João,⁴⁶ apenas três são comuns aos sinóticos (cf. Jo 5,46-54; 6,1-15. 16-21); os outros quatro são exclusivos da tradição joanina: as bodas de Caná, a cura do paraplético há trinta e oito anos, a cura do cego de nascença e a ressurreição de Lázaro (cf. Jo 2,1-11; 5,1-18; 9,1-41; 11,1-44). Para a comunidade joanina, é a forma decisiva como Deus se manifesta em Jesus, ensinando a interpretar as Escrituras.

1.6.1 Características dos sinais

A respeito dos sinais, inicialmente é preciso ver a terminologia usada para os milagres de Jesus nos sinóticos e em João. Nos sinóticos, a palavra *dynamis* é usada para designar os atos poderosos de Jesus que acompanham a presença ativa do reino de Deus entre os seres humanos. João praticamente não fala do reino nem descreve o processo da sua implantação, quer pela expulsão de demônios ou pela cura de enfermidades. Quando utilizada pelos sinóticos, a palavra *semeion* é usada com três conotações: a primeira, em sentido escatológico (Mt 24,3.24.30); a segunda, como prova apologética, para legitimar as pretensões de Jesus (Mt 12,38-39; 16,1-4; Lc 23,8); a terceira, unida com a palavra *teras*, designa os milagres de Jesus e dos apóstolos. Em João, não existe uma correspondência clara entre esses

⁴⁴ A respeito cf. VANCELLS, 1989, p. 26, que se baseia no estudo de C. H. Dodd sobre a tradição histórica no quarto evangelho.

⁴⁵ Cf. Jo 20,30-31: o objetivo de apresentar apenas sete sinais está claro, ou seja, levar a crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que, acreditando, as pessoas tenham vida em seu nome. É que o que também VANCELLS, 1989, p.26-27 destaca: no Evangelho de João, a redução do número de feitos prodigiosos de Jesus para sete é consciente.

⁴⁶ Veja que KONINGS, 2005, p. 85, diverge em relação ao número de sinais que aparecem no Livro dos Sinais, pois Jo 6,1-13 e 6,16-21 são contados como dois sinais, ao passo que outros autores os consideram como um único; sétimo sinal estaria no Livro da Glorificação, pois o sinal por excelência é a ressurreição (Jo 20,1-10.16-18).

três sentidos. Quando o evangelho usa *semeion/semeia*,⁴⁷ quer falar não apenas de atos poderosos de Jesus, mas mostrar a presença da mão poderosa de Deus no meio dos seres humanos, para afirmar que Jesus é a plenitude da revelação salvadora de Deus.⁴⁸

Para Brown, em João “obras e sinais são feitos miraculosos que manifestam quem é Jesus, seu objetivo e sua relação com o Pai”.⁴⁹ Brown apresenta, ainda, uma diferenciação para obra e sinal:

Obra – expressa a perspectiva divina daquilo que está sendo realizada e *Sinal* - indica o ponto de vista humano, no qual a atenção está voltada, não tanto para o miraculoso em si, mas para aquilo que é revelado pelo milagre para os que conseguem enxergar mais longe.⁵⁰

Jesus, na conclusão de um sinal, usa o termo *obra*, esclarecendo assim, sua finalidade (Jo 5,36; 9,3-4; 10,25).

Em relação ao sentido dos sinais⁵¹ no evangelho da comunidade joanina, “eles caracterizam o amor de Deus pela Humanidade e são também a forma pela qual percebemos a ligação de Jesus com as manifestações da glória de Deus no Primeiro Testamento (cf. Ex 16,7-10; 24,17; Nm 14,11-22; Dt 7,19; 29,1-3)”.⁵²

⁴⁷ MATEOS, Juan e BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico del Evangelio de Juan*. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1980, p.269 - 270, assim definem o significado de sinal em João: “sinal é uma ação realizada por Jesus que, sendo visível, leva por si ao conhecimento de uma realidade superior. Supõe a presença de expectadores (12,37) e a sua visibilidade corresponde neles à visão do sinal (2,23; 6,2.14.26)” (tradução nossa). Veja também a definição de sinal em McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 8ª Edição, 2003, p.881 - 882; FABRIS, Rinaldo et al. *Liturgia e Terapia*. A sacramentalidade a serviço do homem e na sua totalidade. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 66 – 68, que apresenta um estudo dos termos taumatúrgicos nos evangelhos e destaca a preferência do uso de *semeion/ semeia* no quarto evangelho, onde o termo aparece 17 vezes.

⁴⁸ TUÑI e ALEGRE, 1999, p. 34-37.

⁴⁹ BROWN, 2004, p. 446.

⁵⁰ BROWN, 2004, p. 466.

⁵¹ MATEOS e BARRETO, 1980, p. 271 – 273, apresentam um estudo sobre os três modos como no evangelho segundo João os sinais podem ser interpretados, a saber: “a) segundo a disposição de quem o percebe, os sinais podem ser interpretados como simples feitos (cf.7,3: *Essas obras que fazes*) ou como verdadeiro sinal; b) nem todas as interpretações que os espectadores dão aos sinais correspondem ao seu verdadeiro sentido, por não aplicar-se o verdadeiro critério de interpretação; c) os sinais de Jesus, expressam todo seu amor, mostram seu desígnio: para terminar o homem derramou o Espírito, a força do amor (Caná); dar-lhe vida (4,50); integridade e liberdade (5,8s); dar-lhe dignidade e independência pelo amor que se expressa no compartilhar e no serviço mútuo (6,10s); iluminá-lo para dar-lhe sua validade, identidade e independência frente ao seu opressor (9,1ss). Quer levar o ser humano ao seu pleno desenvolvimento, segundo o projeto divino. Mas, ao contrário desse objetivo, as interpretações que se propõem têm por denominador comum a dependência de um líder: o Messias reformador pela violência (2,17); ou com a Lei; como o rei que assegura a seus súditos o sustento (6,15); e que com sua autoridade muda a situação em favor dos oprimidos (12,12ss)” (tradução nossa).

⁵² MESTERS, OROFINO e LOPES, 2000, p. 65, também apresentam a importância dos sete sinais para a comunidade: “a certeza de que Deus continua junto com o povo num novo êxodo para a liberdade”.

A respeito da caracterização dos sinais em João, é importante registrar a relação entre os sinais e a fé – (Jo 2,11.23; 3,2; 4,54; 7,31; 10,41; 11,47; 12,37; 20,30), onde, após os sinais, muitos creram em Jesus. É preciso ressaltar que este não é o objetivo, nem o sentido dos sinais, mas sim, a manifestação da glória de Jesus,⁵³ através das obras que Ele realiza (cf. Jo 9,3; 11,4). Jesus mesmo critica e adverte a quem necessita de sinais para crer (cf. Jo 4,48). O importante é crer, mesmo sem ter visto (cf. Jo 20,29). Segundo Vancells, “Os sinais são uma manifestação da glória para aqueles que estão dispostos a penetrar no mistério de Jesus”. Ele completa dizendo:

por isso o quarto evangelho sublinha, muito mais do que os sinóticos, o elemento extraordinário que envolve as ações de Jesus: Lázaro já estava morto há quatro dias, o cego era cego de nascença, o doente da piscina estava doente há trinta e oito anos.⁵⁴

Outro aspecto na forma como o sinal é apresentado no evangelho joanino é a sua estrutura interna, a essencialidade que o sinal possui: é Jesus quem os realiza e para a manifestação da glória de Deus. Este é o sentido revelador, pois “os sinais dão a conhecer a fonte e a origem da atividade de Jesus e a razão mais profunda de sua presença entre os seres humanos”.⁵⁵ É necessário ressaltar ainda a ampliação que o sinal recebe no evangelho da comunidade joanina através do diálogo,⁵⁶ uma vez que é por meio dele que serão explicadas as raízes últimas dos sinais e mostrado o seu sentido revelador. É, também, através do diálogo, que a visão teológica do autor será apresentada.

Em João, a estrutura que o sinal apresenta geralmente é semelhante à que aparece na tradicional descrição de milagres nos sinóticos. Senão vejamos: a) apresentação das pessoas necessitadas ao taumaturgo; b) petição implícita ou explícita por parte do enfermo; c) resposta de Jesus através de um gesto ou de uma palavra; d) realização - constatação do milagre; e) efeitos que produz nos presentes.⁵⁷

⁵³ Para KONINGS, 2005, p.103, o início da manifestação da glória de Jesus se dá em Caná da Galiléia (cf. Jo 2,11). A fé por causa de um sinal é apenas um primeiro passo.

⁵⁴ VANCELLS, 1989, p. 37-38.

⁵⁵ VANCELLS, 1989, p. 39. O autor apresenta, ainda, a diferenciação entre os sinóticos e João em relação à forma de apresentação dos milagres de Jesus.

⁵⁶ Gênero literário já estudado nesta pesquisa no item 1.1- As características literárias do evangelho da comunidade joanina.

⁵⁷ VANCELLS, 1989, p. 28-29, onde o autor alude para a existência de uma coleção de relatos de milagres anterior aos sinóticos e apresenta a semelhança desta estrutura em Jo 9.

1.6.2 Os sinais: sua relação com as festas e o sábado

Os sinais no evangelho da comunidade joanina aparecem sempre no âmbito da realização de uma festa importante na vida do povo judeu.⁵⁸ No primeiro sinal, a festa é de casamento, de bodas (Jo 2,1). No segundo sinal, a festa é da Páscoa (Jo 2,13). No terceiro sinal, é a festa dos judeus (Jo 5,1). No quarto e no quinto sinais, temos, novamente, a festa da Páscoa (Jo 6,4). No sexto sinal, o tempo é da festa das Tendras (Jo 7,2.37). O sétimo sinal está no âmbito da festa da Dedicção (Jo 10,22). E o grande Sinal é a morte e ressurreição, na festa da Páscoa (Jo 11,55; 12;12; 13,1).

O sentido da festa no Primeiro Testamento é o do encontro do povo com Deus. Por isso, é uma assembléia santa, é o momento de o povo ver a Deus e, ao mesmo tempo, de o povo ser visto por Deus. É época especial em que acontece o encontro de três elementos essenciais: Deus, a comunidade e os produtos da terra.⁵⁹ É a época em que se fazia a memória da manifestação da ação libertadora de Deus na história do povo (Lv 23; Dt 16,1). Segundo Mesters, Lopes e Orofino: “O Evangelho de João apresenta Jesus realizando os **sinais** em dias de **festas**, para dizer que neles nos é oferecida uma nova maneira de experimentar a presença de Deus”.⁶⁰

1.6.2.1 A festa das tendras

Queremos destacar a Festa das Tendras (dos Tabernáculos ou das Cabanas), denominada de *Sukkot*, uma vez que é durante a realização desta festa que se dá a cura do cego de nascença descrita em Jo 9.

⁵⁸ KONINGS, 2005, p. 106, destaca que “João é o único a mencionar três páscoas (2,13; 6,4; 11,55)” na vida pública de Jesus, ressaltando o que acontece nelas e também nas demais festas em (5,12; 7,2 e 10,22).

⁵⁹ Cf. PASSETO, Elio, nds. Una percepción de la fiesta de Sukkot en la tradición bíblico-judaica y su relación con la literatura rabínica. In: El Olivo XXXII, 68. *Revista de Documentación y Estudios para el Dialogo Judeo-Cristiano*. Madrid, 2008, p.21. O autor apresenta um amplo estudo sobre a festa de Sukkot nas p.15-38.

⁶⁰ MESTERS, LOPES e OROFINO, 2000, p. 58, ressaltam o sentido definitivo dos sinais: a presença de Deus em nosso meio.

A festa das Tendias está descrita em Dt 16,13; Lv 23,36-39 e Nm 29,12-38. Era uma das três festas que exigia a peregrinação de todos os judeus a Jerusalém (cf. Ex 23,17; 34,23) e que devia ser celebrada com grande júbilo. O nome de Tendias vem da exigência de que todos os israelitas vivessem em cabanas feitas de palmas ou ramos de árvores durante sete dias, lembrando o tempo e o modo como viveram no deserto, após o êxodo do Egito.⁶¹

De acordo com Dt, 16,13, ela dura sete dias e continua por mais um dia (que seria o oitavo dia) como está em Lv 23,36-39. Deve ser celebrada no décimo quinto dia do sétimo mês, mais ou menos entre setembro/outubro. Com base em Lv 23,36-37, é uma festa com dois aspectos: a) *agrícola*, pois festeja a plenitude da colheita, com o armazenamento dos frutos do verão para o inverno; b) e *de memória* do tempo em que moravam em cabanas no deserto, uma vez que, durante esta festa, devem morar em cabanas, sukkot. Para Wollmann,

Habitar em tendias é a memória da precariedade do deserto e a oferta dos frutos da terra representa celebrar a vida, na terra, cuja grandiosidade só pode ser compreendida e celebrada, por quem compreende o caminho do deserto e a fragilidade das tendias.⁶²

A respeito da evolução teológica que a festa das Tendias recebeu ao longo da história de Israel e da sua riqueza espiritual, Elio Passeto evidencia:

Primeiramente, a festa de Sukkot se fundamenta nas Escrituras e ao longo da história, sua prática será portadora de uma evolução teológica que sustenta o povo judeu até os nossos dias. Esta reflexão teológica, já conhecida ao final do período do Segundo Templo e depois de sua destruição (ano 70 d.C.), será mais bem sistematizada nos ensinamentos e escritos dos Sábios de Israel. Por sua vez, a literatura do Novo Testamento dá testemunho da importância da celebração da festa de Sukkot e de sua espiritualidade na vida do povo judeu; e desse fato aprendemos que enquanto o Templo existiu, Jesus, seus discípulos e todos seus seguidores, conviveram ativamente com a liturgia existente da festa e participaram de sua riqueza espiritual⁶³ (tradução nossa).

⁶¹ CHAMPLIN, 1989, p. 376, apresenta também outras características desta festa.

⁶² WOLLMANN, Lauri José. A Festa das Tendias. In: *Palavra Partilhada*, Ano 12, Nº. 01. São Leopoldo: Cebi-Sul, 1993, p. 30.

⁶³ PASSETO, 2008, p.15. Texto original: Primeramente, la fiesta de Sukkot se fundamenta en las Escrituras y a lo largo de la historia su práctica será portadora de una evolución teológica que sustenta al pueblo judío hasta nuestros días. Esta reflexión teológica, ya conocida en el final del período del Segundo Templo y después de su destrucción (ano 70 d.C.), será mejor sistematizada en las enseñanzas y escritos de los Sabios de Israel. A su vez, a literatura del Nuevo Testamento da testimonio de la importancia de la celebración da la fiesta de Sukkot y de su espiritualidad en la vida del pueblo judío; de este hecho aprendemos que mientras en Templo existió, Jesus, sus discípulos y todos sus seguidores, convivieron activamente con la liturgia existente de la fiesta y participaron de su riqueza espiritual.

Durante a celebração da festa das Tendias, era necessário levar água ao Templo para as cerimônias de libações e as oferendas do dia. Esta água era tirada do tanque de Siloé e levada em procissão com cantos dos salmos. Para Champlin, “Essa água recebeu o sentido simbólico do Espírito Santo e da vida que ele transmite; e isso significa que essas águas possuem alguma forma de significado sagrado”.⁶⁴

Esta festa possui ainda uma relação simbólica com a luz e com a alegria: com a luz, porque se usava tochas acesas, quando se retirava água à noite do tanque de Siloé; com a alegria, porque se usava instrumentos musicais, já que, segundo o ensinamento de Rabí Yoná, o Espírito Santo desce sobre quem tem um coração alegre (cf. 2 Rs 3,15).⁶⁵ Temos assim os três componentes básicos desta festa: a água, a luz ou o fogo e a alegria. A manifestação da alegria dava-se através de danças, de instrumentos musicais, de procissões e de textos litúrgicos (Salmos) que acompanham toda a celebração.

Na liturgia da festa de Sukkot, a comunidade expressa sua experiência com Deus. Segundo Elio Passeto,

o cenário desta experiência escatológica é representado através da alegria intensa, celebrada e expressada através das louvações cantadas e proclamadas em torno da água e da luz, como manifestações visíveis da presença de Deus⁶⁶ (tradução nossa).

1.6.2.2 O sábado

Em relação ao acontecimento de sinais em dia de sábado, somente dois deles registram isso: a cura do homem paraplético há trinta e oito anos e do cego de nascença (Jo 5,9.18; 9,14). Ressalte-se que o primeiro sinal é realizado no sétimo dia (Jo 2,1; cf. 1,29.35.43), culminando assim a semana inaugural da manifestação de Jesus. O Sábado é para os judeus o dia do repouso de Deus sobre toda a criação, é a presença plena de Deus sobre tudo, inclusive nas casas (Lv 23,3). Por isso é o dia sagrado – separado (Gn 2,2-3), o meio para se deleitar no Senhor (Is

⁶⁴ CHAMPLIN, 1989, 247.

⁶⁵ Cf. PASSETO, 2008, p. 26-27.

⁶⁶ PASSETO, 2008, p.28. Texto original: el escenario de esta experiencia escatologica es representado a través de la alegría intensa celebrada y expresada, a través de las alabanzas cantadas y proclamadas en torno al agua y la luz como manifestaciones visibles de la presencia de Dios.

58,13-14). É o dia por excelência consagrado a Deus e por isso do encontro com Deus.

No livro do Êxodo encontramos: “*Lembra-te do dia de Sábado para santificá-lo*” (Ex 20,8). A respeito da santificação deste dia, afirma a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB:

O sábado judaico celebra a vitória de Deus sobre todo tipo de escravidão – desde o caos inicial, a escravidão no Egito e tudo o que despersonaliza, sem esquecermos a escravidão do dia-a-dia e do horário. É imagem do shalom messiânico.⁶⁷

Os dois sinais que Jesus efetua em dia de Sábado vem realizar plenamente a santificação desse dia, uma vez que o próprio Jesus assim argumenta: “por vontade do Pai, o sábado é dia de libertação, de promoção da vida (cf. Jo 5,19-31); por isso, age corretamente quem se guia por esse critério”.⁶⁸

A partir do apresentado nesta parte da pesquisa, já possuímos diversos elementos que muito nos ajudarão a desenvolver o estudo mais aprofundado da perícopes de Jo 9, o que nos propomos a efetuar no próximo capítulo.

⁶⁷ CNBB, 1999, p. 56.

⁶⁸ CNBB, 1999, p. 57.

2 A CURA DO CEGO DE NASCENÇA – Jo 9,1- 41

Um dos objetos desta pesquisa é estudar a narrativa da cura do cego de nascença, com um acento na libertação das normas dos judeus e na conversão a Jesus Cristo, pelo que fora cego desde o nascimento,⁶⁹ como também na catequese desenvolvida na comunidade joanina, através da transmissão desta narrativa.⁷⁰ Pretendemos levantar alguns aspectos a respeito de como aconteceu a libertação dos condicionamentos da lei sabática, das normas e dos ensinamentos da Sinagoga, naquele que era cego, levando-o, após a sua cura, a converter-se a Jesus Cristo. E, no que se refere à catequese desenvolvida na comunidade, pretendemos identificar os passos utilizados nesse processo.

Diversamente da maioria dos estudos sobre esta narrativa, o direcionamento não se dará, preferencialmente, em relação ao tema de Jesus ser a “luz do mundo”,⁷¹ o que confirmaria a citação em Jo 8,12: “*Eu sou a luz do mundo*”. Entendemos que isso está implícito nas consequências da cura do cego, uma vez que, ao ver e reconhecer Jesus como o Messias, o Filho do homem, sua vida estará totalmente iluminada por ele, pois a luz de Cristo clareia e dissipa as trevas que impedem o conhecimento e uma verdadeira adesão a Deus, em toda pessoa que para ela se volta.

⁶⁹ SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2010, p. 958, destaca: “Na cura do cego de nascença (Jo 9) narra-se o processo do desenvolvimento da fé, desde seu surgimento até uma fé que confessa e que se comprova publicamente”.

⁷⁰ KONINGS, 2005, p. 196, ressalta: “A narrativa do cap. 9 integra a série de ‘sinais’ de Jesus (cf. 9,16). João não quer apenas mostrar o valor simbólico da vitória da luz sobre as trevas (cf. 9, 3-5), mas também contribuir para a iniciação cristã e mistagogia (a cura é semelhante ao batismo) e para a apologética (um verdadeiro seguidor de Jesus defende seu Mestre na hora da perseguição)”.

⁷¹ A maioria dos comentadores e estudiosos desse texto destaca o tema “Jesus, a Luz do Mundo” como um dos principais, nesta narrativa. Por exemplo: cf. MATEOS, Juan e BARRETO, Juan. *Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989. p.404-414; BRUCE, F.F. *João*. Introdução e Comentário. Tradução Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1990. p. 184, que afirma: “O incidente introduzido nestes primeiros versículos do capítulo 9 é uma parábola encenada que apresenta o ministério de Jesus como a *luz do mundo*”; KONINGS, Johan. *João*. A bíblia passo a passo. São Paulo: Loyola, 1997. p.42, a respeito dos v. 1-7 do cap. 9, classifica como o sinal de Jesus, luz do mundo; PALLARES, José Cárdenas. Jesus, a luz que ilumina e que põe em evidencia (Jo 9,1-41). In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, N^o. 17. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 36; BROWN, 2004. p. 476; SABUGAL, Santos. *ΧΡΙΣΤΟΣ* *Investigación exegética sobre la cristología joannea*. Barcelona: Herder, 1972. p.305; SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según San Juan*. Versión y comentario. Barcelona: Herder, 1980, p. 300; ALMEIDA, Maria Aparecida Andrade. *Eu sou a luz do mundo*: Um estudo do significado do termo luz em Jo 9,1-41. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

No evangelho da comunidade joanina, a cura do cego de nascença é o sexto sinal realizado por Jesus, dentre os sete que nele são descritos. Uma característica do texto de Jo 9, 1-41 é que ele apresenta a maior narrativa a respeito de um sinal realizado por Jesus, depois da narrativa da ressurreição de Lázaro (cf. Jo 11,1-43). Segundo Theissen, a classificação deste sinal é de um milagre de normas,⁷² sendo que para outros autores é simplesmente uma cura.

Elegemos o método-histórico crítico⁷³ para desenvolver o estudo de alguns aspectos do texto de Jo 9,1-41. Serão também utilizadas, nesta pesquisa, as contribuições das abordagens sociológicas e antropológicas, da Leitura Popular e da Leitura Orante da Bíblia.⁷⁴

2.1 Tradução e comparação de traduções⁷⁵ Jo 9,1-41

Apresentamos a seguir a tradução própria e depois efetuaremos a comparação entre algumas traduções que já existem, em relação ao texto grego do *Novum Testamentum Graece (NTG)*.

2.1.1 Tradução própria⁷⁶

Jo 9,1 E passando viu um homem cego de nascença. ² E perguntaram (a) ele os discípulos dele dizendo: Rabi, quem pecou, este ou os pais dele para que cego

⁷² THEISSEN, 1974 apud WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 3 ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 193. Em nota a respeito, na p. 364, Wegner destaca que para Theissen “os milagres de normas têm por objetivo fazer valer as exigências consideradas santas. Elas podem tanto fundamentar certas normas quanto premiar ou castigar comportamentos compatíveis ou adversos às mesmas”. Acrescenta ainda que “os milagres de normas são enquadrados nas ‘terapias’”.

⁷³ A respeito do método-histórico crítico cf. WEGNER, 2002, p. 17-23.

⁷⁴ A Leitura Popular e a Leitura Orante da Bíblia serviram de inspiração e apoio durante toda a pesquisa. Os textos encontram-se nos Apêndices A e B, respectivamente, nesta pesquisa.

⁷⁵ A tradução é o primeiro passo a ser efetuado no trabalho de exegese, cf. WEGNER, 2002, p. 28.

⁷⁶ Tradução literal efetuada com auxílio do programa BibleWorks for Windows, Norfolk, 2005, versão 6.0, 1 CD Rom; e do dicionário de GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Revisão de Frederick W. Danker. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 2007.

nascesse? ³ Respondeu Jesus: nem este pecou, nem os pais dele, mas para que fossem manifestadas as obras de Deus nele. ⁴ É necessário que façamos as obras de quem me enviou enquanto é dia; vem (a) noite quando ninguém pode trabalhar. ⁵ Enquanto no mundo estiver, sou luz do mundo. ⁶ Estas coisas dizendo cuspiu no chão e fez barro da saliva dele e untou o barro sobre os olhos, ⁷ e disse a ele: vai lavar-te na piscina de Siloam [interpretado (quer dizer) Enviado]. Foi e lavou-se e voltou vendo. ⁸ Então os vizinhos e os que viam a ele anteriormente que mendigo era diziam: Não é este o que ficava sentado e mendigava? ⁹ Uns diziam: é este, outros diziam: não, mas é semelhante a ele. Aquele dizia: eu sou. ¹⁰ Diziam pois a ele: como então foram abertos os teus olhos? ¹¹ Respondeu aquele: o homem chamado Jesus fez barro e untou meu os olhos e disse a mim: vai para Siloam e lava-te; tendo ido e me lavado, vi. ¹² E disseram a ele: onde está aquele? Diz: não sei.

¹³ Levam ele para os fariseus o outrora cego. ¹⁴ E era sábado o dia no qual Jesus fez o barro e abriu os olhos dele. ¹⁵ Novamente então perguntaram a ele também os Fariseus como começou a ver. E disse a eles: barro untou sobre meu os olhos e lavei-me e estou vendo. ¹⁶ Diziam, pois alguns dentre os fariseus: não é este homem de Deus que o sábado não guarda. Outros, porém diziam: como pode um homem pecador tais sinais fazer? E divisão havia entre (a) eles. ¹⁷ E dizem ao cego novamente: Que tu dizes a respeito dele que abriu teu os olhos? Ele porém disse: que é profeta.

¹⁸ Não acreditaram então os judeus sobre ele que era cego e começou a ver até que chamaram os pais do que (tinha) começado a ver ¹⁹ e perguntaram a eles dizendo: este é o vosso filho que vós dizeis que nasceu cego? Como vê agora? ²⁰ Responderam, pois, os pais dele e disseram: sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; ²¹ como, porém, agora vê, não sabemos, ou quem abriu dele os olhos nós não sabemos; (a) ele perguntai, idade tem, ele a respeito de si mesmo falará. ²² Estas coisas disseram os pais dele porque temiam os judeus; pois já tinham combinado os judeus que se alguém o confessasse Cristo, expulso da sinagoga seria. ²³ Por isto os pais dele disseram que idade tem, (a) ele perguntai.

²⁴ Chamaram, pois, pela segunda vez o homem que era cego e disseram a ele: Dá glória ao Deus; nós sabemos que este homem é pecador. ²⁵ Respondeu, pois, aquele: se é pecador, não sei; uma coisa sei: sendo cego, agora vejo. ²⁶

Disseram, pois a ele: que fez a ti? Como abriu os teus olhos? ²⁷ Respondeu a eles: já disse a vós e não ouvistes; por que novamente quereis ouvir? Quereis também vós tornar-vos discípulos dele? ²⁸ E o insultaram e disseram: tu és discípulo daquele, nós, porém, de Moisés somos discípulos; ²⁹ nós sabemos Deus falou a Moisés, este porém não sabemos de onde é. ³⁰ Respondeu o homem e disse a eles: nisto pois o maravilhoso é que vós não sabeis de onde (ele) é, e abriu os meus olhos. ³¹ Sabemos que pecadores Deus não ouve, mas se alguém for temente a Deus e a vontade dele fizer, a este ouve. ³² Desde o princípio não foi ouvido que alguém abriu olhos de um nascido cego; ³³ se não fosse este da parte de Deus, não poderia fazer nada. ³⁴ Responderam e disseram a ele: em pecados tu foste nascido todo e tu ensinas a nós? E expulsaram ele para fora.

³⁵ Ouviu Jesus que expulsaram ele para fora e encontrando-o disse: Tu crês no Filho do homem? ³⁶ Respondeu aquele e disse: e quem é, senhor, para que eu creia em ele (nele)? ³⁷ Disse-lhe Jesus: já o tens visto e é o que fala contigo ³⁸ Ele disse: Creio, Senhor, e prostrou-se diante dele.

³⁹ E disse Jesus: para juízo eu para este mundo vim, para que os que não vêem, vejam, e os que vêem se tornem cegos. ⁴⁰ Ouviram dentre os fariseus estas coisas os que com ele estavam e disseram a ele: também nós somos cegos? ⁴¹ Disse-lhes Jesus: se cegos fosseis não teríeis pecado; agora porém dizeis: vemos, o vosso pecado permanece.

2.1.2 Comparação de traduções

As traduções que serão comparadas: Almeida, Jerusalém e CNBB⁷⁷. Iremos comentar apenas os versículos em que a tradução está em desacordo com o texto original grego.⁷⁸

No v. 4 constatamos uma diferença na tradução de Almeida, o verbo fazer está na primeira pessoa do singular (que eu faça), enquanto nas demais aparece na

⁷⁷ BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira Almeida. ed. rev. e corrigida. Santo André: Geográfica, 2009; BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1991; BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2007. O texto de comparação das traduções encontra-se no Apêndice C nesta pesquisa.

⁷⁸ NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 1993. p. 278 -281.

terceira pessoa do plural (temos de realizar e façamos). Comparando com o texto grego: ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με (*hemas dei ergazestai ta erga tou pempantos me*), onde *hemas está* na primeira pessoa do plural e no acusativo, significando *nós*, o que indica a inclusão de mais pessoas na tarefa a ser realizada e no final, o pronome pessoal no acusativo singular (*me*) significando *me*. O problema está depois na concordância do plural com o singular -> *nós* e *enviou-me*.⁷⁹

No v. 8, Almeida e CNBB apresentam a tradução que “era cego”, com base numa leitura variante, enquanto na Jerusalém consta *era mendigo*. No texto grego adotado não encontramos nenhuma referência a cego, e sim, a mendigo: αὐτὸν το πρότερον ὅτι προσαίτης ἦν (*auton to proteron hoti prosaites en*), com uma tradução literal: *o que anteriormente era mendigo*.⁸⁰ Entendemos que, por ser cego, ele pedia esmolas para sobreviver.⁸¹

No v. 11, as traduções adotam várias palavras para descrever a cura da cegueira. Na Almeida encontramos “e vi”; na Jerusalém “e recobrei a vista”, e na CNBB “e comecei a ver”. Comparando com o texto grego temos: καὶ νιψάμενος ἀνέβλεψα (*kaí nipsamenos aneblepsa*), cuja tradução literal seria: *e tendo-me lavado, vi* (podemos usar também fiquei vendo), pois, o verbo (*aneblepsa*) está na voz ativa, no indicativo aoristo. Em relação a “recobrei a vista”, usado na Jerusalém, parece indicar que a pessoa teria tido visão anteriormente e agora a recobrava, o que não é o caso para uma pessoa cega de nascença.⁸²

⁷⁹ MICHAELS, J. Ramsey. *João. Novo comentário bíblico contemporâneo*. Tradução Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 173, esclarece: “havia uma tendência em antigos manuscritos para remover a discrepância aparentemente inapropriada entre o plural e o singular: i.e., ‘devo fazer as obras daquele que me enviou’, ou ‘devemos fazer as obras daquele que nos enviou’. A redação mais difícil encontrada no texto é, talvez, a correta; a segunda variante (aquela em que há dois plurais) também é difícil; todavia, o fraseado ‘aquele que nos enviou’ foge tanto do estilo joanino que o torna suspeito”; e também CHAMPLIN, 1982, p. 425, que confirma no original a forma (*hemás*) é correspondente a “nós”.

⁸⁰ CHAMPLIN, 1982, p.427, ressalta que: “em lugar da palavra *cego* que aparece em algumas traduções (como as traduções AC e KJ), os melhores manuscritos dizem *esmoleiro* (no que são acompanhados por quase todas as demais traduções), seguindo os mss P(66), P (75), Aleph, B D K L X, Fam Pi e a maioria das versões, o que forma uma evidência textual avassaladora. O termo *cego* foi inserido por empréstimo da condição de cegueira”.

⁸¹ A respeito de o cego ser mendigo: ver BRUCE, 1990, p.185: “O único meio de uma pessoa deficiente como ele obter dinheiro ou alguma coisa era através da mendicância”; e CHOURAQUI, André. *IOHANÂN* (O Evangelho João). Tradução Leneide Duarte e Leila Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.160.

⁸² Encontra-se outra tradução semelhante para *aneblepsa*: “tornei a ver” no Novo Testamento Interlinear Grego-Português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. p.383.

No v. 21, usa-se várias palavras para dizer a mesma coisa. Na Almeida: “*ele falará por si mesmo*”; na Jerusalém: “*ele mesmo se explicará*”; e na CNBB: “*ele pode falar sobre si mesmo*”. No texto grego não aparece o verbo explicar e sim falar: αὐτὸς περὶ ἑαυτοῦ λαλήσει (*autos peri heautou lalēsei*), cuja tradução literal seria: “*ele a respeito de si mesmo falará*”, pois o verbo (*lalēsei*) está na voz ativa do modo indicativo, no futuro, na terceira pessoa do singular: falará/ contará (embora possa também ser entendido como explicará).

No v. 31, a palavra: θεοσεβῆς (*teosebes*), pode ser traduzida como: devoto, piedoso, receoso a Deus ou temente a Deus. Na Almeida está: “*temente a Deus*”; na Jerusalém: “*religioso*” e na CNBB: “*piedoso*”.

No v. 35, a Almeida, com base numa leitura variante, apresenta: Crês tu no Filho de Deus?, enquanto que na Jerusalém e na CNBB, aparece: Crês no Filho do homem? Com base no texto grego adotado - σὺ πιστεύεις εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου - (*sy pisteueis eis ton hyion tou antropou*) a tradução literal é: *crês tu no Filho do homem?*

A respeito das mudanças que ocorreram no texto grego em seus diversos manuscritos, iremos, a seguir, aprofundar o estudo, com a crítica textual.

2.2 Crítica textual

Com os instrumentos da crítica textual⁸³, que é o segundo passo da exegese, pretendemos identificar a variante que mais se aproxima do texto original grego da perícopre de Jo 9,1-41, a ser usada, para que possamos, a partir dela, continuar o estudo. Como já evidenciado, o texto base será do *Novum Testamentum Graece (NTG)*, o qual apresenta os elementos necessários para esta tarefa. Iremos abordar apenas alguns versículos da perícopre, onde, a partir da tradução, já foram detectadas discordâncias, como também aqueles que, para a crítica textual, apresentam evidências de alteração significativas em relação ao original grego.

⁸³ Seguiremos os passos segundo: WEGNER, 2002, p.39 – 83; as contribuições de PAROSCHI, 1993, p. 14-73. 141-214, e de SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.45-77.

No v. 4, na frase ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με, o *NTG* apresenta como original o pronome pessoal ἡμᾶς (primeira pessoa, acusativo plural), atestado pelos Papiros 66 e 75, pelos manuscritos maiúsculos Sinaítico (original), Vaticano, Beza, Régio, Washington, 070 e poucos outros, e pelas versões saídica, protoboáirica e boáirica.⁸⁴ Porém, outras testemunhas, também importantes deste texto, apresentam uma substituição, trazem o pronome pessoal ἐμέ⁸⁵ no acusativo singular, tais como: os Códices Sinaítico (corrigido), Alexandrino, Efraimita, Korideto e Laureense, as famílias de minúsculos 1 e 13 e o minúsculo 33, além do Texto Majoritário e as versões latinas, siríaca, acmímica e copta. Outra substituição que ocorre neste versículo está em πέμψαντός με, onde o pronome με (acusativo singular = me) é substituído por ἡμᾶς, (acusativo plural = nós), o que é atestado pelos papiros 66 e 75, pelo Códice Sinaítico (original), Régio, Washington e versões coptas. Porém, esta variante não foi assumida pelo *NTG*, uma vez que não ocorre nos Códices Vaticano e Beza. Segundo Champlin, a forma πέμψαντός ἡμᾶς não é uma expressão joanina e parece ter sido introduzida nos manuscritos onde aparece, para uma concordância com o ἡμᾶς δεῖ do início do versículo.⁸⁶ Conforme a tradução apresentada, a indicação do texto é clara, Jesus, é o enviado do Pai e o trabalho a ser efetuado, o será também feito pelos seus seguidores.

No v. 6, o verbo ἐπέχρισεν, atestado pelos Papiros 66 e 75, pelos Códices Sinaítico, Alexandrino, Efraimita, Beza, Régio, Washington, Korideto, Laureense, 070, 0216, as famílias de minúsculos 1 e 13, minúsculo 33, o Texto Majoritário, todas as versões siríacas e, ao que parece pela versão latina de Irineu, é substituído por ἐπέθηκεν (aoristo de ἐπιτίθημι) no Códice Vaticano e poucos outros, que era uma variante admitida como texto original em versões anteriores de Nestle-Aland, divergindo do Texto Majoritário.⁸⁷

⁸⁴ Cf. CHAMPLIN, 1982, p. 425, esclarece a preferência ao uso de (ἡμᾶς δεῖ) por (ἐμέ δεῖ) atestada também por: \aleph^o , A C K X Δ Θ Π entre outros, “por causa de seu apoio externo um tanto superior e, por ser levemente mais provável que copistas tivessem alterado ἡμᾶς por ἐμέ e não vice versa”.

⁸⁵ Cf. MATEOS, e BARRETO, 1989, p. 406, conclui que ἡμᾶς (nós) é uma variante crítica melhor do que ἐμέ (me/eu).

⁸⁶ CHAMPLIN, 1982, p. 425.

⁸⁷ Cf. CHAMPLIN, 1982, p.425-427, onde afirma que: “Talvez porque o verbo <ungir> parecia impróprio para descrever a aplicação de lodo, alguns poucos copistas substituíram um termo mais geral, ou ἐπέθηκεν (B Diatessaron (i)) ou < ele tocou seus olhos com o lodo > (cop (as))”.

No v. 35, a expressão υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου, atestada pelos Papiros 66 e 75, pelos Códices Sinaítico, Vaticano, Beza e Washington, pelas versões siríacas e coptas, é substituída por υἱὸν του θεοῦ nos Códices Alexandrino, Régio, Korideto, Laureense, 070 e 0250, nas famílias de minúsculos 1 e 13, no minúsculo 33, no Texto Majoritário, nas versões latinas, siríacas e coptas. Para Champlin, as evidências para o uso de ἀνθρώπου são grandes, uma vez que é a forma que aparece em maior número de cópias.⁸⁸

Nos v. 38-39a, encontramos uma discordância em relação à sua presença em alguns manuscritos, porque as palavras ὁ δὲ ἔφη· πιστεύω, κύριε· καὶ προσεκύνησεν αὐτῷ. Καὶ εἶπεν ὁ Ἰησοῦς·, não aparecem no Papiro 75, nos Códices Sinaítico (original) e Washington, no códice latino b, na versão copta saídica, copta, subacmímica e na copta faiúmica do Médio Egito. Porém, com pequenas variações, estas palavras dos v.38-39a aparecem no Papiro 66 e nos Códices Vaticano e Beza. É de ressaltar que a palavra ἔφη é rara em João, só aparece também em Jo 1,23, e que, προσεκύνησεν aparece apenas esta vez no evangelho. Brown, sugere que as palavras dos v.38-39a “podem ter sido < uma adição derivada da associação de Jo 9 com a liturgia batismal e a catequese >”.⁸⁹

Uma regra da evidência interna na crítica textual indica que é preferível o texto mais curto ou breve.⁹⁰ Assim, considerando a ausência dos vs. 38-39a, teríamos uma leitura dos vs. 37.39, como uma fala contínua de Jesus: εἶπεν αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· καὶ ἑώρακας αὐτὸν καὶ ὁ λαλῶν μετὰ σοῦ ἐκεῖνός ἐστιν. εἰς κρίμα ἐγὼ εἰς τὸν κόσμον τοῦτον ἦλθον, ἵνα οἱ μὴ βλέποντες βλέπωσιν καὶ οἱ βλέποντες τυφλοὶ γένωνται. (*Disse a ele Jesus: e o viste e é aquele que fala contigo. Para juízo eu vim para este mundo, para que os que não vêem, vejam, e os que vêem se tornem cegos*), o que daria uma coerência à missão do υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου (*do Filho do homem*, no v.35) realizar o julgamento do mundo: τοῦτον ἦλθον, ἵνα οἱ μὴ βλέποντες βλέπωσιν καὶ οἱ βλέποντες τυφλοὶ γένωνται.

Podemos considerar, também, que uma inclusão posterior dos versículos 38-39a deveu-se à necessidade de contrapor, de forma mais clara, o que fora cego, que crê em Jesus, aos fariseus, que não crêem, evidenciando assim a oposição

⁸⁸ Cf. CHAMPLIN, 1982, p. 435.

⁸⁹ BROWN, 1966, p. 375, apud CHAMPLIN, 1982, p.436.

⁹⁰ Cf. WEGNER, 2002, p. 47.

entre os que conseguem ver o Filho do homem e os que não vêem. Também, como já citado, é provável que esta inclusão seja devido ao uso litúrgico-catequético do texto em época pouco posterior ao final da redação. A leitura adotada pelo *NTG*, deste texto é testemunhada por importantes manuscritos, e por este motivo faremos a análise com base nela sem, porém, desconsiderar as contribuições desta análise crítica.

2.3 Análise literária⁹¹

Pretendemos estabelecer a delimitação da perícopé,⁹² identificando sua unidade e integridade literária, estrutura e sub-divisões, o gênero literário e as fontes usadas pelo autor, para que possamos com segurança realizar a exegese da mesma.

2.3.1 Delimitação e unidade

A respeito da delimitação e unidade da perícopé de Jo 9, alguns autores concordam que ela se apresenta como uma unidade literária e independente em 9,1-41,⁹³ ao passo que outros fazem a ligação de 9,1 com o v. anterior, 8,59, uma vez que Jesus saiu do templo em meio à ameaça dos judeus de apedrejá-lo.⁹⁴ Outros, porém, incluem a narrativa de Jo 9, no discurso do Bom Pastor em 10,1-21,

⁹¹ Cf. WEGNER, 2002, p.84-121.

⁹² Embora alguns outros estudiosos deste texto tenham efetuado primeiro a sua delimitação, para depois realizar a crítica textual, optamos por seguir a sequência de acordo com WEGNER, 2002, p. 84-121.

⁹³ Cf. SABUGAL, 1972, p. 304-308, que se baseia em que palavras (τυφλός, ἀμαρτάνειν, ἀμαρτία) formam uma clara inclusão e que também (τυφλός, βλέπειν, ἀνοίγνυμι) determinam a unidade temática do texto e que a sua unidade dramática é visível; SCHNACKENBURG, 1980, p. 300; BOOR, Werner de. *O Evangelho de João I*. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2002. p.23, afirma que o relato a partir de 9,1 não precisa ligar-se diretamente a 8,59; KONINGS, Johan. *Encontro com o Quarto Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 44, destaca: “Jo 9 é a unidade dramática mais perfeita do Quarto Evangelho”; MICHAELS, 1994, p. 169, a respeito de 9,1: “a despeito da transição suave, fica claro que se inicia um novo capítulo, na verdade, uma nova seção, na estrutura do Evangelho”.

⁹⁴ CHAMPLIN, 1982, p.423, ressalta: “Diversos comentadores vinculam esse milagre (9,1-41) com a controvérsia do capítulo anterior”.

constituindo uma única seção, formada por duas sequências: 9,1-38 e 9,39 – 10,21.⁹⁵

O início em 9,1 pode ser afirmado a partir de alguns indícios: nova forma de redação, mudança de diálogo de controvérsia para uma narrativa dramática com discursos; um novo local, agora fora do templo; outros personagens, em que a maior evidência é dada ao cego, e outra temática. Tudo isso acontece com uma transição suave na narrativa, após 8,59: “Jesus ia passando, quando viu um cego de nascença” (9,1). Já a respeito de seu término em 9,41, encontramos controvérsias.⁹⁶

2.3.2 Integridade e coesão interna

Quanto à integridade literária, um indicativo de autonomia do texto e de sua coesão interna é a centralidade na cura do cego, em que ele é o personagem central. Há um intenso movimento em toda a perícopa: inicialmente Jesus passa e vê o cego de nascença, que está fora do templo, dialoga com seus discípulos e aplica lodo nos olhos do cego (9,1-6); manda o cego à piscina de Siloé (fora da cidade), ele vai lava-se, fica curado e volta (9,7); os vizinhos o levam até os fariseus (9,13); os judeus chamam os seus pais (9,18); chamam novamente o que fora cego (9,24); o expulsam da sinagoga (9,34b) e Jesus o encontra novamente (9,35).

Os personagens e o movimento intenso entre eles não transparecem mais a partir de 10,1, o que nos indica que há aí um término no episódio da cura do cego de nascença, sendo, mesmo que a questão seja retomada em 10,19-21. Outro elemento que indica seu término em 9,41 é a posterior mudança da temática (da cura da cegueira e da luz, para elementos pastoris) e a sequência das palavras *amém, amém*, que não aparecem anteriormente. Inicia-se, em 10,1 um monólogo de

⁹⁵ MATEOS e BARRETO, 1989, p. 404 – 405; DODD, Charles Harold. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Teológica, 2003, p. 459-464, afirma que “as duas partes: 9,1-10,21 e 10,22-39, estão intimamente ligadas, e juntas constituem uma unidade joanina simples de narração e discurso”. Mas indica também a necessidade de um estudo mais acurado, e posteriormente o desenvolve, embora destaque: “que não fica claro que o episódio da cura do cego, tenha se encerrado em 9,41”; KONINGS, 2005, p.192-210, onde os dois textos (9,1-41 e 10,1-21) aparecem unidos e classifica 10,1-21 como um epílogo do cap. 9, em que em 10,19-21 é retomada a questão da divisão em torno de Jesus, o que remete a 9, 1-7.

⁹⁶ SCHNACKENBURG, 1980, p. 302, “discute a questão se Jo 10,19-21 constitui originalmente a conclusão desta história (9,1-41), e que no momento aceita o término dela em 9,41” (tradução nossa).

Jesus a respeito do Bom Pastor, embora contenha alusão à cegueira daqueles que não o reconhecem como o verdadeiro pastor em 10,19-21.⁹⁷ Optamos, portanto, em delimitar a perícopes a 9,1-41.

Percebemos nela, inicialmente, um paralelismo antitético⁹⁸ entre os v.2 e o v.41: no v.2, a cegueira é atribuída ao pecado dos pais; no v.41 se diz que o pecado dos fariseus permanece pela sua obstinação de insistir em ver.⁹⁹ Um estudo detalhado vai revelar que em toda perícopes há um grande uso deste recurso, nas falas dos personagens.

Esta narrativa é única nos evangelhos. Os sinóticos também narram a cura de cegos, mas não de nascença (Mc 8,22-26; 10,46-52; Mt 9,27-31; 20,29-34 e Lc 18,35-43), o que pode indicar que grande parte do material que compõe os cap.1,19 - 12, é próprio, oriundo, provavelmente, de uma fonte de σημεῖα (“fonte de sinais”).¹⁰⁰

A redação desta perícopes apresenta uma composição interna cênica, considerada por Konings como a melhor de todo o evangelho. E ainda uma sequência de fatos que ocorreram sete vezes, tais como: a expressão “abrir os olhos” (9, 10.14.17.21.26.30.32) e sete maneiras de nomear Jesus: rabi (v.2), enviado (v.7), homem (v.11.16), profeta (v.17), Messias (v.22), Filho do homem (v.35), Senhor (v.36).¹⁰¹ Também encontramos quatorze referências ao cego, quando ele está curado, uma equivalência de duas vezes sete (cf. Jo 9,9.10.13.14.15.17.18.19.21.24.25.26.30 e 32).

⁹⁷ KONINGS, 2005, 196, apresenta a ruptura a partir de 10,1 e a probabilidade de ter havido uma inserção posterior de 10,1-18, fazendo um arremate com 10,19-21, o que indica uma retomada do cap. 9. Ressalta que, apesar disso, há uma coerência entre o final do cap. 9 com início do cap. 10, em que a cegueira dos fariseus é a mesma dos líderes do povo, devido à expressão tradicional “cegos conduzindo cegos” (cf. Lc 3,39 aplicado aos fariseus em Mt 23,16-23).

⁹⁸ A respeito veja: WEGNER, 2002. p. 90-92.

⁹⁹ BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*. Como Jesus vê e olha e como é visto e olhado no evangelho de João. São Paulo: Paulinas, 2005. p.119, destaca: Usando o recurso literário da ‘inclusão’, o evangelista estrutura o relato em torno dos temas ‘ver’ e ‘não ver’, ‘luz’ e ‘cegueira’, que aparecem no início (v.1-2) e no fim (v.39-40).

¹⁰⁰ A respeito veja WEGNER, 2002, p. 111; e o estudo detalhado sobre as fontes informativas do evangelho da comunidade joanina em CHAMPLIN, 1982, p. 254-255.

¹⁰¹ KONINGS, 2005, p. 196.

2.3.3 Estrutura e sub-unidades

As características em Jo 9,1-41, referentes à autonomia da perícopes, sua centralidade no cego e no movimento entre os personagens, nos dão indícios para um esboço de sua estrutura, a partir de cenas que se desenvolvem com os personagens e em locais distintos. Por este motivo, optamos por uma estrutura baseada em cenas e não em forma de quiasmo concêntrico,¹⁰² uma vez que nosso foco está no desenvolvimento e na adesão da fé, do que fora cego, em Jesus, como o Messias, o Filho do homem (9,35-38) e no processo de catequese praticado pela comunidade joanina, a partir deste texto.

Propomos a seguinte estrutura: Introdução (9,1-7), Desenvolvimento (9,8-34) e Conclusão (9,35-41). Dividimo-la em cenas, sendo: a 1ª cena: (9,1-7) a cura do cego de nascença; 2ª cena: (9,8-12) o interrogatório dos vizinhos; 3ª cena: (9,13-17) o interrogatório dos fariseus; 4ª cena: (9,18-23) o interrogatório dos judeus aos pais; 5ª cena: (9,24-34) o terceiro interrogatório e a expulsão da sinagoga; 6ª cena (9,35-38) a confissão de fé do que fora cego; 7ª cena (9,39-41) o confronto entre Jesus e os fariseus.¹⁰³ Algumas outras estruturas podem ser encontradas na seguinte forma: 9,1-12; 9,13-34 e 9,35-41;¹⁰⁴ 9,1-7; 9,8-34 e 9,35-41¹⁰⁵ ainda 9,1-5; 9,6-7; 9,8-14; 9,15-17; 9,18-23; 9,24-34; 9,35-38 e 9,39-41.¹⁰⁶

A estrutura proposta se baseia na mudança de cenário e de personagens que a perícopes apresenta. Inicialmente, a questão diz respeito à condição de cegueira do homem desde o nascimento, e de Jesus retomar sua missão de ser “luz do mundo” (9,1-6); em seguida, à forma como o milagre aconteceu e sobre quem o realizou (9,7-34). Depois, durante o desenrolar da narrativa, o foco muda para a identidade de Jesus, o modo como ele é reconhecido e as conseqüências para

¹⁰² Cf. ALMEIDA, 2008, p.74, que determina 9,17 como o centro desta estrutura em quiasmo.

¹⁰³ Semelhante estrutura é desenvolvida por KONINGS, 2005, p.195; RODRIGUES, Maria Paula. “*Um pecador quer nos ensinar?*” *Religião e poder no episódio do cego de nascença*. 2003. 182 f. Dissertação (Mestrado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. p.58, sendo que ela amplia o término da conclusão para Jo 10,19-21; SCHNACKENBURG, 1980, p.301-302, que apresenta uma Introdução e uma Parte Central, dividindo a perícopes em apenas 6 cenas, unindo 9,35-41.

¹⁰⁴ ALVARENGA, Mario. *Estudos no Evangelho de João*. Ferramentas que edificam a vida. Londrina: Descoberta, 2002, p.131-148.

¹⁰⁵ BOOR, 2002, p. 231-242.

¹⁰⁶ MESTERS, LOPES e OROFINO, 2000, p.84-86.

quem fizesse adesão pública a ele como o Messias. Isto pode indicar ser esse também o objetivo da narrativa.¹⁰⁷

2.3.3.1 Introdução – Jo 9,1-7 (1ª. cena)

Na **1ª cena** (a cura do cego de nascença) encontramos uma introdução (v.1); o diálogo entre Jesus e os seus discípulos (v.2-3); o discurso de Jesus (v.4-5) e a cura do cego (v.6-7). Nesta cena estão presentes: Jesus, os discípulos e o cego de nascença.

No v.1 está a introdução de toda a perícopre: καὶ παράγων εἶδεν ἄνθρωπον τυφλὸν ἐκ γενετῆς (*E passando viu um homem cego de nascença*). A conjunção καί inicia uma nova narrativa e faz também uma ligação com o versículo anterior (*Então, pegaram pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo*). Não há indicação de tempo no v.1; apenas no v. 14 irá aparecer o dia (um sábado). Mas o contexto geral é o da festa das Tendas e o lugar, conforme 8,59, é fora do templo. Detectamos que a expressão καὶ παράγων aparece unicamente aqui neste evangelho, e ainda duas vezes em Mt 9,27 e 20,30, também introduzindo uma cura de cego.

A palavra γενετῆς nos remete a gêneseis, criação, origem. Este homem desde sua origem (seu nascimento) não pode ver, não consegue enxergar a realidade à sua volta. E Jesus viu esta condição do homem. É a principal ação do versículo, indicada pelo verbo εἶδεν (aoristo de ὁράω). Jesus compreendeu a situação em que aquele ser humano vivia.¹⁰⁸

Nos v. 2-3 temos o diálogo entre Jesus e seus discípulos: καὶ ἠρώτησαν αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ λέγοντες· ῥαββί, τίς ἥμαρτεν, οὗτος ἢ οἱ γονεῖς αὐτοῦ,

¹⁰⁷ Cf. SCHNELLE, 2010, p. 958-959, que a respeito afirma: “Essa narrativa de milagre é uma ilustração e demonstração da afirmação cristológica de 8,12, legítima a origem divina de Jesus e o mostra como um homem que realiza milagres, enviado por Deus (cf. Jo 9,7 com 16,33)”.

¹⁰⁸ BOOR, 2002, p. 23, destaca que: “Jesus tem um olhar aberto para a aflição deste mundo, que aqui vem a seu encontro na sina do cego de nascença”. Embora reconheça o poder de Jesus, o autor indica a possibilidade de ter havido um diálogo para saber realmente a condição da cegueira de nascença, que no relato do evangelista não aparece devido a seu estilo narrativo sucinto. BARREIRO, 2005, p. 122, ressalta o olhar intenso de Jesus para o cego e sua compaixão para com ele; RODRIGUES, 2003, p. 60, indica a intenção do autor em contrapor o *ver radical* de Jesus e o *não-ver radical* do cego de nascença.

ἵνα τυφλὸς γεννηθῆ; ἀπεκρίθη Ἰησοῦς· οὔτε οὗτος ἡμαρτεν οὔτε οἱ γονεῖς αὐτοῦ, ἀλλ' ἵνα φανερωθῆ τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ ἐν αὐτῷ (*E perguntaram (a) ele os discípulos dele dizendo: Rabi, quem pecou, este ou os pais dele para que cego nascesse? Respondeu Jesus: nem este pecou, nem os pais dele, mas para que fossem manifestadas as obras de Deus nele*).

O principal verbo destes versículos é ἠρώτησαν (indicativo aoristo ativo, 3ª. p. pl., de ἔρωτάω). Os discípulos não são identificados e só fazem a pergunta: *Rabi, quem pecou, este ou os pais dele, para que cego nascesse?* O adjetivo τυφλός, que está no acusativo, aparece, nesta forma, seis vezes na perícopie (9,2.18.19.20.24.25) com o sentido literal de cegueira física. Com o sentido figurado de cegueira (τυφλοί), no nominativo plural, aparece três vezes em (9,39.40.41).

A pergunta dos discípulos demonstra influência dos ensinamentos dos rabinos, que se baseavam em Ex 20,5; 34,7; Nm 14,18; Dt 5,9; Sl 51,7 para dizer que os pecados dos pais são punidos nos filhos.¹⁰⁹ Eles procuram, então, uma clareza a respeito. Para eles, Jesus é também um ῥαββί.¹¹⁰ E ele responde, de forma inusitada, que ninguém pecou e mostra ser contrário à idéia da punição de Deus desta forma. É uma resposta, a princípio, enigmática, mas esclarecedora de sua missão. Não há pecado e a situação em que o homem está é para que se manifestem nele as obras de Deus,¹¹¹ por meio de Jesus. Pode-se perceber, na pergunta e na resposta, um paralelismo antitético: “Quem pecou, este ou os pais dele? X Nem este pecou, nem os pais dele”.

¹⁰⁹ KONINGS, 2005, p.197, lembra que, a respeito dessa forma de pensar, os profetas já recusavam a idéia de que Deus se vingaria dos pais nos filhos (cf. Jr 31,29-30 e Ez 18,1-4); já BOOR, 2002, p.23 apresenta as razões dessa retaliação no judaísmo; veja também CHAMPLIN, 1982, p.423-424, que apresenta um amplo estudo sobre a punição dos pecados dos pais nos filhos.

¹¹⁰ A respeito do significado do termo usado ver: McKENZIE, 2003, p.769; JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: A pregação de Jesus*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 122-123. O termo ῥαββί, aparece mais vezes neste evangelho (Jo 1,38.49; 3,2.26; 4,31; 6,25; 9,2; 11,8) do que em Mt e Mc, onde aparece 3 vezes em cada um.

¹¹¹ Em relação à situação de sofrimento que as pessoas passam na espera de uma cura ou um milagre de Deus e do seu desígnio para elas, veja a posição de CHAMPLIN, 1982, p. 424, como resumo: “O cego de nascença desta história não era algum boneco, algum meio do qual Deus quisesse manifestar sua glória; mas era um verdadeiro participante nessa glória, primeiramente através da cura física de que foi alvo, e em segundo lugar por virtude da vida eterna que recebeu, tendo-se tornado um dos discípulos do Senhor Jesus”; para BRUCE, 1990, p.183, “não quer dizer que Deus intencionalmente fez a criança nascer cega para, depois de muitos anos, revelar sua glória tirando a cegueira; pensar assim também seria uma afronta ao caráter de Deus”. O importante é que o homem, através da face de Cristo, viu a Glória de Deus; KONINGS, 2005, p.198, lembra que não é o porquê da doença que importa, mas sim o para quê.

Nos v. 4-5 está o discurso de Jesus: ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με ἕως ἡμέρα ἐστίν· ἔρχεται νύξ ὅτε οὐδεὶς δύναται ἐργάζεσθαι. ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ᾧ, φῶς εἶμι τοῦ κόσμου. (*É necessário que façamos*¹¹² *as obras de quem me enviou enquanto é dia; vem (a) noite quando ninguém pode trabalhar. Enquanto no mundo estiver, sou luz do mundo*).

A palavra ἐργάζεσθαι faz ligação com o versículo anterior e indica a temática da frase. De início parece não haver uma concordância pelo uso de ἡμᾶς δεῖ,¹¹³ mas fica clara a inclusão dos discípulos,¹¹⁴ uma vez que eles serão depois enviados por Jesus para realizar também obras como esta.¹¹⁵ E as obras são de quem envia¹¹⁶ (πέμψαντος está no participio genitivo singular). Por isso é necessário realizá-las perfeitamente, porque são obras de Deus. Outro paralelismo antitético aparece no v. 4: “trabalhar as obras enquanto é dia X a noite vem quando ninguém pode trabalhar”. Jesus, ao usar ἡμέρα ἐστίν, não está se referindo a um dia apenas, mas usa o termo em sentido figurado de sua presença no mundo como iluminação dele, uma vez que, na noite (trevas) do sofrimento na cruz, não será possível trabalhar.¹¹⁷

No v. 5 Jesus novamente afirma que é a luz do mundo (8,12; 12,46) e que ela só se manifesta enquanto¹¹⁸ ele está presente: ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ᾧ. A palavra φῶς só aparece aqui em toda a perícopé (9,1-41), e, embora ela seja mais citada

¹¹² Algumas traduções apresentam *precisamos realizar*.

¹¹³ A respeito veja o estudo da Crítica Textual no item 2.3, desta pesquisa.

¹¹⁴ Para KONINGS, 2005, p. 198, o plural que aparece no início da frase remonta ao “Jesus eclesial”.

¹¹⁵ SCHNACKENBURG, 1980, p. 304, destaca que além das obras que os discípulos realizarão (Jo 14,12) também deverão compartilhar do mesmo destino de Jesus (Jo 15,20), uma vez que são os testemunhas e proclamadores da obra de Jesus (tradução nossa).

¹¹⁶ O tema do envio de Jesus por Deus é constante em Jo (cf. 3,17; 4,34; 5,24.30.37 etc.), cf. MATEOS e BARRETO, 1989, p. 406.

¹¹⁷ Para PALLARES, 1994, p.37: “O v. 4 faz alusão ao momento em que não se poderá fazer nada diante dessa gente, na hora da rejeição definitiva, quando fica muito clara sua oposição pelas trevas e não há lugar para os seguidores de Jesus”; também BOOR, 2002, p. 232, afirma que não sabemos quanto tempo dura esse dia e que, inesperadamente, pode vir a noite, quando não se poderá mais agir. “Jesus falou de propósito de forma tão indefinida do ‘dia’ e da ‘noite’, e não temos o direito de tentar fixar unilateralmente em nossa interpretação aquilo que Jesus deixou em aberto”; CHAMPLIN, 1982, p.425: relaciona a noite com a cegueira, pois esta sugere uma noite eterna e apresenta várias interpretações sobre o dia: “1. O dia representa a oportunidade de servir, ao passo que a noite ilustra a perda dessa oportunidade [...]; 2. O dia é o tempo ou *dispensação da graça*; a noite traz o fim dessa dispensação [...]; 3. De modo geral, a presença de Cristo no mundo *representa a luz*, e a sua ausência equivale às trevas”.

¹¹⁸ A Vulgata traduziu o termo grego *hotan* pelo termo latino *quamdiu* com o significado de *enquanto*. Cf. CHAMPLIN, 1982, p.425.

em Jo (20 vezes)¹¹⁹, do que em Mt (7 vezes), em Lc (5 vezes) e em Mc (1 vez), não podemos deixar de ressaltar sua importância nesta narrativa, pois Jesus é a luz, comprovada na cura do cego que fará a seguir.¹²⁰

Nos v. 6-7 temos a cura do cego de nascença: ταῦτα εἰπὼν ἔπτυσεν χαμαὶ καὶ ἐποίησεν πηλὸν ἐκ τοῦ πτύσματος καὶ ἐπέχρισεν αὐτοῦ τὸν πηλὸν ἐπὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς. καὶ εἶπεν αὐτῷ· ὕπαγε νίψαι εἰς τὴν κολυμβήθραν τοῦ Σιλωάμ (ὃ ἔρμηνεύεται ἀπεσταλμένος). ἀπήλθεν οὖν καὶ ἐνίψατο καὶ ἦλθεν βλέπων. (*Estas coisas dizendo cuspiu no chão e fez barro da saliva dele e untou o barro sobre os olhos,⁷ e disse a ele: vai lavar-te na piscina de Siloam [interpretado, {quer dizer} Enviado]. Foi e lavou-se e voltou vendo*).

A atitude de Jesus, ao fazer barro com sua saliva¹²¹ relembra a criação do ser humano.¹²² Agora Jesus recria olhos para que esse cego possa ver e compreender a realidade em que vive. O barro (πηλός) é mencionado quatro vezes na perícopre (9,6.11.14.15), e o verbo ἐπέχρισεν determina a principal ação de Jesus no v. 6. Para que se complete a cura, é preciso que o cego vá até a piscina de Siloé¹²³ e se lave. O cego obedece incondicionalmente à ordem de Jesus, vai, lava-se e fica curado.¹²⁴ Esta ação de lavar-se depois foi entendida como uma alusão ao batismo, onde acontece um novo nascimento.¹²⁵

¹¹⁹ Cf. Jo 1,4.5.8.9; 3,19.20.21; 8,12; 9,5; 11,9-10, 12,35-36.46.

¹²⁰ O contexto desta declaração é o da festa das Tendias, em que há muita luz e cantos. Porém só Jesus é a verdadeira luz para quem está nas trevas (cf. Is 42,6-7.16).

¹²¹ O uso da saliva lembra a atitude de Jesus descrita em Mc 8,23, ao curar um cego em Betsaida. Veja: MICHAELS, 1994, p. 171: “o uso da saliva era comum entre os antigos curadores, uma vez que a saliva poderia conter elementos curativos, quando a pessoa permanecesse em jejum”; e LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*. Tradução Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1996. p. 232: “a saliva era considerada como remédio para as afecções oculares. Mas em Jo, não é a saliva que opera o milagre: ela permite a Jesus fabricar um pouco de lama para untar os olhos do cego”; e as contribuições de CHAMPLIN, 1982, p.427, que cita a Mishnah Mikvoat, cap.7, sec. 1, em que a prática da aplicação de lodo, preparado com argila e saliva, era usada nos olhos enfermos das pessoas.

¹²² MATEOS e BARRETO, 1989, p.410, lembram que o barro alude à criação, mas o ser humano foi modelado a partir do pó da terra e também que: “Jo fala do ‘barro de Jesus’. Percebe-se claramente a intenção do evangelista: fazer barro com a saliva significa a criação do homem novo (simbolismo do sexto dia), composto da terra/carne e da saliva/ Espírito de Jesus”.

¹²³ BARREIRO, 2005, p.124 lembra que a piscina de Siloé, no grego *Siloam*, estava fora dos muros da cidade, e que seu significado vem do canal que trazia as águas da fonte de Guihoan até a piscina, mas no evangelho este significado agora é atribuído a Jesus, uma vez que ele é o Enviado do Pai; ver também BOOR, 2002, p. 233, que lembra que não é na água do tanque que reside a força milagrosa da cura, e sim naquele que é “enviado” por Deus para ser o Salvador de toda a aflição dos seres humanos. Para mais informações sobre o tanque de Siloé veja: BRUCE, 1990, p.184-185 e SCHNACKENBURG, 1980, p. 306. É deste tanque que na festa da Tendias retirava-se água para as libações no templo, com uma procissão luminosa e com cantos.

¹²⁴ Na descrição desta cura, Jesus não pergunta se o cego quer ficar curado e ele também não lhe faz este pedido, ao contrário do relatado em Mc 8,22-26; 10,42-46; Mt 9,27-31; 20,29-31 e Lc 18,35-

2.3.3.2 Desenvolvimento: 9, 8-34 (2ª., 3ª., 4ª. e 5ª. cenas)

No desenvolvimento (9, 8-34) encontramos quatro cenas: 8-12; 13-17; 18-23 e 24-34, que descrevem um movimento intenso entre os personagens.

Na **2ª cena** da perícopie (9,8-12) inicia o interrogatório que se desenvolverá até o v.34. Nela aparecem o cego, agora curado, os vizinhos e outros que o conheciam. Estudaremos esse bloco em duas partes: 9, 8-9 e 9,10-12. Em 9,8-9 - está a questão da identidade do cego, agora curado: Οἱ οὖν γείτονες καὶ οἱ θεωροῦντες αὐτὸν τὸ πρότερον ὅτι προσαίτης ἦν ἔλεγον· οὐχ οὗτός ἐστιν ὁ καθήμενος καὶ προσαιτῶν; ἄλλοι ἔλεγον ὅτι οὗτός ἐστιν, ἄλλοι ἔλεγον· οὐχί, ἀλλὰ ὅμοιος αὐτῷ ἐστιν. ἐκεῖνος ἔλεγεν ὅτι ἐγὼ εἶμι. (*Então os vizinhos e os que viam a ele anteriormente que mendigo era diziam: Não é este o que ficava sentado e mendigava? Uns diziam: é este, outros diziam: não, mas é semelhante a ele. Aquele dizia: eu sou*).

Inicia-se entre os vizinhos e outros que o conheciam¹²⁶ uma polêmica¹²⁷ sobre a identidade do mendigo cego, agora curado,¹²⁸ sempre com o verbo ἔλεγον, que nesta frase vai aparecer três vezes. A ligação entre as posições opostas será feita com o uso do pronome ἄλλοι. Para afirmar sua identidade, o que antes era cego e agora vê usa a mesma forma ἐγὼ εἶμι, usada por Jesus em 8,58. Aparece o pronome ἐκεῖνος, que, a partir de então, será usado para se referir ao cego e a Jesus em 9,11.12.25.36.37.

43. Pode-se perceber a intenção de apresentar a narrativa desta forma para mostrar o cego como quem confia em Jesus, mesmo sem o ter conhecido a princípio, uma vez que ele vai a Siloé para se lavar.

¹²⁵ KONINGS, 2005, p. 198, lembra que também nesta cena é evocada a crisma, pois os batizados e chamados à vida cristã eram chamados por *fostimós*, “iluminação”, e que o diálogo em 9,35-36 aponta para a liturgia batismal. Lembra também que o verbo ἐπέχρισεν é da mesma raiz de χριστός.

¹²⁶ SCHNACKENBURG, 1980, p.310, atesta que estes passam, agora, ao primeiro plano, pois são as primeiras testemunhas da cura do cego de nascença - um fato grandioso e que provavelmente impediu o reconhecimento de imediato do que antes era cego. Para ele: “Sem dúvida que o evangelista quer também apontar a esse efeito do acontecimento revelador entre homens que todavia não estão abertos às obras de Deus” (tradução nossa).

¹²⁷ A respeito dessa discussão KONINGS, 2005, p.199, destaca que ela “lembra o ambiente dividido em torno da obra de Jesus (p.ex. 7,10-13...) e espelha a divisão que reinava entre os judeus a respeito da comunidade joanina algumas décadas depois”.

¹²⁸ Para CHAMPLIN, 1982, p. 427-428, a diferença entre o cego mendigo e o homem que agora caminhava sozinho com olhos bem abertos e a tudo vendo, era grande. Os esmoleiros judeus na época saudavam aos possíveis doadores de esmolas, assim: “Merecei algo por mim!, dai-me algo, e que Deus vos recompense! Ó vós, de terno coração, fazei algum bem por meu intermédio!”

Na segunda parte desta cena (v. 10-12), está a pergunta e a explicação sobre a cura: ἔλεγον οὖν αὐτῷ· πῶς [οὖν] ἠνεώχθησάν σου οἱ ὀφθαλμοί; ἀπεκρίθη ἐκεῖνος· ὁ ἄνθρωπος ὁ λεγόμενος Ἰησοῦς πηλὸν ἐποίησεν καὶ ἐπέχρισέν μου τοὺς ὀφθαλμοὺς καὶ εἶπέν μοι ὅτι ὕπαγε εἰς τὸν Σιλωὰμ καὶ νίψαι· ἀπελθὼν οὖν καὶ νιψάμενος ἀνέβλεψα. καὶ εἶπαν αὐτῷ· ποῦ ἐστιν ἐκεῖνος; λέγει· οὐκ οἶδα. (*Diziam pois a ele: como então foram abertos os teus olhos? Respondeu aquele: o homem chamado Jesus fez barro e untou meu os olhos e disse a mim: vai para Siloam e lava-te; tendo ido e me lavado, vi. E disseram a ele: onde está aquele? Diz: não sei*).

A maneira *como* (πῶς) aconteceu a cura será o alvo dos personagens que surgem a partir de então e que dará origem à polêmica nos versículos posteriores. No v.10 há uma ligação com o anterior a partir do emprego do verbo ἔλεγον, que está no imperfeito, e da conjunção οὖν, após ficar clara a identidade do cego, agora curado. No v.11, percebemos o emprego de verbos em grande número (9 vezes), o que indica a intensidade do ato de Jesus e da obediência do cego em cumprir o que ele mandou. O cego, agora curado, inicia sua explicação, falando que um homem (ἄνθρωπος), a quem chamam Jesus, é o responsável pela sua cura. Não há ainda um conceito a respeito dele, como também qualquer manifestação de fé nele como o Messias. No seu relato, o barro aparecerá, omitindo a sua manufatura a partir da saliva de Jesus. Siloé será mencionada, agora, sem a necessidade do seu significado. O pronome demonstrativo ἐκεῖνος será usado no v. 10 para se referir ao homem curado e no v. 12 para Jesus. Ao perguntarem onde está Jesus,¹²⁹ a resposta é clara: não sei.¹³⁰ Jesus sai de cena.

Na **3ª. cena** (9, 13-17) está o interrogatório dos fariseus e a divisão entre eles. O cego curado é levado aos fariseus, e sua cura é alvo de nova inquisição, porque aconteceu no sábado, e, por isso, a identidade de Jesus é questionada. Dividimos esse bloco em três partes: 9,13-14: Introdução; 9,15-16: Desenvolvimento e 9,17: Conclusão.

¹²⁹ Para BRUCE, 1980, p. 185, esta pergunta sugere que as pessoas que estavam interrogando o cego agora curado, queriam fazer o mesmo com Jesus para comparar as respostas.

¹³⁰ Para KONINGS, 2005, p.199, ele não sabe onde está Jesus, porque ainda não se tornara seu seguidor (cf.9,38).

A introdução 9,13-14: "Ἀγουσιν αὐτὸν πρὸς τοὺς Φαρισαίους τὸν ποτε τυφλόν. ἦν δὲ σάββατον ἐν ἧ ἡμέρᾳ τὸν πηλὸν ἐποίησεν ὁ Ἰησοῦς καὶ ἀνέωξεν αὐτοῦ τοὺς ὀφθαλμούς. (*Levam ele para os fariseus o outrora cego. E era sábado o dia no qual Jesus fez o barro e abriu os olhos dele*).

Nestes versículos aparecem os fariseus¹³¹ e o registro do dia em que Jesus efetuou a cura, ou seja, no sábado,¹³² o que desencadeará uma polêmica a respeito de Jesus nos v. 15-16. O verbo ἄγουσιν é o principal desta frase: ele contrapõe a situação em que anteriormente o cego necessitava ser levado, e agora que vê, o levam até os fariseus para explicar a cura.¹³³ A denominação para ele usada no v.1 (τυφλὸς γεννηθῆ), muda, aqui, para ποτε τυφλόν.

Nos v. 15-16 (desenvolvimento da 3ª. cena) está o segundo interrogatório ao outrora cego e a dissidência entre os fariseus a respeito de Jesus: πάλιν οὖν ἠρώτων αὐτὸν καὶ οἱ Φαρισαῖοι πῶς ἀνέβλεψεν. ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς· πηλὸν ἐπέθηκέν μου ἐπὶ τοὺς ὀφθαλμούς καὶ ἐνιψάμην καὶ βλέπω. ἔλεγον οὖν ἐκ τῶν Φαρισαίων τινές· οὐκ ἔστιν οὗτος παρὰ θεοῦ ὁ ἄνθρωπος, ὅτι τὸ σάββατον οὐ τηρεῖ. ἄλλοι [δὲ] ἔλεγον· πῶς δύναται ἄνθρωπος ἁμαρτωλὸς τοιαῦτα σημεῖα ποιεῖν; καὶ σχίσμα ἦν ἐν αὐτοῖς. (*Novamente então perguntaram a ele também os fariseus como começou a ver. E disse a eles: barro untou sobre meu os olhos e lavei-me e estou vendo. Diziam, pois alguns dentre os fariseus: não é este homem de Deus que o sábado não guarda. Outros, porém diziam: como pode um homem pecador tais sinais fazer? E divisão havia entre (a) eles*).

¹³¹ BOOR, 2002, p. 23, lembra que "os fariseus eram para o povo algo como conselheiros espirituais oficiais. Assim como um leproso curado tinha que se mostrar aos sacerdotes, obtendo deles um parecer, os especialistas religiosos também deveriam decidir no presente caso como o milagre da cura deveria ser avaliado"; LÉON-DUFOUR, 1996, p. 236-238, em seu estudo de como os fariseus são apresentados em João, ressalta que, neste episódio, a dificuldade dos fariseus é real, uma vez que Dt 13,1-6 exige que o autor de um prodígio seja condenado, se incita o povo a desprezar a lei divina. Ressalta que o autor pensa nos fariseus de seu tempo e faz uma releitura do acontecimento; veja ainda: CHAMPLIN, 1982, p. 679; e PALLARES, 1994, p. 39.

¹³² Na lei judaica, o sábado deve ser guardado para Deus. BRUCE, 1980, p. 186 registra: "um dos tipos de trabalho especificamente proibido no sábado pela interpretação rabínica tradicional da lei era amassar pão ou algo parecido, o que incluía fazer massa com terra e saliva". Cita a Mishna, artigo *Shabbath* 7.2; CHAMPLIN, 1982, p. 429, lembra que os violadores voluntários do sábado, naquela época, poderiam sofrer punições, inclusive até o apedrejamento. Para sua defesa em curar em dia de sábado, Jesus lembra que a circuncisão pode ser efetuada neste dia (cf. Jo 7, 22-23).

¹³³ Veja as considerações apresentadas por CHAMPLIN, 1982, p.429, a respeito do funcionamento de dois tribunais inferiores em dia de sábado, em sinagogas, já que nada poderia ser escrito neste dia. E também o que estabelecia a lei para o tratamento de doenças neste dia: "as enfermidades crônicas ou os casos que não fossem urgentes, que não fossem da natureza de acidentes súbitos, mas de natureza contínua, deveriam esperar pelo tratamento em outros dias, com exceção do sábado". O cego curado é levado aos fariseus, porque Jesus se opunha a estes, pois curava em dia de sábado.

Continua a necessidade de se conhecer *como* a cura foi realizada. A narrativa é introduzida com o uso do advérbio *πάλλιν*, que irá aparecer também nos v. 17 e 27, fazendo a ligação com os versículos anteriores, o que é atestado pelo uso da conjunção coordenativa *οὖν*, que dará sequência ao segundo interrogatório, com o uso do verbo *ἤρώτων*, no imperfeito do indicativo. O verbo *ἀνέβλεψεν*, usado na pergunta, no aoristo, tem o mesmo sentido na resposta do cego curado, onde o verbo *βλέπω* está no indicativo presente. A explicação da cura é sucinta: ele não se refere diretamente a Jesus nem ao lugar onde se lavou.

Surge no v. 16 uma dissidência entre os fariseus a respeito de Jesus, embora haja o reconhecimento de que ele realizou um sinal¹³⁴ (*σημεῖον*). Percebemos novamente um paralelismo antitético em relação à cura no sábado¹³⁵: “este homem não é de Deus X como pode um pecador fazer tais sinais?”.

No v. 17 está a conclusão da cena, onde o cego, agora curado, apresenta o conceito que desenvolveu até então a respeito de Jesus. *λέγουσιν οὖν τῷ τυφλῷ πάλλιν· τί σὺ λέγεις περὶ αὐτοῦ, ὅτι ἠνέωξέν σου τοὺς ὀφθαλμούς; ὁ δὲ εἶπεν ὅτι προφήτης ἐστίν. (E dizem ao cego novamente: Que dizes tu a respeito dele que abriu os teus olhos? Ele porém disse: que é profeta.)*

Os fariseus querem saber a opinião do cego curado a respeito de Jesus, se ele é de Deus ou é pecador. O verbo *λέγουσιν*, que está no indicativo presente faz a ligação com o versículo anterior, porque é seguido da conjunção *οὖν* e do advérbio *πάλλιν*. Na resposta, o cego curado omite-se em concordar diretamente com um dos conceitos já elaborados sobre Jesus¹³⁶ e apresenta o seu¹³⁷: Jesus é profeta.¹³⁸

Na **4ª. cena** (9,18-23), o cego sai de cena e seus pais são chamados e interrogados pelos fariseus. Esta cena será dividida em três partes: 9,18-19 (o

¹³⁴ Os sinais realizados por Jesus são uma característica em Jo (cf. 2,23; 3,2; 4,48; 6,2,26; 7,31; 11,47; 12,37; 20,30) no modo de apresentar sua atividade. Veja também o estudo no item 1.3 do capítulo primeiro desta pesquisa.

¹³⁵ Jesus, para mostrar que realmente o sábado é o dia consagrado a Deus, realiza curas neste dia (Jo 5,9); é o dia em que Deus está repousando em relação à criação (Gn 2,3). Desta forma, a ação de Deus por meio de Jesus é plena, dá vista a quem não conseguia ver desde seu nascimento. A dissidência a respeito de Jesus terá sua consequência no v. 34, quando os fariseus serão radicais em seu modo de considerar o cego e ver Jesus.

¹³⁶ Para BARREIRO, 2005, p. 126, a preocupação dos fariseus deve-se ao fato de que a cura de um cego de nascença seria prova irrefutável de que Jesus é o Messias

¹³⁷ SABUGAL, 1972, p.307, o cego responde de maneira diametralmente oposta aos fariseus.

¹³⁸ A respeito do conceito de profeta no judaísmo ver: JEREMIAS, 1977, p.124-129.

chamado dos pais e seu interrogatório); 9,20-21 (a resposta dos pais) e 9,22-23 (a informação conclusiva do redator).

Nos v. 18-19, os judeus não acreditam que o homem nasceu cego. Isto passa a ser a questão central, e não mais o conceito a respeito de Jesus. Οὐκ ἐπίστευσαν οὖν οἱ Ἰουδαῖοι περὶ αὐτοῦ ὅτι ἦν τυφλὸς καὶ ἀνέβλεψεν ἕως ὅτου ἐφώνησαν τοὺς γονεῖς αὐτοῦ τοῦ ἀναβλέψαντος καὶ ἠρώτησαν αὐτοὺς λέγοντες· οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς ὑμῶν, ὃν ὑμεῖς λέγετε ὅτι τυφλὸς ἐγεννήθη; πῶς οὖν βλέπει ἄρτι; (*Não acreditaram então os judeus sobre ele que era cego e começou a ver até que chamaram os pais do que (tinha) começado a ver e perguntaram a eles dizendo: este é o vosso filho que vós dizeis que nasceu cego? Como vê agora?*).

O grupo que passa a interrogar é chamado agora de *judeus*,¹³⁹ que são identificados com os fariseus, pela conjunção coordenativa οὖν. O uso do verbo ἀναβλέπω, em duas formas verbais, a primeira no indicativo aoristo e a segunda no particípio aoristo, identifica o cego agora curado. No v. 19 temos três perguntas: É este vosso filho? que dizeis que nasceu cego? Como agora vê? que estão em dois períodos. Os pais precisam confirmar que o homem é filho deles e que nasceu cego, pois a pergunta insinua ser apenas uma afirmação deles que o filho tenha nascido cego. O uso da conjunção subordinativa ὅτι torna a frase subordinada (dizeis que nasceu cego). Novamente o advérbio πῶς, é usado, para retomar a temática de *como* o cego agora vê.

Nos v. 20-21, os pais apresentam sua resposta: ἀπεκρίθησαν οὖν οἱ γονεῖς αὐτοῦ καὶ εἶπαν· οἶδαμεν ὅτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς ἡμῶν καὶ ὅτι τυφλὸς ἐγεννήθη· πῶς δὲ νῦν βλέπει οὐκ οἶδαμεν, ἢ τίς ἤνοιξεν αὐτοῦ τοὺς ὀφθαλμοὺς ἡμεῖς οὐκ οἶδαμεν· αὐτὸν ἐρωτήσατε, ἡλικίαν ἔχει, αὐτὸς περὶ ἑαυτοῦ λαλήσει. (*Responderam, pois, os pais dele e disseram: sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; como, porém, agora vê, não sabemos, ou quem abriu dele os olhos nós não sabemos; (a) ele perguntai, idade tem, ele a respeito de si mesmo falará*).

Na resposta, os pais repetem partes da pergunta do v. 19 (ὁ υἱὸς ἡμῶν καὶ ὅτι τυφλὸς ἐγεννήθη): *é nosso filho e nasceu cego*. Eles iniciam com o verbo

¹³⁹ Um grupo mais amplo em que os fariseus estão inseridos. Para MATEOS e BARRETO, 1989, p.419, essa é a denominação mais genérica dos fariseus, que são os dirigentes do grupo.

οἶδαμεν, no indicativo perfeito, de forma afirmativa no v. 20, e depois de forma negativa no v. 21 sobre como o filho vê agora ou quem lhe abriu os olhos. Porém, os pais se omitem de responder à terceira pergunta. Afirmando que o filho já tem idade (ἡλικίαν), ou seja, já pode ser admitido no tribunal como testemunha.¹⁴⁰

Os vv. 22-23 são uma explicação do redator do evangelho a respeito da atitude dos pais: ταῦτα εἶπαν οἱ γονεῖς αὐτοῦ ὅτι ἐφοβοῦντο τοὺς Ἰουδαίους· ἤδη γὰρ συνετέθειντο οἱ Ἰουδαῖοι ἵνα εἴαν τις αὐτὸν ὁμολογήσῃ χριστόν, ἀποσυνάγωγος γένηται. διὰ τοῦτο οἱ γονεῖς αὐτοῦ εἶπαν ὅτι ἡλικίαν ἔχει, αὐτὸν ἐπερωτήσατε. (*Estas coisas disseram os pais dele porque temiam os judeus; pois já tinham combinado os judeus que se alguém o confessasse Cristo, expulso da sinagoga seria. Por isto os pais dele disseram que idade tem, (a) ele pergunta*).

A ligação com o versículo anterior é feita pelo uso do pronome demonstrativo ταῦτα. A explicação a respeito da omissão dos pais ocorre a partir de εἶπαν οἱ γονεῖς αὐτοῦ, no início, e no final, οἱ γονεῖς αὐτοῦ εἶπαν. O uso do verbo ἐφοβοῦντο, (indicativo imperfeito, voz média, de φοβέομαι) indica o medo dos pais, devido a uma situação já anterior ao interrogatório. O termo ἀποσυνάγωγος aparece unicamente em João e neste versículo. Para a maioria dos estudiosos deste texto, a expulsão definitiva dos cristãos da sinagoga só ocorreu depois de 80 E.C.¹⁴¹

Na **5ª. cena** (9,24-34) acontece o terceiro interrogatório, agora ao cego curado, em que a polêmica central é a identidade de Jesus. Os pais desaparecem do relato. Dividiremos esse bloco em cinco partes: 9,24-25 (os adversários chamam novamente o cego curado); 9,26-27 (outra vez perguntam sobre a cura); 9,28-29 (a fala dos judeus); 9,30-33 (a resposta irônica do cego curado), e 9,34 (a indignação dos judeus).

¹⁴⁰ Aos treze anos, ou ao apresentar sinais de puberdade, o menino já era admitido como testemunha no tribunal e capaz de assumir certas responsabilidades, porém a idade madura, em Israel, para inclusive assumir o sacerdócio era de 30 anos (cf. CHAMPLIN, 1982, p. 431).

¹⁴¹ A respeito da expulsão da sinagoga CHAMPLIN, 1982, p.431, registra que na época em que o evangelho foi escrito a prática de expulsão da sinagoga teria tido seu início. As formas de exclusão da sinagoga aconteciam de três modos: 1. Repreensão (*nidui ou shammatta*), que durava de sete a trinta dias; 2. Expulsão, que durava trinta dias, onde a pessoa era banida e excluída da adoração pública e evitado pelos demais judeus, sem poder comer junto com alguém e, se morresse neste período, seu caixão era apedrejado; e 3. Expulsão, de duração indefinida, com as mesmas restrições da anterior só que poderia ser definitiva. A exclusão da sinagoga podia acontecer também por desonestidade, não pagamento de dívidas, ou por ofensa à sociedade; para BRUCE, 1990; p. 188, o Sinédrio, reconstituído após 70 E.C. por doutores da lei, reformulou uma das bênçãos recitadas diariamente nas sinagogas para impossibilitar aos nazarenos participar no culto, na seguinte forma: “Que nazarenos e hereges pereçam de repente, que sejam apagados do livro da vida e não relacionados com os justos”, o que obrigou os nazarenos a se retirarem das sinagogas.

Em 9,24-25 novamente o cego é interrogado pelo grupo dos judeus: Ἐφώνησαν οὖν τὸν ἄνθρωπον ἐκ δευτέρου ὃς ἦν τυφλὸς καὶ εἶπαν αὐτῷ· δὸς δόξαν τῷ θεῷ· ἡμεῖς οἶδαμεν ὅτι οὗτος ὁ ἄνθρωπος ἁμαρτωλὸς ἐστίν. ἀπεκρίθη οὖν ἐκεῖνος· εἰ ἁμαρτωλὸς ἐστίν οὐκ οἶδα· ἐν οἶδα ὅτι τυφλὸς ὢν ἄρτι βλέπω. (*Chamaram, pois, pela segunda vez o homem que era cego e disseram a ele: Dá glória ao Deus; nós sabemos que este homem é pecador. Respondeu, pois, aquele: se é pecador, não sei; uma coisa sei: sendo cego, agora vejo.*).

No v. 24, o verbo ἐφώνησαν, (indicativo aoristo de φωνέω), repete a forma do v. 18, quando os pais foram chamados a depor. A conjunção coordenativa οὖν, usada após os verbos ἐφώνησαν e ἀπεκρίθη é a que faz a ligação com os acontecimentos narrados nestes versículos. O pedido inicial não é a respeito da cura, mas sobre Jesus. A intenção agora é retirar a declaração do cego curado de que Jesus é profeta. Por isso lhe pedem: dá glória a Deus. Esta expressão δὸς δόξαν τῷ θεῷ.¹⁴² neste caso, significa “diga a verdade”. Para eles Jesus é pecador e não profeta.¹⁴³ O uso do verbo οἶδα por três vezes (no perfeito do indicativo) vai formar uma antítese entre a fala dos judeus e a do cego curado: “sabemos que é pecador X se pecador é não sei, uma coisa sei que sendo cego agora vejo” .

Nos v. 26-27 os interlocutores perguntam de novo a respeito da cura e o cego curado responde com uma pergunta cheia de ironia: εἶπον οὖν αὐτῷ· τί ἐποίησέν σοι; πῶς ἤνοιξέν σου τοὺς ὀφθαλμούς; ἀπεκρίθη αὐτοῖς· εἶπον ὑμῖν ἤδη καὶ οὐκ ἠκούσατε· τί πάλιν θέλετε ἀκούειν; μὴ καὶ ὑμεῖς θέλετε αὐτοῦ μαθηταὶ γενέσθαι; (*Disseram, pois, a ele: que fez a ti? Como abriu os teus olhos? Respondeu a eles: já disse a vós e não ouvistes; por que novamente quereis ouvir? Quereis também vós tornar-vos discípulos dele?*).

O modo como (πῶς) aconteceu a cura volta a ser o alvo do interrogatório, como em 9,10.15.19, o que permite oferecer uma divisão entre as cenas já apresentadas. Mas após a resposta do cego curado, o foco passa a ser a identidade

¹⁴² Veja BRUCE, 1990, p. 189; CHAMPLIN, 1982, p. 432: o cego curado deveria dizer a *verdade* que eles queriam, reparando o dano em afirmar ser Jesus um profeta; para BOOR, 2002, p. 237, remetendo a Js 7,19, a confissão de culpa é a única maneira como um pecador pode honrar a Deus.

¹⁴³ Para PALLARES, 1994, p. 39, isto é o que os judeus querem que o cego curado pense, pois: “neste caso ‘dar glória a Deus’ é idêntico a acatar a decisão deles. É aceitar que a verdade de Deus coincide com a apreciação deles [...] seria condenar Jesus como pecador, por infundir no homem a luz de que tanto precisava”. Veja também o drama que cada personagem da perícopa possui, descrito pelo autor.

de Jesus nos v.28-29. Nos v. 26 e 27, o uso do verbo εἶπον indica uma intensidade no diálogo, e, no v. 27, o verbo ἀκούω, usado no aoristo indicativo e no presente infinitivo, seguido também do verbo θέλω, por duas vezes no presente indicativo, aponta para a incompreensão dos judeus a respeito do sinal que Jesus realizou. A palavra καί aparece como advérbio de inclusão e não como conjunção, dando assim o sentido de *também*.

Um paralelismo antitético aparece na resposta com o uso de: “não ouvistes X quereis ouvir”. O versículo termina com a pergunta irônica: *também vós quereis tornar-vos discípulos dele?* Isso indica que o cego curado já era seu discípulo e a existência de um grupo que já seguia Jesus como seu Mestre e a não aceitação deste grupo pelos judeus.¹⁴⁴

Os v. 28-29 apresentam a reação dos judeus à pergunta irônica do cego curado: καὶ ἐλοιδόρησαν αὐτὸν καὶ εἶπον· σὺ μαθητῆς εἶ ἐκείνου, ἡμεῖς δὲ τοῦ Μωϋσέως ἐσμὲν μαθηταί· ἡμεῖς οἴδαμεν ὅτι Μωϋσεὶ λελάληκεν ὁ θεός, τοῦτον δὲ οὐκ οἴδαμεν πόθεν ἐστίν. (*E o insultaram e disseram: tu és discípulo daquele, nós, porém, de Moisés somos discípulos; nós sabemos que Deus falou a Moisés, este porém não sabemos de onde é.*)

O foco da reação é a respeito de Jesus, o que de novo remete a sua não aceitação por este grupo de judeus, uma vez que eles são discípulos de Moisés, a quem Deus se manifestou. Aqui se encontram outros dois paralelismos: “ser discípulo de Jesus X ser discípulo de Moisés”, e: “sabemos que Deus falou a Moisés X este não sabemos de onde é”. O verbo λαλέω, aqui utilizado no perfeito do indicativo, na voz ativa, indica que para os judeus esta é a ação mais importante, pois Deus, que falou no passado a Moisés, ainda continua, por meio dele, se manifestando na Torah. A partir desta posição dos judeus¹⁴⁵, o cego curado irá se manifestar de forma mais irônica e com base no que ele sabe.

¹⁴⁴ Veja o estudo de RICHARD,1994, p.14-16, que apresenta o conflito entre a comunidade do discípulo amado e a comunidade dos judeus e com a sinagoga. Richard destaca que a hostilidade dos “judeus” exprime mais um conflito da comunidade do discípulo amado depois do ano 70 E.C. que uma situação do tempo de Jesus ou do período anterior a 70 E.C. Depois de 70 E.C., a expressão “os judeus” se referiria fundamentalmente aos fariseus. No quarto evangelho, ela se refere ao judaísmo rabínico de hegemonia farisaica posterior ao ano 70 E.C.

¹⁴⁵ MATEOS e BARRETO, 1989, p.422, lembra que os judeus preferem refugiar-se em sua tradição do que aceitar a novidade. O evangelho segundo João dá um acento na opção entre Moisés e Jesus, entre a Lei sem amor e o amor fiel (1,17).

Nos vv. 30-33 temos um discurso longo do cego curado, onde ele apresenta sua posição a partir de sua experiência de vida e do aprendizado que fez a respeito de quem é Jesus: ἀπεκρίθη ὁ ἄνθρωπος καὶ εἶπεν αὐτοῖς· ἐν τούτῳ γὰρ τὸ θαυμαστόν ἐστιν, ὅτι ὑμεῖς οὐκ οἴδατε πόθεν ἐστίν, καὶ ἤνοιξέν μου τοὺς ὀφθαλμούς. οἴδαμεν ὅτι ἁμαρτωλῶν ὁ θεὸς οὐκ ἀκούει, ἀλλ' ἐάν τις θεοσεβῆς ᾦ καὶ τὸ θέλημα αὐτοῦ ποιῆ τούτου ἀκούει. ἐκ τοῦ αἰῶνος οὐκ ἠκούσθη ὅτι ἠνέωξέν τις ὀφθαλμοὺς τυφλοῦ γεγεννημένου· εἰ μὴ ᾦν οὗτος παρὰ θεοῦ, οὐκ ἠδύνατο ποιεῖν οὐδέν. (*Respondeu o homem e disse a eles: nisto pois o maravilhoso é que vós não sabeis de onde (ele) é, e abriu os meus olhos. Sabemos que pecadores Deus não ouve, mas se alguém for temente a Deus e a vontade dele fizer, a este ouve. Desde o princípio não foi ouvido que alguém abriu olhos de um nascido cego; se não fosse este da parte de Deus, não poderia fazer nada.*).

É a fala contínua mais longa em toda a perícopa. É a experiência de vida de um mendigo cego em contraposição ao conhecimento dos judeus (fariseus). No v. 30, ainda de forma irônica, o cego curado está maravilhado pelo fato de os judeus não saberem de onde Jesus é, uma vez que são eles que demonstram conhecer tudo da lei, em contraposição a Jesus, que foi quem lhe abriu os olhos. Por isso ele começa a frase repetindo o que os judeus já haviam dito, mas imediatamente conclui com a ação maravilhosa de Jesus. Um paralelismo antitético se apresenta mais uma vez: “maravilhoso é que os judeus não sabem de onde Jesus é X a ação maravilhosa de Jesus de abrir os olhos do cego de nascença”.

O verbo οἶδα¹⁴⁶ (*saber*) será usado no v. 31 pelo cego com autoridade de quem tem a experiência da vida sofrida de um mendigo cego, curado por Jesus, em contraposição ao *saber* dos judeus (fariseus).¹⁴⁷ A palavra θεοσεβής usada pelo cego curado, aparece aqui unicamente em todo o Segundo Testamento, evocando a qualidade de temente a Deus como Jó (Jó 1,1.8;2,3) e de quem honra a Deus como Judite (Jt 11,17) aos quais Deus ouve. É o que ele lembra aos judeus,¹⁴⁸ e conclui com a afirmação de que por este motivo Jesus só poderia ter a sua origem a partir de Deus, pois somente ele poderia curar um cego de nascimento.

¹⁴⁶ O verbo οἶδα indica um saber por meio de evidências e não por meio de conhecimento erudito.

¹⁴⁷ Veja CHAMPLIN, 1982, p.433, que contrapõe a falta de conhecimento do cego por não ter tido a possibilidade de estudar na sinagoga dos fariseus, mas que tem “um bom senso para reconhecer um profeta de Deus quando conheço um deles”.

¹⁴⁸ Os judeus sabem perfeitamente que Deus não ouve a pecadores (cf. Pr 15,29; Sl 34,15).

O v. 34 conclui da 5ª. cena com a reação indignada dos judeus que, ofendidos pelo conhecimento apresentado pelo cego e por sua declaração em favor de Jesus, resolvem insultá-lo e expulsá-lo da comunidade sinagoga: ἀπεκρίθησαν καὶ εἶπαν αὐτῷ· ἐν ἁμαρτίαις σὺ ἐγεννήθης ὅλος καὶ σὺ διδάσκεις ἡμᾶς; καὶ ἐξέβαλον αὐτὸν ἔξω. (*Responderam e disseram a ele: em pecados tu foste nascido todo e tu ensinas a nós? E expulsaram ele para fora*).

O uso dos verbos ἀπεκρίθησαν e εἶπαν, dá ênfase à resposta dos judeus. Eles, formados na teologia da retribuição, reconhecem agora que o homem realmente nasceu cego, pois afirmam que ele nasceu todo em pecados (ἐν ἁμαρτίαις σὺ ἐγεννήθης ὅλος) e, por isso, perguntam que autoridade teria para ensinar a eles (διδάσκεις ἡμᾶς;) que não tinham pecado, pois consideram-se justos, uma vez que observam fielmente a lei. Esta questão será tratada por Jesus no v. 41, concluindo a perícope.

É importante ressaltar que a palavra ἁμαρτίαις está no plural, indicando não apenas a cegueira de nascimento, mas também a atitude do homem em defender Jesus como pessoa oriunda de Deus, a quem Ele ouve e por isso tem o poder de curar um cego de nascimento.¹⁴⁹

A palavra ἐξέβαλον, seguida de ἔξω, tem um significado forte: é a expulsão do cego curado, da comunidade.¹⁵⁰ Esta atitude foi consequência do não reconhecimento do sinal que Jesus realizou por parte dos judeus (fariseus), da defesa que o cego curado fez de Jesus, da sua posição clara ante as dúvidas e o legalismo dos judeus a respeito de sua cura e da pessoa de Jesus.

¹⁴⁹ Veja também a posição de MICHAELS, 1994, p.179-180.

¹⁵⁰ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p.317; para CHAMPLIN, 1982, p.434-435, este pequeno grupo misto de judeus não teria autoridade para expulsar alguém da sinagoga, e sim o Sinédrio, pois era uma posição oficial, o que deve ter sido providenciado logo depois do sábado; para BOOR, 2002, p.238, a expulsão do homem curado impedia que ele se mostrasse em lugar onde estivessem fariseus e escribas. Assim a sua cura, feita através da graça e da misericórdia de Deus, que deveria ser motivo de louvor a Deus, o torna, pela cegueira dos adversários de Jesus, uma pessoa rejeitada, a quem se devia evitar.

2.3.3.3 Conclusão: 9, 35-41 (6ª. e 7ª. cenas)

Dividimos a conclusão (9, 35-41) em duas partes: 9,35-38 (6ª. cena) e 9,39-41(7ª. cena). Na **6ª. cena** (9, 35-38), os judeus saem do cenário e temos a volta de Jesus, que procura o cego curado e a ele revela-se como o Filho do homem, enquanto o cego curado faz a Ele sua profissão de fé. Este bloco está dividido em duas partes: 9,35-36 (o encontro com o cego curado, a pergunta de Jesus e a resposta a ele); e 9,37-38 (a afirmação de Jesus e a profissão de fé do cego curado).

Nos v. 35-36, a notícia da expulsão do cego curado da sinagoga chega até Jesus e ele vai a seu encontro, Ihe faz uma pergunta e ele responde com outra pergunta: Ἦκουσεν Ἰησοῦς ὅτι ἐξέβαλον αὐτὸν ἔξω καὶ εὐρῶν αὐτὸν εἶπεν· σὺ πιστεύεις εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου; ἀπεκρίθη ἐκεῖνος καὶ εἶπεν· καὶ τίς ἐστιν, κύριε, ἵνα πιστεύσω εἰς αὐτόν; (*Ouviu Jesus que expulsaram ele para fora e encontrando-o disse: Tu crês no Filho do homem? Respondeu aquele e disse: e quem é, senhor, para que eu creia em ele [nele]?*).

Anteriormente a cegueira física do homem causava a sua exclusão da sociedade; agora que ele vê, é excluído da sinagoga. Jesus ouviu essa notícia e isto o leva mais uma vez a ir ao seu encontro. A frase inicia com o verbo ἀκούω, usado no aoristo indicativo, voz ativa, e que só aparece nesta forma em toda a perícopé.

A pergunta de Jesus σὺ πιστεύεις εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου; aparece assim unicamente em todo o Segundo Testamento, principalmente com o sentido de uma profissão de fé.¹⁵¹ O uso do pronome σύ (tu) no início da pergunta, caracteriza uma pergunta direta e pessoal àquele homem. É de ressaltar que antes de ungir os olhos do homem cego com barro, Jesus não Ihe pergunta nada, apenas depois o manda se lavar na piscina de Siloé. Agora, como que para completar a sua cura, é preciso ouvir dele que crê em Jesus, como o Filho do homem.¹⁵²

¹⁵¹ Cf. WITHERINGTON III, Ben. *História e histórias do Novo Testamento*. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2005. p.247.

¹⁵² Filho do homem é o título que Jesus usa para si mesmo. Veja também a respeito o estudo efetuado no item 2.2 desta pesquisa. Para LÉON-DUFOUR, 1996, p.239, no evangelho segundo João este título é usado dez vezes. Somente em Jo 5,27 apresenta Jesus como um juiz escatológico como em Dn 7,13-14. Em Jo 9,35, o título não vem acompanhado por um verbo que explicita o comportamento ou a função desta figura. Para ele, esse emprego na forma absoluta em 9,35 evoca a

A resposta do homem curado da cegueira é uma pergunta com dois elementos: primeiro: e quem é, senhor?; segundo: para que eu nele creia? Conhecer é a condição essencial para poder acreditar em Jesus como Filho do homem, o que é estabelecido com o uso da conjunção ἵνα. Já em 9,3 esta mesma conjunção foi usada com o sentido de que a cegueira de nascença do homem seria uma forma da manifestação das obras de Deus.

Nos v. 37-38 está a resposta de Jesus com a indicação a respeito dele e a profissão de fé do cego curado: εἶπεν αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· καὶ ἑώρακας αὐτὸν καὶ ὁ λαλῶν μετὰ σοῦ ἐκεῖνός ἐστιν. ὁ δὲ ἔφη· πιστεύω, κύριε· καὶ προσεκύνησεν αὐτῷ. (*Disse-lhe Jesus: já o tens visto e é o que fala contigo. Ele disse: Creio, Senhor, e prostrou-se diante dele*).

Os estudos da crítica textual (item 2.3, desta pesquisa) informam que em alguns manuscritos o v.38 não consta, o que faria uma ligação direta do v.37 ao v. 39. Jesus, ao falar de si como Filho do homem, usa o pronome ἐκεῖνός, e não a forma direta: eu sou (ἐγὼ ἐμὶ).¹⁵³ Ele se identifica como o Messias¹⁵⁴ diante do cego curado como a quem ele vê e ouve¹⁵⁵ (καὶ ἑώρακας αὐτὸν καὶ ὁ λαλῶν μετὰ σοῦ ἐκεῖνός ἐστιν). O verbo ἑώρακας entre as duas conjunções καί tem a sua intensidade ponderada por ela. O cego curado agora pode contemplar a face de quem o curou. Sua visão está completa (a física associada à da fé) e por isso declara sua fé e se prostra diante de Jesus. Ele se dirige a Jesus com o título κύριε,¹⁵⁶ que está no vocativo. Com o desenvolvimento de sua fé, declara que Jesus é o Senhor de sua vida. Ele, a exemplo da oração do Sl 34, 9, provou e viu como o Senhor é bom e por isso nele se abrigou.

totalidade do mistério, na sua realização efetiva e na sua dimensão salvífica. Citando J. Blank, ele diz: “trata-se de uma fórmula cristológica englobante”; para VANCELLS, 1989, p. 94, “o título de Filho do homem é usado no quarto evangelho para corrigir outras imagens messiânicas que os interlocutores empregam para definir Jesus”.

¹⁵³ Para SCHNACKENBURG, 1980, p.320: “a fórmula de revelação ἐγὼ ἐμὶ é evitada talvez de propósito, porque ao Filho do homem só se pode ver veladamente, com a fé (cf. Jo 14,9), ou porque a fórmula está vinculada ao Filho do homem em sua exaltação (cf. Jo 8,28). Jesus, ao usar ἐκεῖνός faz uma chamada direta à fé” (tradução nossa).

¹⁵⁴ MICHAELS, 1994, p. 182.

¹⁵⁵ Para LÉON-DUFOURT, 1996, p.240, a visão está atrelada à palavra, uma vez que o cego ouviu a ordem de Jesus e ir se lavar na piscina de Siloé e a executou. “É a Palavra que é o dom por excelência, que permite ao homem passar das trevas para a luz”.

¹⁵⁶ Neste v.38, o sentido de κύριε não é o mesmo do v. 36, que é o de um tratamento gentil, mas uma declaração de fé pela restauração completa da sua vista. Ele faz um itinerário de fé, pois, do homem chamado Jesus ele chega à compreensão de que é Profeta, depois homem de Deus, e que é o Filho do homem quem o curou e por isso ele se torna o Senhor da sua vida.

Na 7ª. **cena** (9,39-41), Jesus esclarece uma das finalidades da sua missão. Aparecem novamente os fariseus, com os quais ele dialoga e mostra que eles, sim, são os verdadeiros “cegos”, porque não querem ver nele o Messias. Dividimos este bloco em duas partes: v. 39 (a declaração de Jesus do porque veio ao mundo); v. 40-41 (o diálogo com os fariseus e a sentença dada a eles).

No v. 39, Jesus fala porque veio ao mundo: Καὶ εἶπεν ὁ Ἰησοῦς· εἰς κρίμα ἐγὼ εἰς τὸν κόσμον τοῦτον ἦλθον, ἵνα οἱ μὴ βλέποντες βλέπωσιν καὶ οἱ βλέποντες τυφλοὶ γένωνται. (*E disse Jesus: para juízo eu para este mundo vim, para que os que não vêem, vejam, e os que vêem se tornem cegos*).

Esta declaração de Jesus parece ter mais sentido quando ligada diretamente ao v. 37. O cego curado não aparece mais nos versículos seguintes, embora tenha sido um dos atores principais nas cenas dos v. 8-38. A cura do cego de nascença é completa quando ele vê, ouve Jesus e a ele declara sua fé. O alvo de Jesus, a partir de agora, são os que não crêem nele e o rejeitam – os fariseus.

A palavra κρίμα aparece unicamente no v. 39 deste evangelho. Ela representa a síntese da ação de Jesus, o juízo ou o julgamento ao mundo,¹⁵⁷ com a abertura de um processo, a partir de sua presença no mundo.¹⁵⁸ Jesus esclarece qual será o resultado do julgamento¹⁵⁹ com o uso da conjunção subordinativa ἵνα. Na expressão οἱ μὴ βλέποντες βλέπωσιν καὶ οἱ βλέποντες τυφλοὶ γένωνται, temos outra vez um paralelismo antitético: “os que não vêem → vejam X os que vêem → cegos se tornem”. A cegueira torna-se uma metáfora¹⁶⁰ para o não reconhecimento dele como o Messias.

Nos v. 40-41 está a pergunta dos fariseus e a sentença de Jesus: ἤκουσαν ἐκ τῶν Φαρισαίων ταῦτα οἱ μετ’ αὐτοῦ ὄντες καὶ εἶπον αὐτῷ· μὴ καὶ ἡμεῖς τυφλοὶ ἐσμεν; εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· εἰ τυφλοὶ ἦτε, οὐκ ἂν εἶχετε ἁμαρτίαν· νῦν δὲ λέγετε ὅτι βλέπομεν, ἡ ἁμαρτία ὑμῶν μένει. (*Ouviram dentre os fariseus*

¹⁵⁷ Para COMBLIN, José. *Jesus o enviado do Pai*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 91: “o conjunto de acontecimentos ao redor da vinda de Jesus na humanidade constituem um *juízo*”.

¹⁵⁸ MATEOS e BARRETO, 1989, p. 432, lembra que a palavra *mundo*, que já apareceu em Jo 8,32, refere-se à ordem político-religiosa judaica.

¹⁵⁹ Para CHAMPLIN, 1982, p.436, “tem tanto um aspecto positivo como negativo – luz e salvação para os que aceitam a ele e a sua palavra; mas, trevas e condenação para aqueles, cujo coração se mantém rebelde e duro, os quais, apesar de todas as evidências, preferem as trevas, porque suas obras são más e não as querem ver desmascaradas”.

¹⁶⁰ O que lembra a missão dada ao profeta (cf. Is 6,9-10). MICHAELS, 1994, p. 182, registra que esta metáfora faz lembrar certos ditos de Jesus: “os são não necessitam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar os justos, mas, sim os pecadores” (Mc 2,17).

estas coisas os que com ele estavam e disseram a ele: também nós somos cegos? Disse-lhes Jesus: se cegos fosseis não teríeis pecado; agora porém dizeis: vemos, o vosso pecado permanece).

O verbo ἀκούω, que está no indicativo aoristo, voz ativa, inicia a frase. Ouvir a Jesus é uma das condições para o seu seguimento, porém, quem agora ouve não está interessado em mudar seu entendimento a respeito de Jesus. Os ouvintes são denominados aqui como “dentre os fariseus”,¹⁶¹ que estavam ali próximos. Estes perguntam a Jesus: μή καὶ ἡμεῖς τυφλοὶ ἐσμεν; καὶ é advérbio e, por isso, pode se traduzido como: também ou acaso. O sentido da pergunta, porém, é que eles não estão sentindo-se como cegos,¹⁶² uma vez que a tudo conhecem da lei e a obedecem fielmente.

Em sua resposta, a sentença de Jesus mais uma vez forma um paralelismo antitético: “se cegos fosseis -> não teríeis pecado X agora dizeis que vemos -> vosso pecado permanece”.¹⁶³ O sinal realizado e quem o realizou não são aceitos pelos judeus fariseus, uma vez que permanecem obstinados em aspectos da lei que os tornam como pessoas cegas, diante do Filho do homem, o Messias que se manifesta por meio de palavras e sinais.

¹⁶¹ Lembrando que o cego curado fora expulso da comunhão sinagoga, provavelmente os fariseus não estariam próximos a ele e nem a Jesus. A respeito destes “dentre os fariseus”, há uma possibilidade de serem os cripto-cristãos, ou os crentes em Jesus e inconsequentes. A respeito deles veja, RICHARD, 1994, p.16-17, que os define como os judeus que crêem em Jesus e com medo de serem expulsos da sinagoga, não crescem na fé e ficam com uma fé inadequada.

¹⁶² Contrário a essa posição é o que Jesus declara sobre eles: Ai de vós, guias cegos! Insensatos e cegos! Cegos! Fariseu cego! (cf. Mt 23, 16a. 17a. 19a. 24a. 26a); para CHAMPLIN, 1982, p.437, essa pergunta pode ser interpretado como: “1. Uma alusão à cegueira física; 2. Talvez estivessem falando ironicamente; mas ter-se-iam referido à cegueira espiritual, e assim essas palavras seriam uma repreensão contra Jesus; 3. Teriam deixado entendido que não somente viam com clareza, como também que essa visão se tornava cada vez mais clara. Por isso esperavam uma resposta afirmativa de Jesus”.

¹⁶³ Para SANTOS, Bento da Silva. *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1994. p. 289, o pecado no evangelho de João é a rejeição gratuita do Enviado de Deus e o ódio aos que o confessam como Salvador universal da humanidade. Tal pecado permanece quando se deixam levar pelo orgulho, pela falsa autoconsideração pessoal, e pela busca da própria glória.

2.3.4 Gênero literário¹⁶⁴

O evangelho segundo a comunidade joanina se caracteriza por si só como *evangelho*.¹⁶⁵ A perícopre Jo 9,1-41, no seu geral, é uma narrativa de milagre, que Theissen classifica como “Milagre de normas”, embora outros autores o classifiquem como “cura”.¹⁶⁶ A perícopre está repleta de diálogos,¹⁶⁷ que se caracterizam como interrogatórios, os quais apresentam, como primeira finalidade, descobrir *como* aconteceu a cura do cego de nascença, e que, depois, se voltam para a identidade de Jesus.

Como estudado no item anterior desta pesquisa, percebemos o grande uso de paralelismo antitético¹⁶⁸ nas sub-unidades da perícopre. De um modo geral podemos dizer que em Jo 9,8-41 os diálogos se apresentam como *controvérsias*¹⁶⁹ de Jesus, que serão assumidos pelo cego curado, com os judeus e os fariseus, pois, a exemplo do que se refere a Jesus, está no contexto da Festa das Tendias; em Jerusalém; seus interlocutores são seus adversários; o tema parte de uma cura, em dia de sábado, de um cego de nascença, que progride com o uso da ironia para a identidade de Jesus e a verdadeira situação dos judeus fariseus.

Apesar destas características elencadas a respeito das controvérsias, o diálogo que se segue à cura do cego de nascença em Jo 9 é *especial*, uma vez que nas cenas que se sucedem à cura, Jesus está ausente, (dos v. 8-34) até

¹⁶⁴ Como gênero literário entendemos a forma literária mais extensa e global de um livro. Para estabelecer o gênero da perícopre Jo 9,1-41, será necessário designar a forma, ou seja, identificar as unidades literárias menores que nela se encontram. Veja também: EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. Tradução Johan Konings e Inês Borges. São Paulo: Loyola, 1994. p.142-154.

¹⁶⁵ ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A Bíblia como Literatura*. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 58, destaca: “Basicamente João pertence ao gênero literário evangelho, mas seu estilo, vocabulário e parte de sua estrutura são tão diferentes dos sinóticos, que alguns o consideram como um ‘testemunho atualizante’ (E. Cothenet) ou uma ‘confissão de fé da comunidade’ escrita em forma narrativa (J. O.Tuñí); veja também SCHNELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. Tradução. Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2004. p. 104-105, que apresenta um estudo de como o substantivo εὐαγγέλιον se tornou o gênero amplo evangelho. Ele conclui: “o evangelho constitui algo *sui generis*, que não se deixa enquadrar em nenhum gênero literário”.

¹⁶⁶ Cf. WEGNER, 2002, p.193.

¹⁶⁷ Para VANCELLS, 1989, p.39, os diálogos ampliam os sinais em João. Esta é uma característica própria em João, pois é através dos diálogos que se explicarão as raízes últimas dos sinais e onde se dará o sentido último da revelação que será realizada com o sinal.

¹⁶⁸ A respeito veja GABEL, John B. e WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. 2 ed. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2003. p.46.

¹⁶⁹ Cf. WEGNER, 2002, p. 185.

praticamente o final. O cego é o ator principal nos versículos que compõem a maior parte da perícopé.¹⁷⁰

Por este motivo, é necessário sub-dividir a perícopé em dois blocos: 9,1-7 e 9,8-41. Primeiro: o que caracteriza 9,1-7 é a narrativa da cura com as suas características próprias: uma introdução, que apresenta o encontro com o doente e a exposição de motivos, juntamente com um ensinamento contrário à teologia da retribuição; o desenvolvimento, com a descrição de como se procedeu a cura, que, também neste caso, é sucinta, pois trata-se de um sinal; e uma conclusão, que está no v.7, o mesmo da descrição da cura (*Foi e lavou-se e voltou vendo*).

Segundo: nos v. 8 – 41 temos a reação da cura, desenvolvida por meio de intensos diálogos repletos de interrogatórios, com a característica de *controvérsias*, onde há uma reação negativa ao ato da cura de um cego de nascença em dia de sábado e por isso a discussão em torno da identidade de Jesus e de quem o reconhece e segue como Messias. É uma polémica com o grupo judaico dos fariseus que culmina com a separação dos cristãos da sinagoga.

Esta narrativa de cura é especial neste evangelho, uma vez que visa apresentar um sinal realizado por Jesus e, como já citado anteriormente, tem uma construção própria, pois se apresenta como uma catequese para as pessoas que estão dentro da comunidade joanina, em um momento especial, lutando para se manter fiéis e unidas no seguimento a Jesus, dentro do judaísmo.

2.3.5 Uso de fontes escritas¹⁷¹

Através do estudo das características do evangelho segundo a comunidade joanina, no que se refere às fontes utilizadas, já estudadas nesta pesquisa,¹⁷² e da perícopé Jo 9, 1-41, percebemos que ela tem uma construção específica.¹⁷³ Embora esta narrativa contenha indiretamente os elementos das curas de cegos¹⁷⁴ relatadas

¹⁷⁰ Cf. VANCELLS, 1989, p. 52.

¹⁷¹ Cf. WEGNER, 2002, p. 106-118.

¹⁷² Veja o apresentado no item 1.2 desta pesquisa, a respeito das fontes usadas por este evangelho.

¹⁷³ Cf. WEGNER, 2002, p. 111, que lembra o uso da “*fonte de sinais*” pelo evangelho de João, nos cap. 1-12.

¹⁷⁴ Os elementos são: a apresentação do taumaturgo e o pedido ou não pela cura do doente; a descrição da cura e a reação da pessoa curada e dos expectadores.

em Mc 8,22-26; 10,46-52; Mt 9,27-31; 20,29-31 e Lc 18,35-43, não podemos afirmar que, em todos os aspectos, se assemelhem a elas,¹⁷⁵ pois, não há a pergunta de Jesus ao doente pelo desejo de ficar curado ou o pedido expresso da cura pelo doente, e que a pessoa nasceu cega.

As fontes extra-bíblicas que podem ter sido utilizadas para dar respaldo à pergunta dos discípulos de Jesus, em 9,2, são as declarações nos Targuns e no Talmude, *Strack and Billerbeck*, II, p. 527-529.¹⁷⁶ Para a crença de que a saliva misturada com terra era considerada como curativa (9,6), veja as obras dos historiadores romanos Tácito, *História*, IV.8, e Suetônio, *História Natural*, XXVIII. 7. Também se encontra referência ao lodo preparado com saliva e argila para cura de olhos enfermos na *Mishnah Mikvoat* cap. 7, do sec. 1.

As fontes bíblicas que deram origem aos ensinamentos dos rabinos a respeito de Deus castigar a culpa dos pais nos filhos, encontramos em Ex 20, 5; 34,7; Nm 14,18 e Dt 5,9. Também alusão a este castigo está em Sb 4,9 e Eclo 41,5-7. É preciso, porém, deixar claro que não há nenhuma citação direta de qualquer texto do Primeiro ou do Segundo Testamento em toda a perícopé, apenas alusões e correlações que podemos efetuar. Isto se verifica em 9,4: em relação às obras de Deus que precisam ser feitas, há uma referência a Is 42,6-7.16; 61,1; em 9,7, onde Jesus manda o cego ir lavar-se na piscina de Siloé, há uma lembrança da ordem de Elias dada ao leproso Naamã em 2 Rs 5,10, para que fosse se banhar sete vezes no Rio Jordão a fim de ficar curado. A respeito das águas de Siloé, há ainda a referência a Is 8,6, que, na época, foram desprezadas pelo próprio povo; em 9,14 está a questão de a cura ter sido efetuada em sábado e, contrário a isso, há a ordem expressa em Ex 20,8 e Dt 5,12-15, na qual os opositores de Jesus se baseiam para o considerar um homem pecador.

As referências do Segundo Testamento, que apresentam Jesus agindo em forma contrária à lei do sábado, estão em: Mt 12, 1-8. 9-14 // Mc 3,1-6 e Lc 6, 6-11; Jo 5,1-10 e 7,22-23. Também aquelas em que envia seus discípulos e discípulas para realizar as obras do Pai, como em Mc 16,14-18; Mt 10,5-15; Lc 9,1-6 e 10,1-11.

¹⁷⁵ Veja a respeito SCHNACKENBURG, 1980, p.307.

¹⁷⁶ Cf. CHAMPLIN, 1982, p. 423.

2.4 Análise de conteúdo segundo o método histórico-crítico.¹⁷⁷

O estudo desenvolvido nos itens anteriores nos oferece elementos para que possamos efetuar a análise do conteúdo da perícopes de Jo 9,1- 41. A moldura inicial dela está em Jo 8,59, onde Jesus sai do templo e não é mais visto pelos que desejavam apedrejá-lo, pois havia se escondido. Em Jo 9,1, ele caminha livremente com seus discípulos e vê o cego de nascença, que está fora do templo. Embora o término da perícopes esteja em 9,41, sua moldura final está em Jo 10,19-21. Ainda que já tenhamos apresentado, na análise literária, alguns elementos históricos, sociais e religiosos subjacentes ao texto, iremos, a seguir, ampliá-los.

Como eixo central do texto está a identidade de Jesus e sua missão: ele é Filho do homem, o Messias, que é a luz do mundo que a tudo veio clarear; está também a exigência da atitude apologética de quem o segue, em oposição ao pensamento dos fariseus, de que um homem pecador não pode realizar sinais (9,16). Por isso, as implicações elencadas para que o sinal não fosse aceito, principalmente pelos fariseus, tais como: a cegueira desde o nascimento, o uso da saliva e do barro, a cura ocorrida em dia de sábado e a expulsão da sinagoga a quem confessasse ser Jesus o enviado de Deus, o Messias. Tudo isso será mostrado no interrogatório ao cego e aos seus pais, com o objetivo de incriminar a Jesus.

O estudo da estrutura da perícopes nos mostrou que ela está dividida em sete cenas, onde a 1ª cena em Jo 9,1-7 apresenta a introdução de toda a temática tratada nas cenas seguintes à cura efetuada por Jesus. Está evidenciada a questão da indiferença sofrida por uma pessoa cega desde o nascimento, devido ao ensinamento da lei (cf. Ex 20,5; Dt 5,9) em que o pecado dos pais é castigado por Deus nos filhos.

O momento da cura só foi presenciado pelas pessoas (não citadas no texto) que estavam ao redor da piscina de Siloé, quando o cego se lavou. A cura foi constatada posteriormente pelos vizinhos e por outros que conheciam o cego, pelos fariseus, pelos seus pais e por Jesus. A construção literária da perícopes se preocupou em apresentar a aplicação de lodo, com a saliva de Jesus e o barro, nos

¹⁷⁷ Seguiremos os passos proposto por WEGNER, 2002, p.259-293.

olhos do cego, o mandato de Jesus que ele fosse se lavar na piscina de Siloé¹⁷⁸, as implicações posteriores à cura do cego de nascença e o desenvolvimento de sua visão a respeito de Jesus em oposição ao fechamento dos olhos dos judeus fariseus.

O cego não pediu para ser curado, mas não estranha que alguém aplique lodo em seus olhos, pois havia uma crença de que barro feito com saliva aplicada aos olhos doentes seria para sua cura (*Mishnah Mikvoat* cap. 7, sec. 1). O homem, quando cego, fez o que foi necessário para completar sua cura, ele não queria mais permanecer nas trevas.

O trajeto do local próximo ao templo, onde estava o cego de nascença, quando Jesus o encontrou, até a piscina de Siloé, que fica a sudoeste da cidade velha,¹⁷⁹ é longo e com um declive acentuado e o cego, com lodo nos olhos, vai até lá e lava-se. Realiza o que Jesus mandou. Só após se lavar ficou curado, passou a enxergar.

O significado do nome da piscina de Siloé é explicado pelo redator, como para indicar que não são apenas as águas que são enviadas da fonte de Guihon até a piscina, mas agora é o próprio Jesus que é o “Enviado de Deus”, o que para o cego curado e para toda a comunidade ficará claro no v. 38.

O contexto é o da festa das Tendas,¹⁸⁰ época por excelência messiânica, quando, da piscina de Siloé, antes da cura do cego, provavelmente teria saído a procissão luminosa e com cantos levando a água para as cerimônias de purificação no templo. No ambiente de luz desta festa, Jesus é quem ilumina o mundo.

O sinal acontece em processo: aceitar o lodo aplicado nos olhos; fazer o que Jesus pediu; não omitir nenhum detalhe a respeito de como a cura aconteceu e refutar, de forma corajosa, com base nas Escrituras e na vida, as acusações feitas pelos fariseus ao cego e a Jesus. Ver fisicamente foi o primeiro passo apresentado pela narrativa nos v.1-7. A visão irá se aprofundar, pois, como já exposto, o eixo central da narrativa é a identidade de Jesus, o que o homem curado de sua cegueira

¹⁷⁸ Para SCHNACKENBURG, 1980, p.309, a favor de um ponto de garantia histórica do sinal fala a determinação do local onde aconteceu a cura -> Siloé. (Tradução nossa).

¹⁷⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, 1996, p. 233.

¹⁸⁰ Cf. BARREIRO, 2005, p. 124, quando também celebravam a memória da nova consagração do Templo por Judas Macabeu, depois da profanação pelos pagãos.

irá desenvolver paulatinamente¹⁸¹ nos v. 9-38, quando reconhece Jesus como o Filho do homem e diante dele se prostra (9,38).

Nas cenas seguintes (v.8-34), está o desenvolvimento da perícopie, onde encontramos a instauração de um tribunal, com o interrogatório dos vizinhos e depois dos fariseus ao cego curado e a seus pais. Fica evidenciada a condição social do cego de nascença, que era um mendigo, pois na época não poderia sobreviver a não ser pedindo esmolas (9,8). A ele só restava permanecer sentado, esperando a caridade alheia. E o sistema religioso o considerava como um pecador e, por isso, era impedido de entrar e participar das orações no templo, tornando-o por estes motivos um marginalizado na sociedade.¹⁸²

A informação de a cura ter ocorrido em dia de sábado surge no v.14, o que vai caracterizar a ação de Jesus como uma transgressão da lei a respeito de guardar o sábado (cf. Ex 20,8-11; Dt 5,12-15). No evangelho segundo a comunidade joanina Jesus ainda realiza outra cura em sábado, a do homem paralisado há 38 anos na piscina de Betesda (Jo 5,1-11), que também fica em Jerusalém. O sábado é interpretado por Jesus como o dia da ação de Deus por excelência, e por isso ele realiza curas nesse dia,¹⁸³ contrariando toda a interpretação a respeito do preceito de descanso no sábado pelos fariseus.

O grupo dos fariseus (“separados”), que era de pessoas “leigas”,¹⁸⁴ originou-se de pessoas do povo, no tempo dos Macabeus, (em torno de 138 A.E.C.),¹⁸⁵ em oposição ao processo de helenização da Judéia, imposto pelos governantes sírios, com a intenção, também, de tornar Israel plenamente santo. Tinham por este motivo o propósito de conhecer a lei e ensiná-la ao povo para que, através do fiel

¹⁸¹ Para KONINGS, 1975, p. 45, o cego curado percorreu sete passos na aceitação de Jesus: 1º. Vai lavar-se na piscina de Siloé (9,7); 2º. Responde aos vizinhos a respeito de sua cegueira (9,9-11); 3º. Responde do mesmo modo aos fariseus (9,15); 4º. Confessa a Jesus como profeta (9,17); 5º. Responde uma segunda vez aos fariseus com ironia (9,25-27); 6º. Ensina aos fariseus que Jesus não pode ser um pecador, mas deve ser um enviado de Deus (9, 30-33); 7º. Confessa a fé no “Filho do homem” (9.38).

¹⁸² Para GARCIA, Paulo Roberto. A memória dos marginalizados. In: *Tempo e Presença*. N.º. 229. Abr./1988. São Paulo: CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988, p. 29-30, a condição de mendigo do cego não era um incômodo, pois, sua situação é vista como uma fatalidade da vontade e juízo divino e não fruto dos impostos excessivos e da opressão da corte judaica e do Império Romano, já que ele é considerado um pecador.

¹⁸³ Jesus realiza as obras de Deus (Jo 9,4), ele o enviado do Pai, não se deixa dominar por preceitos que impedem a vida ser restaurada e defendida. Para MATEOS e BARRETO, 1989, p. 418, o “amassar o barro” de Jesus no sábado prolonga o sexto dia da primeira criação; pois Jesus desta forma continua criando o ser humano.

¹⁸⁴ Cf. WEGNER, 2002, p.292: Um grupo de judeus piedosos com um número aproximado de 6.000 pessoas.

¹⁸⁵ A sigla A.E.C. neste estudo é para designar: antes da Era Cristã ou antes da Era Comum.

cumprimento dela, Israel se tornasse aos olhos de Deus, santo. Champlin registra: “Foi a partir do ano 78 A.E.C., que o grupo dos fariseus passou a dominar o sinédrio, o principal tribunal religioso e civil da época, entre os judeus, o que continuou até a destruição de Jerusalém, no ano 70 E.C.”.¹⁸⁶ É somente a partir desta data que este grupo vai se tornar o poder da nação judaica, responsável pela re-estruturação dela e, por isso, a sua ortodoxia torna-se intransigente, causando a expulsão dos cristãos da comunidade sinagoga.

Na perícope de Jo 9,1-41, eles são mostrados como o grupo que após o ano 70 E.C., se opõem aos cristãos,¹⁸⁷ porque é quem coordena e comanda o judaísmo. Por isso, na perícope eles são também chamados de judeus (cf. 9,18.24). Em contrapartida, em Jo 3,1-21, 19,39 e 19,30, se apresentam dois fariseus: Nicodemos e José de Arimatéia, que estão muito próximos a Jesus. Para a comunidade joanina, os fariseus, na época da redação do evangelho, são os seus principais opositores e quem sentencia a sua expulsão da sinagoga.¹⁸⁸

O eixo do interrogatório passa de *como* aconteceu a cura para a veracidade da doença do cego desde o nascimento culminando com a identidade de Jesus. O sinal realizado causa divisão entre os fariseus: “*Como pode um homem pecador realizar tais sinais?*” (v.16). Enquanto os fariseus permanecem divididos e a maioria deles não quer ver quem é Jesus, o cego curado, durante o interrogatório ao qual é submetido, vai abrindo aos poucos sua visão a respeito de quem o curou, culminando com a sua declaração: “*Se não fosse este da parte de Deus, não poderia fazer nada*” (v.33). Os redatores do evangelho indicam à comunidade como entender quem é Jesus.

Nos v.35-41 está o encontro de Jesus com o cego curado, com a finalidade de completar o processo de abertura da sua visão. Isso acontece quando Jesus lhe pergunta: “*Crês, tu, no “Filho do homem”?*” (v.35). Este título,¹⁸⁹ usado por Jesus para falar de si mesmo, tem a conotação de identificá-lo com o Messias, que veio

¹⁸⁶ Cf. CHAMPLIN, 1982, p. 679.

¹⁸⁷ Para KONINGS, 1975, p.47, um dos motivos de os fariseus se oporem aos cristãos após o ano 70 E.C.: era que os cristãos não teriam participado da guerra de libertação nacional contra os romanos. Veja também outras considerações apresentadas a respeito dos fariseus.

¹⁸⁸ Veja o processo de expulsão da sinagoga e suas conseqüências na nota 141, nesta pesquisa. Lembramos, porém, que este grupo sozinho na época de Jesus não teria a força para expulsar alguém da comunidade, e sim, o Sinédrio.

¹⁸⁹ Para KONINGS, 1975, p.46, este título vem de Dn 7,13-14 e em hebraico significa: *membro da geração humana*, a quem é dado o poder universal. Em João, este título é usado para evocar o poder “jurisdicional de Jesus” (cf. Jo 5,27).

para estar a serviço dos seres humanos e realizar tudo quanto Deus planejara para eles, quando da sua criação. Jesus é o “verdadeiro homem”, conforme Deus pretendia que o ser humano fosse.¹⁹⁰

O homem, antes cego, afirma sua fé em Jesus como o Filho do homem (v.38), pois já havia demonstrado crer em quem o havia curado como uma pessoa de Deus. A comunidade joanina tem, assim, os elementos para confessar publicamente a sua fé, sem nada temer, como fez o cego curado por Jesus. Podemos deduzir que este homem cego não é apenas um indivíduo, mas representa toda uma comunidade, ou um modelo para a comunidade, que aos poucos vai compreendendo quem é Jesus.¹⁹¹

E Jesus, em oposição, ao cego que nele crê e o vê realmente, dá seu veredicto contra os que não o aceitam e insistem em permanecerem apegados à lei: como os fariseus, eles são cegos (v.41). No seu julgamento Jesus é bem claro: quem antes era cego e agora o vê como o Messias, recebe salvação; os que dizem que a tudo vêem com o conhecimento da lei, permanecem em pecado e, por isso, são cegos.

Em síntese: há muitos indícios de que o texto seja uma catequese para a comunidade joanina que vive a problemática surgida após a destruição do templo de Jerusalém, em que a sociedade judaica passava por uma reestruturação a partir do grupo dos fariseus, que na época se opunham a quem, dentro das sinagogas confessassem que o Messias já havia vindo, em Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado. O texto faz uma releitura do sinal realizado por Jesus em quem é cego desde o nascimento, ou seja, desde a sua manifestação ao mundo, que o aceita, nele coloca sua fé e a professa em público, em oposição aos fariseus que não o reconhecem como o Messias que realiza as obras de Deus.¹⁹² Por este motivo não pode ser remetido ao tempo de Jesus de Nazaré.

¹⁹⁰ Cf. CHAMPLIN, 1982, p.435.

¹⁹¹ Para LÉON-DUFOUR, 1996, p.238, o evangelista faz do cego curado um modelo para os membros de sua comunidade, intimidada a escolher entre o ensinamento da sinagoga e a fidelidade a Cristo.

¹⁹² Para SCHNELLE, 2010, p. 959: “enquanto os judeus persistem na falta de fé, interpretam a vida de Jesus com a tradição como pecado (v.14.16a) e até negam a facticidade do milagre, o cego de nascença chega, num processo gradual, ao reconhecimento e à confissão da origem divina de Jesus, num processo que alcança seu ápice no πιστεύω (‘eu creio’) do v.38”.

2.5 Análise teológica¹⁹³

Muitas questões a respeito da perícopa de Jo 9,1-41 já foram apresentadas nos itens anteriores desta pesquisa. Queremos, a partir deste ponto, aprofundar a teologia que ela nos apresenta. A narrativa de cura de cego de nascença é única em todo o Segundo Testamento.

Em João, uma narrativa semelhante é a da cura do parálítico na piscina de Betesda (Jo 5,1-18). Há alguns pontos em comum entre os dois relatos: à beira de uma piscina (Jo 5,2-3 e 9,7); doença grave: um estava parálítico havia 38 anos e com muita dificuldade de cura e o outro, era cego desde o nascimento (sem possibilidade de cura); o sinal aconteceu em dia de sábado e ambos fazem o que Jesus manda: o parálítico pega sua cama e anda e o cego vai a Siloé lavar-se para ficar curado.

No que se refere ao parálítico de Jo 5,1-18, percebemos diferenças na intenção da narrativa, quando comparada à cura do cego em Jo 9,1-41. Primeira: Jesus pergunta se o homem parálítico quer ficar curado e ele responde indicando a dificuldade de sua cura; já ao cego, Jesus nada pergunta, apenas aplica lodo em seus olhos e o manda ir a Siloé para se lavar. Segunda: Jesus não toca no parálítico e nem lhe aplica coisa alguma, apenas ordena: *levanta-te, pega o teu leito e anda* (Jo 5,8); quanto ao cego, Jesus lhe aplica lodo nos olhos e manda que ele vá a Siloé se lavar (9,6-7). Terceira: a cura do parálítico é imediata e na presença de Jesus, pois ele faz o que Jesus manda; a cura do cego de nascença é paulatina e inicialmente não acontece na presença de Jesus; (compare Jo 5,8-9 com Jo 9,7.35-38). Quarta: O parálítico curado não sabe quem é Jesus nem conhece seu nome quando lhe perguntam quem o havia curado (Jo 5,11-13); já o cego de nascença diz que foi o homem chamado Jesus quem lhe aplicou lodo nos olhos e o mandou lavar-se em Siloé (Jo 9,11). Quinta: A cura do parálítico aconteceu num sábado e os judeus apenas recriminam o homem por estar carregando seu leito, perguntando quem o mandou fazer isso (Jo 5,10); já ao cego curado, os fariseus o inquirem, e também a seus pais, como num tribunal a respeito de sua cegueira de nascimento e sobre quem o curou, o que irá ocasionar a expulsão dele da sinagoga. Sexta: Jesus,

¹⁹³ Seguiremos WEGNER, 2002, p.297-306.

ao encontrar o parálitico curado no templo, manifesta sua admiração pela cura, mas lhe faz uma advertência: *Olha, estás curado; não peques mais para que não te suceda coisa pior* (Jo 5,15); quando Jesus encontra o cego curado, este não está no templo e fora expulso da sinagoga. Então lhe faz a pergunta: *Crês no Filho do homem?* (Jo 9,35). Sétima: o parálitico curado procurou os judeus para lhes dizer que foi Jesus quem o havia curado e, por isso, os judeus começaram a perseguir Jesus (Jo, 5,15-16); já o cego curado defende Jesus diante dos fariseus e polemiza com estes a respeito da origem de Jesus (Jo 9,17.30-33) e ele é, por isso, expulso da sinagoga.

Podemos também relacionar Jo 9,1-41 com as curas de cegos narradas em Mt 20,29-34 // Mc 10,46-52 e Lc 18,35-43 (o cego de Jericó), em Mc 8,22-26 (o cego de Betsaida) e em Mt 9,27-31 (a cura de dois cegos na Galiléia). Em relação a todas estas, como elementos de diferença fundamental temos: a cegueira não é caracterizada como desde o nascimento; não aconteceram em dia de sábado; as pessoas cegas rogam a Jesus para serem curadas; a cura é imediata, após Jesus as tocar; não há uma reação negativa por parte dos expectadores ou das testemunhas a respeito de Jesus por ter efetuado a cura, bem como nenhum processo é instaurado, para averiguar como a cura aconteceu ou, sobre a identidade de Jesus.

Um elemento semelhante se encontra em Mc 8,22-26, onde também Jesus usa de saliva para curar os olhos do cego. Indiretamente, outra semelhança é o seguimento a Jesus que todos realizaram, assim como o cego de Jo 9.

Isto posto, podemos perceber a intenção da comunidade joanina em relatar, em Jo 9,1-41, todo o percurso de cura ou abertura dos olhos de um homem cego de nascença. Era preciso libertar-se da teologia da retribuição. Para Jesus, o que importa é realizar as obras do Pai.¹⁹⁴

A cura do cego de nascença não é imediata como nas demais relatadas: é necessário aos poucos conhecer a realidade em que se vive e assim fazer sua opção de fé, em Jesus como o Enviado de Deus. É preciso discernir mesmo entre os que se dizem conhecedores da lei, onde Deus fala e onde realmente está a verdade em defesa da vida. A partir de então, tomando conhecimento da vontade de Deus,

¹⁹⁴ Realizar o que fosse necessário com em Is 32,1-3; 35,4-6; 42,5-7 e 61,1-2.

firmar-se nela e não se deixar abalar por nada, mesmo que aconteça uma expulsão da comunidade onde se vive.

No item 2.4 desta pesquisa, identificamos como eixo central da perícopes de Jo 9,1-41, a identidade de Jesus e sua missão, o que vai culminar numa adesão de fé a ele como o “Filho do homem”, de forma pública, sem temer nenhuma retaliação pelo grupo dos fariseus. É o que a comunidade joanina aponta para seus participantes, em época de exclusão dos cristãos das sinagogas.

Para reconhecer Jesus como a luz do mundo, como o Filho do homem, é necessária uma decisão, diante da pergunta que Ele faz (cf. Jo 9, 37), e que continua fazendo hoje, a cada um de nós. Cabe a cada pessoa saber discernir e responder se aceita a luz de Cristo ou se quer continuar a viver na cegueira neste mundo.¹⁹⁵

Com o auxílio da Leitura Popular da Bíblia, podemos identificar a imagem de Deus que o texto nos comunica como a de quem acredita no ser humano, mesmo sendo ele “cego”, a quem oferece a possibilidade de ter seus olhos perfeitamente abertos. Basta que faça o que Jesus mandar, mesmo que tenha de caminhar longe e lavar-se para começar a ver; manter-se contrário à opinião de “grupos que dizem estar na verdade” e, por isso, ser por eles discriminado. Identificamos a imagem de Deus que se preocupa com quem é excluído na sociedade, seja pelo sistema econômico, de classe e gênero ou até mesmo pelo sistema religioso. Ele vai ao encontro deles para dar-lhes visão perfeita, revela-se de forma plena a quem nele crê.

Com o auxílio da Leitura Orante podemos nos perguntar: Nós sabemos superar a auto-suficiência que nos atrapalha em ver a Deus e suas obras e de a Ele nos entregar totalmente?

No próximo capítulo iremos aprofundar a catequese na comunidade joanina, a partir da perícopes de Jo 9,1-41, suas características na comunidade judaica, o seu desenvolvimento na comunidade cristã e, apontar alguns indicativos para a catequese na época em que vivemos.

¹⁹⁵ Para BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Ilson Kayser. Revisão Nélio Schneider. São Paulo: Teológica, 2004, p.453, a respeito da resposta do cego curado em Jo 9,39 e dos fariseus em 9,40-41: “Está claro: antes da vinda, da “luz”, todos eram cegos. Os “videntes” são somente aqueles que imaginavam enxergar; os “cegos” são os que tinham consciência de sua cegueira ou têm-na agora, quando Ihes aparece a luz. Os “cegos” e os “videntes”, portanto, não são grupos existentes já antes da vinda da luz; a separação acontece somente agora, quando a cada qual é perguntado se quer pertencer a estes ou aqueles, se quer reconhecer sua cegueira e deseja ser libertado dela ou se a quer negar e nela permanecer”.

3 A CATEQUESE E INDICATIVOS A PARTIR DE Jo 9

Com o estudo dos capítulos anteriores, temos diversos elementos que nos indicam que o texto de Jo 9 foi utilizado na comunidade joanina, também para a catequese e encorajamento de seus membros. Iremos, neste item, fazer um aprofundamento de como ele pode ter sido usado com este objetivo. Iniciaremos com o estudo do termo catequese e do seu desenvolvimento na Igreja primitiva. Faremos um breve resumo dos aspectos gerais do evangelho da comunidade joanina, evidenciando o texto de Jo 9. Em seguida, ampliaremos algumas características da catequese na comunidade judaica e na comunidade cristã. Finalmente, a partir destes elementos, procuraremos apontar alguns indicativos para a catequese em nossos dias. Estudaremos as principais características da catequese na comunidade judaica, uma vez que os primeiros cristãos são oriundos do judaísmo e alguns aspectos desta estrutura serviram, inicialmente, de modelo à catequese na comunidade cristã.

3.1 O termo catequese e seu desenvolvimento

A palavra catequese traz em si o significado de fazer ou criar eco (vem do verbo *kat-echéo*) da Palavra de Deus na pessoa a quem ela é dirigida. Podemos dizer que é a instrução a respeito da fé. Para Danielou, a catequese é a tradição viva do depósito da fé aos novos membros que se agregam à Igreja. Também ela é a primeira explicação elementar do dom da fé, quer se trate dos acontecimentos, dos dogmas ou dos ritos e, ainda, a demonstração ou “*apódeixis*”.¹⁹⁶ A catequese tem por objetivo proporcionar ao ato de fé sua justificação.¹⁹⁷ Para Lima, a catequese,

¹⁹⁶ Termo grego para a demonstração ou comprovação de um argumento ou proposição.

¹⁹⁷ Cf. LIEGE, André; DANIELOU, Jean; BIARD, Pierre et al. *Introdução à Catequética*. Tradução Maria Luiza Neri. Petrópolis: Vozes, 1965. p.33-39.

por definição, tem no seu objetivo, formar discípulos para o seguimento autêntico do Senhor.¹⁹⁸

A catequese toma o exemplo de Deus que se revelou aos seres humanos de forma gradativa, em etapas, apresentando-se como seu criador e fonte da vida e ensinando a buscar a verdade. Assim como um pai ou uma mãe educa seu filho, Deus educa seu povo (cf. Dt 8,5).¹⁹⁹

A catequese compreende o ensino catequético com três conjuntos: a catequese bíblica, a catequese dogmática e a catequese sacramental. É importante ressaltar que não há catequese sem Palavra de Deus, manifestada na história da salvação.

Segundo Liege, a catequese começa no interior do ato divino de revelação, garantida pelo Espírito Santo, tornando-se, por isso, catequese reveladora, que na História da salvação tem as seguintes etapas: 1. Catequese *profética* no Primeiro Testamento, que exprime o que Deus disse no acontecimento da Páscoa e na Aliança que a seguiu; 2. Catequese *messiânica*, dada por Jesus, em seu ministério de pregação em continuidade ao ministério profético do Primeiro Testamento; 3. Catequese *apostólica*, dada pelos Apóstolos e por Paulo, para exprimir o que Deus disse nos acontecimentos escatológicos da Páscoa e de Pentecostes.²⁰⁰

A catequese supõe o querigma que está na base da comunidade cristã.²⁰¹ A catequese querigmática é a que proporciona uma ajuda ao catequizando para se deixar amar por Deus, pelo primeiro anúncio do Evangelho, de que o homem Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, que assumiu inteiramente a condição humana, que abraçou a cruz, morreu e ressuscitou para a salvação de todos.²⁰² É a boa nova: Jesus está vivo. Visa levar à experiência de que Jesus vive e a fazer com que o ser humano repense sua vida à luz das palavras e dos atos de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.²⁰³ Ela quer despertar nos ouvintes a fé inicial em Jesus Cristo e levá-los a uma conversão e a um seguimento efetivo dele como o Messias.

¹⁹⁸ Cf. LIMA, Luis Alves de. Discipulado e Seguimento de Jesus. Algumas considerações a partir da Bíblia e da Teologia. In: *Revista de Catequese*. Nº. 115. Jul./Set., 2006. São Paulo: UNISAL, 2006. p. 06.

¹⁹⁹ Cf. GEEURICKX, Pe. José. *A Catequese na Comunidade Cristã*. Pequena história da catequese. Petrópolis: Vozes, 1991. p.15. [Coleção Catequese Fundamental]. Vol. 9.

²⁰⁰ Cf. LIEGE, DANIELOU, BIARD et al., 1965, p. 25-26.

²⁰¹ Cf. CATÃO, Francisco. Catequese adulta: fé e santidade. In: *Revista de Catequese*. Ano 24. Nº. 95. Jul./ Set., 2001. São Paulo: UNISAL, 2001, p.7.

²⁰² Cf. PERUZZO, José Antônio. Catequese e Querigma. In: *Revista de Catequese*. Nº. 129. Jan./Mar., 2010. São Paulo: UNISAL, p.29.

²⁰³ Cf. CATÃO, 2001, p. 8.

3.2 Aspectos catequéticos característicos do evangelho da comunidade joanina.

Em todos os evangelhos podemos perceber sua finalidade catequética. Porém, alguns textos dos evangelhos a apresentam de forma mais evidente e, por este motivo, queremos resumir e destacar alguns destes elementos do evangelho da comunidade joanina, principalmente no texto de Jo 9.

Iniciaremos lembrando a característica deste evangelho em relação aos sinóticos, que é completamente diferente na forma de apresentar Jesus de Nazaré. Nele a história de Jesus é contada no estilo da sabedoria, e a sua identidade já é evidenciada no seu início. Jesus veio de Deus e voltará para Deus, ou seja, ele é o Deus Filho preexistente (Jo 1,1-14).²⁰⁴ Outros aspectos que podemos levar em consideração: o seu estilo e sua linguagem, onde percebemos a mentalidade e índole própria da língua hebraica; a utilização do menor número de vocábulos (1.011 ao todo),²⁰⁵ devido ao uso dos paralelismos, que é próprio da sensibilidade linguística hebraica; o fio condutor do evangelho, que mostra que o evento salvífico de Jesus Cristo não pode ser simplesmente sabido; o crer em Jesus Cristo Morto e Ressuscitado pode levar à divisão e a uma escolha (cf. Jo 3,18). Ao se exprimir desta forma, há um indicativo de que a comunidade já havia recebido o primeiro anúncio sobre Jesus Cristo e que agora se encontrava na fase de uma decisão pessoal e comunitária.²⁰⁶

Ainda podemos elencar que na estrutura deste evangelho há um crescendo dos sinais que irão culminar na cura do cego de nascença (Jo 9), na ressurreição de Lázaro (Jo 11), que apontam para a ressurreição de Jesus Cristo (Jo 20).²⁰⁷ Outra característica importante são as máximas do Filho do homem neste evangelho, que segundo Witherington III:

[...] o autor quer revelar, nessas máximas, o ser divino que desce à terra e sobe ao céu – em outras palavras, aquele que encarna os papéis atribuídos à sabedoria na literatura sapiencial judaica. As expressões são usadas para ajudar a focalizar a idéia de que Jesus é o encontro entre o divino e o humano, entre o céu e a terra; portanto, elas não focalizam apenas os

²⁰⁴ Cf. WITHERINGTON III, 2005, p. 237.

²⁰⁵ Uma estatística de MORGENTHALER, R. apud LAPPLE, Alfred. *Bíblia. Interpretação atualizada e catequese*. Vol. IV. O Novo Testamento 2. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1978. p.184.

²⁰⁶ Cf. LAPPLE, 1978, p.184-192.

²⁰⁷ Cf. WITHERINGTON III, 2005, p. 245.

papéis que ele desempenha, mas sim sua identidade. De fato, a certa altura, é suscitada a questão de quem é esse Filho do homem, para que se possa crer nele, e não apenas identificá-lo. Nessas máximas, temos alusões a todo o escopo da obra de Cristo, conforme a visão do quarto evangelista: ele tem uma existência pré-encarnada, se faz carne, morre, é exaltado e exerce uma função judicial.

O Filho do homem é, portanto, uma figura celestial e terrena, mas é também uma figura escatológica que é humana e morre, ainda que tenha autoridade divina. Nessas máximas, João deseja apresentar toda a dimensão cósmica e histórica da obra de Cristo. [...] Em suma, as máximas do Filho do homem são apenas mais uma expressão da alta cristologia de João.²⁰⁸

É importante também ressaltar o tempo que o evangelho levou para ficar totalmente pronto, pois é fruto de um processo de formação que durou várias décadas.²⁰⁹ Isto indica uma cuidadosa atenção para responder às questões mais prementes da comunidade²¹⁰ a respeito de Jesus Cristo e de seu efetivo seguimento, principalmente em época de crise, após os anos 80 E.C., devido à separação total dos cristãos da comunidade judaica, ou sinagoga. Por este motivo, Dausá afirma: “o propósito do evangelho que aparece no primeiro final dele e que é repetido em parte no último versículo do cap. 21: a obtenção da vida por meio da fé em Jesus como o Messias e Filho de Deus”²¹¹ (tradução nossa).

Lembramos, ainda, a diversidade de elementos a quem se dirigia este evangelho, entre os quais destacamos: os seguidores de João Batista (Jo 1,35-37; 3,22-30; 4,1-3; 10,40-42); gentios (Jo 12,20-26); samaritanos (4,4-42); judeus (Jo 9,22-33; 16,1-14) e alguns outros crentes que depois se afastaram de Jesus (Jo 6,60-66).²¹² Neste evangelho encontramos também um destaque dado às mulheres, que possuem grande importância: Marta, que faz sua profissão de fé em Jesus e se coloca a serviço (diakonia) da comunidade cristã (Jo 11,27; 12,2); a samaritana, como missionária de Jesus (Jo 4,37-39) e Maria Madalena, como a primeira

²⁰⁸ Cf. WITHERINGTON III, 2005, p. 248.

²⁰⁹ Cf. LAPPLE, 1978, p. 171.

²¹⁰ Para VANCELLS, 1989, p. 32, a pergunta que se encontra em Jo 9,2, é de toda a comunidade, a qual o evangelho responde para iluminar a problemática com a presença de Jesus. É um trabalho catequético, que também ocorre nos nossos dias diante as questões atuais. Para ele “o cristianismo não foi feito apenas no século I, mas continua sendo feito ainda hoje. O que faz falta é aprender como foram focalizadas estas questões no Novo Testamento, porque podem ser iluminadoras para nós. Por isso é importante constatar que o quarto evangelho não foi escrito de uma só vez”.

²¹¹ DAUSÁ, Alejandro. *Encuentros con el maestro: La pedagogía de Jesus de Nazaret*. In: Cuadernos Teológicos. Bíblia, nº 1. La Habana: Editorial Caminos, 2002, p. 53. Texto original: “Sea como fuere, el propósito del evangelio es el que aparece en aquel primer final, de hecho repetido en parte en el último versículo del capítulo 21: la obtención de la vida por medio de la fe en Jesús como Mesías e Hijo de Dios”.

²¹² Para VASCONCELOS, Pedro Lima. Impressões sobre os caminhos na leitura mais recente do Evangelho (e Cartas) de João. In: *Revista de Cultura Teológica*. Ano IV – Nº 15. Abr./Jun., 1996. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1996. p. 79, as comunidades a quem se dirigem o evangelho é composta de pessoas marginalizadas, tanto social como religiosamente.

testemunha da ressurreição de Jesus e que recebe dele o envio para instruir seus irmãos (Jo 20,11-18).

3.2.1 Aspectos catequéticos característicos em Jo 9

No estudo do texto em sua estrutura e características narrativas (item 2.3.3 desta pesquisa), pudemos perceber que o cego de nascença, que, a princípio, nada podia ver, entender e compreender a respeito de Jesus, vai, aos poucos, abrindo seus olhos e vendo, clareando sua visão e firmando seu entendimento nele como o Filho do homem, o Messias. Do homem chamado Jesus, passa a compreender que é um profeta, depois, que não é pecador, pois Deus o ouve e, por isso só pode ter origem em Deus e, finalmente, que é o Filho do homem no qual coloca toda sua fé e por isso diante dele se prostra (Jo 9,38). Esse processo de abertura dos olhos e desenvolvimento da compreensão de quem é Jesus, ele o faz diante de um grupo de judeus, como num tribunal, que insistentemente lhe pergunta a respeito da sua cura e de quem o curou e que, finalmente, o expulsam da comunidade sinagoga, quando ele corajosamente declara sua opinião a respeito de Jesus (Jo 9,33-34).

Fazendo uma comparação de Lc 24,13-35 com Jo 9, percebemos que no primeiro está a metodologia catequética de Jesus para com os dois discípulos no caminho de Emaús, que não conseguem reconhecer Jesus de Nazaré como o Ressuscitado; e em Jo 9, está o processo de aprendizagem realizado pelo cego curado, o que servirá de catequese e incentivo para a comunidade à qual se destina o texto e, também, hoje para nós. Para Dausá, o texto de Jo 9 apresenta pistas relacionadas com o processo de aprendizagem, pois:

[...] mostra estupendamente o que se pode conseguir através de uma pedagogia aplicada de forma adequada, em relação com a possibilidade real de crescimento de um ser humano marginalizado, até alcançar sua autonomia como pessoa com plenos direitos; de forma especial os referidos à livre expressão, porém, sobre tudo, os relacionados com uma elaboração teológica própria.

A passagem vem a constituir-se, além disso, e por essas mesmas razões, em uma sorte de paradigma do que entendemos por educação teológica, particularmente desde o ângulo das capacidades dos sujeitos periféricos como potenciais produtores de teologia, versus à tão frequente pretensão

de exclusividade por parte de teólogos profissionais, ou o monopólio teológico que pretendem impor algumas instituições²¹³ (tradução nossa).

As características desenvolvidas pelo cego de nascença curado podem ser um indicativo do que o evangelho apontava para a comunidade: 1. Quando o cego era uma pessoa inativa diante de Jesus e da comunidade, não pede a cura e se deixa untar com barro sem esboçar nenhuma reação; 2. Começa a se desenvolver ao ouvir e realizar o que Jesus lhe ordena: "*vai lavar-te na piscina de Siloam*". Foi lavado-se e voltou vendo (Jo 9,7); 3. A sua visão vai progredindo, quando passa a responder a respeito de sua cura e de quem o curou, em uma discussão e até enfrentamento com os fariseus e os judeus. Aí ele inicia o seu processo de libertação; 4. Fica completamente curado ao reconhecer Jesus como o Filho do homem. Agora ele é pessoa livre, sujeito de sua própria vida, e professa sua fé em Jesus como o Filho de Deus, o Messias, diante de toda a comunidade que o havia julgado e expulsado. Nada teme, nem a expulsão da sinagoga, pois está com a Luz do Mundo, as trevas não existem mais para ele.²¹⁴

Assim a comunidade, ao ouvir ou ler esta narrativa de Jo 9, vai aprendendo que para que o sinal aconteça é necessário desinstalar-se do comodismo, é preciso participação autêntica na realização do que Jesus manda que seja feito (cf. Jo 2,5-7; 5,8 e 9,6), além de permanecer fiel ao que Ele propõe, uma luz para toda vida: "*Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário terá a luz da vida*" (Jo 8,12) e, finalmente, demonstrar essa fidelidade diante de todos sem nada temer.

²¹³ DAUSÁ, 2002, p.56-57. Texto original:[...] muestra estupendamente lo que se puede lograr a través de una pedagogía aplicada en forma adecuada, en relación con la posibilidad real de crecimiento de un ser humano marginado, até lograr su autonomía como persona, con plenos derechos; de forma especial los referidos a la libre expresión pero, sobre todo, los relacionados con una elaboración teológica propia. El pasaje viene a constituirse además, y por esas mismas razones, en una suerte de paradigma de lo que entendemos por educación teológica, particularmente desde el ángulo de las capacidades de los sujetos periféricos como potenciales productores de teología, versus la tan frecuente pretensión de exclusividad por parte de teólogos profesionales, o el monopólio teológico que pretenden imponer algunas instituciones.

²¹⁴ A respeito da mudança ocorrida em quem tem fé em Jesus, LUTERO, Martinho. *Da Liberdade do Cristão (1520)*. Prefácios à Bíblia. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998, p.79, assim se expressa: "E mais, onde a fé existir, a pessoa não conseguirá se conter, manifestará, expressará, confessará e ensinará esse Evangelho diante dos outros arriscando assim sua vida".

3.3 A catequese na comunidade judaica

Os primeiros cristãos, em sua maioria, eram advindos da comunidade judaica. Eles herdaram a catequese do judaísmo²¹⁵, que formava as raízes da catequese cristã. Por isso faremos um breve estudo de como ela acontecia.

3.3.1 A organização da transmissão da fé no judaísmo²¹⁶

A transmissão da fé no judaísmo desenvolve-se a partir da centralidade da Palavra. Para compreender a ação de Deus na história do povo de Israel, é fundamental conhecer a Palavra e transmiti-la às novas gerações.

Como primeira instância da transmissão da fé está a família, principalmente na diáspora. Ela é responsável por explicar os significados dos ritos que são celebrados, iniciando com a celebração da Páscoa, lembrando a ação de Deus em favor do povo de Israel (cf. Ex 12, 26; 13,8). Assim, no judaísmo, a religião e a cultura encontram sua centralidade na família, pois ela é a depositária da herança judaica. Segundo Geeurickx:

É na família também que, pelas liturgias domésticas no sábado e nas festas, a criança pouco a pouco vai assimilando a fé dos pais, a vivência dos mesmos valores fundamentais; a fé judaica tem tudo a ver com a vivência de valores e menos com a divulgação de verdades. Daí a importância, para a família judaica, da observância da Lei de Moisés (Torá), da circuncisão no oitavo dia do nascimento dos meninos, [...], da cerimônia em que o menino, aos 13 anos, é reconhecido como adulto perante a lei (*bar mitsvah*). Todos esses *acontecimentos no seio da família* têm um valor eminentemente catequético, ou seja, contribuem para educar na fé as crianças e os jovens judeus.²¹⁷

²¹⁵ HOORNAERT, Eduardo. *A Memória do Povo Cristão*. Petrópolis: Vozes, 1986. p.137-138. [Coleção Teologia e Libertação], ressalta uma aproximação entre o modelo eclesial vivido pelos primeiros cristãos e o modelo sinagoga. Lembrando “H. Cozelmam, evidencia que os primeiros cristãos eram todos judeus, e que eles não pretendiam inaugurar uma nova religião, mas seguir a religião judia”.

²¹⁶ Seguiremos o estudo de GEEURICKX, 1991, p.11-14.

²¹⁷ Cf. GEEURICKX, 1991, p.12.

A segunda instituição é a Sinagoga,²¹⁸ a qual, na época de Jesus, tinha grande influência na educação da fé judaica.²¹⁹ Além do templo de Jerusalém, onde também acontecia a catequese para todo o povo, na sinagoga existia um sistema escolar de educação, dividido em dois períodos: o 1º (*bet-há-sefer* = casa do livro) através da decoração da Torá e na alfabetização por meio dela; o 2º (*bet-há-midrash* = casa da explicação), em que há o aprofundamento através da explicação pelos doutores da lei. Nestes dois períodos, a Lei está no centro.²²⁰ Este modelo de ensino judaico dos rabinos, através da conscientização dos grandes feitos de Javé, serviu de paralelo para as comunidades cristãs, pelo qual a Igreja se preocupou em transmitir as maravilhas que Jesus Cristo havia realizado na humanidade.²²¹ Para Hoornaert, tudo, no cristianismo das origens, tem a marca sinagoga.²²²

²¹⁸ Para HORSLEY, Richard. *Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia*. O contexto social de Jesus e dos Rabis. Tradução Euclides Luiz Calloni. Revisão Pe. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2000. p.132, “a palavra grega *synagoge* indica uma assembléia ou reunião, sem nenhuma conotação religiosa especial. A versão dos Setenta, a Bíblia judaica em grego, usa o termo para traduzir *edah*, e as vezes *qahal* (que é mais frequentemente traduzida por *ekklesia*), referindo-se à assembléia local ou tribal ou à congregação de todo Israel. Ressalta também com base em estudos recentes que ‘a casa da assembléia’ parece ter servido de modo mais geral como centro comunitário com diversas funções além da leitura, estudo e da oração. Entre essas estão as reuniões públicas, debates, administração dos negócios comunitários realizados por líderes comunitários, coletas de esmolas, sessões dos tribunais locais, anúncios de achados e perdidos e talvez até refeições comunitárias”; BARBOZA, Maria Aparecida. Educação Bíblica na Tradição Judaica e Cristã. Reflexões e conclusões do IV Seminário de Animação Bíblica. In: *Revista de Catequese*. Nº. 117. Jan/Mar., 2007. São Paulo: UNISAL, 2007. p.48, registra que a Sinagoga é conhecida em hebraico por: *Bet Knésset* (casa de reunião); *Bet Tefilá* (casa de oração); *Bet Hamidrash* (casa de estudo) e também *Bet Din* (tribunal rabínico). Veja também a respeito da Sinagoga: HOORNAERT, 1986, p.139-142, que destaca “a necessidade de conhecer o modelo sociológico de congregação e comunicação da sinagoga para compreender o primitivo modelo eclesial e os dois aspectos da sinagoga que foram importantes para o cristianismo nascente: 1º o seu aspecto não territorial ou grupal e o seu aspecto familiar, ela não é local, mas grupal; e 2º o entrosamento com a família, a partir das celebrações domésticas das grandes festas”.

²¹⁹ Cf. MIGUEZ, Nestor O. A Sinagoga no Tempo de Jesus. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana* Nº. 40, 2001/3. Petrópolis: Vozes, 2001, p. [437-439] 125-127: “No tempo de Jesus, as sinagogas com as quais ele interage são as sinagogas rurais da Galiléia, anterior à guerra judaica de 66-70 E.C., e não as urbanas e da diáspora. A religiosidade que se desenvolve nessas sinagogas rurais, a memória que se exercia nas mesmas parece estar mais vinculada com a tradição profética que com a própria *torah*”.

²²⁰ A respeito da Lei, para KONINGS, Johan e KRULL, W. *Cartas de Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Loyola, 1995, p.15. Coleção Bíblia Passo a Passo. “Para nossa mentalidade, lei não rima com ‘liberdade’! Mas para os israelitas, a Lei foi o grande dom de Deus com vistas à libertação: ensinou-os a viver como gente e como irmãos, a ser um povo (Dt 4,5-8). Era sabedoria (1,19). Ensinava a caminhar no caminho do Senhor, sendo luz para os passos (Sl 119!). Observemos, aliás, que nosso termo ‘lei’ traduz muito mal a palavra hebraica *torá*, que significa ensinamento, instrução e orientação”.

²²¹ Cf. GEEURICKX, 1991, p.13-14. Para ele, Paulo, ao usar a palavra *katechein* em suas cartas, já evidencia o paralelismo entre o ensino da Torá e o ensino da nova realidade de Jesus Cristo aos fiéis cristãos cf. Rm 2,18; 1 Cor14,19 e Gl 6,6.

²²² Cf. HOORNAERT, 1986, p. 142.

3.4 A catequese na comunidade cristã primitiva.

A catequese nas comunidades cristãs primitivas seguiu o modelo da catequese no judaísmo, partindo de Deus e complementando-se com o exemplo de Jesus de Nazaré, que através de sua pregação educou na fé seus seguidores e seguidoras, dando surgimento à comunidade cristã. Jesus é o pedagogo e a comunidade cristã sua discipula.²²³ Ele usou as parábolas para apresentar, de forma simples, seu ensinamento. Também explicou, com base nas Escrituras, tudo o que já havia sido registrado a respeito dele (cf. Lc 24,13-27). Sua catequese não era feita apenas por palavras, mas por todos os atos de sua vida, seus sinais ou milagres, sua obediência incondicional ao Pai, sua ressurreição e a realização da promessa do envio do Espírito da Verdade para ajudar as suas testemunhas a continuar o anúncio da Boa Nova. Temos, assim, a primeira etapa da catequese, na comunidade cristã.

Os discípulos e as discipulas de Jesus, baseados nos ensinamentos dele, realizam a segunda etapa da catequese cristã. Nesta etapa, queremos, também, destacar o trabalho missionário e catequético de Paulo e sua equipe, que, com base no seu encontro com Jesus, leva a Boa Nova ao mundo greco-romano, aos gentios, realizando o pedido de Jesus em Mt 28,19-20; Mc 16,15. Dessa forma, quem aceita a Boa Nova e professa sua fé em Jesus Cristo passa também a conhecer as promessas de Deus ao povo de Israel, que se apresentam de forma plena em Jesus de Nazaré, o Messias. Assim, judeus e cristãos compartilham de uma herança comum, testemunhada no Primeiro Testamento.

As comunidades cristãs sofreram algumas influências, de acordo com o momento histórico que viviam, divididas em três períodos: 1º. Do tempo da morte de Jesus (30 E.C.) até a destruição do templo de Jerusalém (70 E.C.); 2º. Da destruição do templo até a revolta judaica, época do imperador Adriano (135 E.C.); e 3º. De 135 E.C. até o início do séc. V, quando o cristianismo separa-se gradativamente do judaísmo. Acontece assim a mudança do judeu-cristianismo para o pagão-

²²³ Cf. BARBOZA, 2007, p.49-50, registra: “no judaísmo, temos a figura do Mestre ligada à Torah, que a transmite aos seus discípulos através de sua vida. Jesus atua como mestre de seus discípulos, no contexto da comunidade judaica”.

cristianismo.²²⁴ Essas influências, que culminaram com a separação total do cristianismo do judaísmo, influenciaram, também, no desenvolvimento da catequese.

3.4.1 Desenvolvimento da catequese na comunidade cristã

Como primeiro período, apresenta-se a catequese desenvolvida por Jesus de Nazaré, no tempo em que ele viveu, com as características já apresentadas no item 3.4 desta pesquisa.

Em um segundo período está a catequese na época apostólica,²²⁵ da morte e ressurreição de Jesus até o fim do séc. I, com duas fases específicas: 1ª Através do querigma, o primeiro anúncio, com o objetivo de despertar a fé e converter as pessoas a Jesus Cristo, com a temática da vida, morte e ressurreição de Jesus; 2ª O aprofundamento da fé e transformação da vida dos crentes é a preparação para o batismo, feita através da catequese propriamente dita, com a história da salvação contida no Primeiro Testamento, lida à luz de Jesus Cristo. Nesta fase verifica-se a importância do testemunho e apoio da comunidade cristã para o amadurecimento da fé em Jesus Cristo.²²⁶

Como terceiro período, temos a catequese na época patrística,²²⁷ aproximadamente entre 100 E.C. a 400 E.C., em que os acontecimentos históricos levaram a uma separação gradativa do cristianismo do judaísmo. Este período caracteriza-se, principalmente, pela inserção do cristianismo no mundo greco-romano, quando ele, ao se confrontar com a cultura deste mundo, mostra que as pessoas que se tornam cristãs descobrem os verdadeiros valores de sua cultura, sem ter a necessidade de renunciar ao helenismo. Neste mundo pagão, o cristianismo foi alvo de perseguições, quando os governantes perceberam o seu caráter universalista e por isso a evangelização e a catequese eram realizadas às escondidas e a aceitação para o batismo tornou-se mais exigente.

²²⁴ Cf. BARBOZA, 2007, p.53.

²²⁵ Alguns textos indicativos da catequese nesta época encontramos em: Lc 24,13-35; At 2,14-36; 8,26-39 e 17,22-31.

²²⁶ Cf. GEEURICKX, 1991, p.21-23, onde apresenta um amplo estudo sobre este período.

²²⁷ Os principais documentos desta época são: as *Catequese*s de Cirilo de Jerusalém; as *Homilias catequéticas* de Teodoro de Mopsuéstia; as *Catequese*s batismais de João Crisóstomo; os *Tratados sobre os sacramentos e sobre os mistérios* de Ambrósio; o *discurso catequético* de Gregório de Nissa e o *De catechizandis rudibus* de Agostinho, cf. LIEGE, DANIELOU e BIARD, 1965, p.34.

O batismo, em seu início, era feito a todos os que o pediam e efetuavam sua profissão de fé em Jesus Cristo. Porém, nesta época de perseguição, devido também a heresias que surgiram, aos poucos foi se estruturando o catecumenato. Já em 150 E.C., Justino escreve suas orientações e Hipólito de Roma, no início do séc. III, estabelece as exigências da vida cristã depois do batismo.²²⁸

Ressaltamos algumas normas do catecumenato:²²⁹ a) tratava-se de *catequese para adultos*, (nesta época a catequese das crianças já batizadas era provavelmente feita pelos pais) e o candidato ao catecumenato deveria ser apresentado por um cristão à comunidade e seus motivos eram examinados com seriedade; b) a aceitação ao catecumenato era feita por meio de um rito (imposição das mãos, sinal da cruz, insuflação como forma de exorcismo, e em alguns lugares do Oriente, a unção e gustação do sal), também um catequista era o encarregado de sua instrução religiosa e de verificar o seu comportamento (é o catecumenato propriamente dito); c) a aceitação e preparação imediata ao batismo no seu aspecto doutrinal e espiritual e d) a última etapa com a explicação dos sacramentos, feita após o batismo.

Quando admitido à liturgia, na segunda etapa (b) o catecúmeno, é o *ouvinte* da pregação, ele retirava-se antes da liturgia eucarística, recebia a imposição de mãos e uma oração especial. O período do catecumenato variava conforme o lugar: 2 anos na Espanha e 3 anos em Roma e no Oriente. Este tempo poderia ser abreviado, conforme a conduta de fé do catecúmeno.

Terminada a segunda etapa, o candidato era examinado para ver se merecia ser *eleito* para receber o batismo e, depois que sua conduta de vida era verificada, através do testemunho dos “*fiadores*”, se indicava ou não sua admissão ao batismo. Passava assim a receber as instruções para o Batismo, durante a quaresma. Antes do batismo recebia o Creio e o Pai-Nosso e, na Vigília Pascal, acontecia o batismo. Só após receber o batismo, a instrução era complementada nas *catequeses mistagógicas*,²³⁰ quando terminava a iniciação cristã dos catecúmenos. Destacamos que é a comunidade cristã inteira quem escolhe e guia o catecúmeno até o sacramento da fé.

²²⁸ Veja GEEURICKX, 1991, p. 28-41, que desenvolve um amplo estudo sobre esta época.

²²⁹ Cf. GEEURICKX, 1991, p. 31-33.

²³⁰ As catequeses sacramentais como as de Cirilo de Jerusalém e de Teodoro de Mopsuéstia, e de Ambrósio no *De Mysteriis* e o *De Sacramentis*.

O catecumenato começa a decair no séc. VI e, definitivamente, no séc.VII, época em que se tornou regra geral o batismo de crianças. Mais grave, porém, foi o desaparecimento do espírito que animou o catecumenato, que se baseava num longo período de discernimento da fé, entre a conversão e a admissão ao sacramento do batismo, pela pessoa adulta.²³¹

No período patrístico também surgiram “grandes escolas catequéticas”²³² em virtude da necessidade do desenvolvimento das discussões teológicas e do confronto com as heresias. Embora de acentuação teológica diversa, elas tinham a mesma preocupação com a reta interpretação da Sagrada Escritura e com a preparação integral da Palavra de Deus em seu tempo, como Palavra que desafiava a todos. Nesta época, Agostinho, no seu *De catechizandis rudibus*²³³ apresenta as bases de uma interpretação da Bíblia e tira conclusões pedagógicas para a catequese.

Com o estudo do texto de Jo 9, podemos perceber a necessidade de um discernimento a respeito de quem é Jesus, na pessoa que deseja ser cristã. Para a comunidade joanina, isto é feito à luz da interpretação da Escritura, a partir de Deus, que sempre defende e restaura a “vida” em todos os sentidos. Já na época patrística, em que os membros em sua maioria são advindos do helenismo, com hábitos pagãos, isto se torna mais difícil. Vive-se em outra época e com outras influências culturais, políticas, sociais e religiosas. Daí a necessidade de um período mais amplo para ser efetuado o discernimento a respeito de Jesus de Nazaré como o Messias e n’Ele professar a fé, através de um seguimento e discipulado verdadeiros.

²³¹ GEEURICKX, 1991, p.31.

²³² Eram elas: Alexandria, no Egito; Cesaréia, na Palestina e Antioquia, na Síria, nos séc. III e IV. Embora também existissem outros centros de formação de menor influência como em: Edessa, Nísibis, Jerusalém, Laodicéia e Constantinopla, estes no Oriente e Cartago no Ocidente. Cf. GEEURICKX, 1991, p. 35 e 39.

²³³ Cf. GEEURICKX, 1991, p. 39, “as orientações a respeito de como catequizar os “rudes” ou seja, que necessitavam dos rudimentos da fé e que começavam a se interessar pela catequese, podendo eles serem cultos ou não nas ciências profanas”.

3.5 Alguns indicativos para a catequese em nossos dias, à luz de Jo 9

Com base no estudo desenvolvido nesta pesquisa, queremos apresentar alguns indicativos que venham a contribuir para a catequese em nossos dias. Lembramos também que muitos estudos já foram desenvolvidos pelas diversas igrejas a respeito deste tema,²³⁴ que é desafiador, principalmente nos dias de hoje,²³⁵ os quais, em muito, ajudam a caminhada da catequese.

Queremos iniciar com as considerações de Bonhoeffer²³⁶ a respeito das dificuldades do *discipulado*. Ele nos alerta para a necessidade de uma evangelização clara e fiel, que vise o seguimento efetivo e muito próximo de Jesus, a partir de um encontro pessoal, feito com ele. Encontro com Jesus, abertura da visão e compreensão a respeito dele que o cego de nascença efetuou, segundo a narrativa de Jo 9.

Vivemos em uma época em que muitas pessoas que foram batizadas quando crianças e que não efetuaram uma caminhada cristã, quer na família ou na comunidade cristã, não concretizaram o seu encontro pessoal com Jesus Cristo. Esta grande parcela de pessoas batizadas, mas que não se sentem como cristãs, é uma preocupação para as igrejas, e deve ser o alvo do seu maior esforço catequético. É preciso evangelizar a quem não recebeu o batismo e também a quem

²³⁴ Na Igreja Católica Apostólica Romana destaque: Documentos da CNBB: Nº. 26 Catequese Renovada; Nº. 84 Diretório Nacional de Catequese; Nº. 88 Projeto Nacional de Evangelização – O Brasil na Missão Continental. Os Estudos da CNBB: Nº. 73 Catequese para um mundo em mudanças; Nº. 80 Com adultos catequese adulta; Nº. 91 Ouvir e proclamar a Palavra: seguir Jesus no caminho – a catequese sob a inspiração da Dei Verbum; Nº. 94 Catequistas para a catequese com adultos. Processo formativo; Nº. 95 Ministério do catequista e Nº. 97 Iniciação à Vida Cristã, um processo de inspiração catecumenal. Além destes registros: o RICA – Ritual da Iniciação Cristã para Adultos de 1972 e a Exortação Apostólica de João Paulo II – *Catechesi Tradendae* em 1979.

²³⁵ Veja as contribuições do IV Seminário de animação Bíblica – BARBOZA, 2007, p.53-54; e de FOSSION, André. Reconstruindo a Catequese em Tempos de Crise. Rumo a comunidades catequizadas e catequizadoras. Tradução de Luiz A. Lima. In: *Revista de Catequese*. Nº. 115, Jul./Set. 2006. p. 16-26.

²³⁶ Cf. BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Tradução Ilson Kayser. 10 ed.rev. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008. p. 5: “Que pretendia Jesus nos dizer? Que espera de nós hoje? De que maneira ele nos ajuda a sermos cristãos fiéis hoje? Em última análise, não nos interessa tanto saber as idéias deste ou daquele expoente da Igreja, mas aquilo que Jesus quer é o que queremos descobrir. Indo à Igreja para ouvir a pregação, o que queremos ouvir é sua Palavra [...] no entanto quanto som estranho, quantas leis humanas, duras, quantas esperanças falsas e falsos consolos turvam ainda a cristalina mensagem de Jesus, dificultando a decisão autêntica”.

já é batizado, e que não vive os compromissos batismais, nem fortalece seu vínculo com a comunidade cristã.²³⁷

O encontro pessoal com Jesus é feito na caminhada cristã. O caminhar com Jesus nos apresenta exigências que precisamos realizar durante a nossa vida cristã.

Para Ferraro:

Quem se coloca no seguimento de Jesus, é convidado a fazer o caminho com ele, enfrentando os conflitos com coragem e buscando superar os obstáculos que impedem que a vida seja vivida em toda sua plenitude e seja um dom de amor aos irmãos e irmãs.²³⁸

Fazendo uma relação com o texto de estudo, Jo 9, estas foram as atitudes do cego de nascença curado por Jesus. Ele, ao ter consciência de que sua cura só poderia ter sido obra de Deus, deduzindo então que Jesus é de Deus, passa a se libertar das leis que oprimiam a pessoa humana de viver plenamente. Por isso, entra em conflito com os judeus fariseus, é expulso por eles e passa a confessar sua fé em Jesus, como o Filho do homem.

Como um dos indicativos, queremos nos dirigir também aos agentes responsáveis pela catequese nas comunidades cristãs, seguindo os questionamentos propostos por Dausá:

1. Somos verdadeiramente capazes de promover processos de aprendizagem autênticos entre as pessoas com as quais trabalhamos?
2. Que tipo de processos de aprendizagem desencadeamos entre nós mesmos como facilitadores/as de grupo?
3. As pessoas que compõem estes grupos crescem até fazerem-se capazes de elaborar um pensamento teológico pessoal, consciente e crítico?
4. Como está estruturado este pensamento?²³⁹ (Tradução nossa).

Acreditamos que a evangelização precisa atingir a cada pessoa não apenas através da transmissão de conhecimentos a respeito da fé cristã, mas também levando cada uma a realizar a sua experiência pessoal com Jesus, a ver e sentir que

²³⁷ FERRARO, Pe. Benedito. Jesus o formador de adultos. In: *Revista de Catequese*, Ano 24. Nº 96. Out./Dez., 2001. São Paulo: UNISAL, 2001, p.58, destaca a necessidade de um grande mutirão de evangelização a fim de resgatar a vida de inúmeras pessoas pelo anúncio da Boa Nova. “A catequese, seguindo os passos de Jesus, deve propor aos catequizandos adultos assumir essa proposta, pois nela está o coração da mensagem do Reino anunciado por Jesus de Nazaré”.

²³⁸ Cf. FERRARO, 2001, p.59.

²³⁹ Cf. DAUSÁ, 2002, p.57. Texto original: 1. Somos verdaderamente capaces de promover procesos de aprendizaje autênticos entre las personas con las cuales trabajamos? 2. Qué tipo de procesos de aprendizaje desencadeamos nosotros/as mismos/as como facilitadores/as de grupo? 3. Las personas que conforman esos grupos crecen hasta hacerse capaces de elaborar un pensamiento teológico personal, consciente y crítico? 4. Como está estructurado ese pensamiento?

ele caminha junto com ela em todos os momentos de sua vida, o que a fortalece e impulsiona a permanecer no caminho que ele indica.²⁴⁰

Outro indicativo para a catequese hoje, pode ser o que Agostinho sugere para um maior sucesso da educação da fé:

- Apresentem-se só poucas coisas de cada vez, mas essas poucas coisas sejam claras e bem fundamentadas!
- Organize a matéria de modo metódico, claro, contundente dentro de uma grande unidade!
- Ensino individualizado! Observe o grau de formação, a idade, a profissão, o ambiente no qual o catequizando vive!
- A grande meta de nossa catequese: despertar e fazer crescer a fé, para que, crendo, esperem e, esperando, aprendam a amar.²⁴¹

Também um efetivo uso do RICA, Ritual da Iniciação Cristã de Adultos,²⁴² trará um novo impulso à catequese, devido ao alcance dos objetivos a que se propõe, para a grande parcela de pessoas adultas que ainda não efetuaram o seu encontro com Jesus Cristo.

Vivemos hoje em uma sociedade pós-moderna, marcada pelo hedonismo, capitalismo e neoliberalismo. Os desafios são muitos para a catequese e exigem esforços, tanto das igrejas como por parte de quem está em busca de um esclarecimento e conscientização da fé em Jesus Cristo. Cabe, em especial à comunidade cristã, que é a responsável pela transmissão da fé, principalmente pela sua vivência do amor de Deus, em tornar os/as catequizandos/as partes integrantes deste amor, pelo seu testemunho diário em todas as situações.

Assim como o cego de nascença curado tornou-se um modelo de fé em Jesus Cristo para a comunidade joanina, também hoje nossas comunidades cristãs tornam-se modelo de seguimento e discipulado de Jesus Cristo.²⁴³

²⁴⁰ A respeito veja CNBB. *Caminhamos na estrada de Jesus: evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996. p.58: "A compreensão plena do seguimento de Jesus não se obtém pela instrução teórica, mas sim pelo compromisso prático, caminhando com ele no caminho do serviço, desde a Galiléia até Jerusalém".

²⁴¹ Cf. AGOSTINHO, apud GEEURICKX, 1991, p.40.

²⁴² Cf. CNBB. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 15-22. O RICA é destinado a pessoas adultas, que chamadas pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio de Jesus Cristo e desejam livremente procurar o Deus-vivo e o caminho da fé e conversão. Destacamos, como resumo dos seus objetivos: Renovar e reorientar o processo catecumenal; Levar os catecúmenos, convenientemente, ao mistério da salvação, à prática dos costumes evangélicos e à celebração em tempos sucessivos; Introduzi-los na vida da fé e da caridade do povo de Deus, e na observância dos ritos sagrados.

²⁴³ Veja LIMA, 2006, p.15 a respeito dos desafios de hoje em relação ao seguimento e ao discipulado evidencia: "A catequese, que tradicionalmente estava mais ligada quase que exclusivamente ao discurso, à doutrina, é chamada nas últimas décadas, a uma educação integral na fé compreendida como *discipulado* e como *seguimento* de Jesus, que compreende a vida de comunidade, a doutrina, a celebração dos mistérios da fé, a dimensão orante e o exercício da vida cristã".

Em nossos dias torna-se urgente ouvir e escutar o pedido de Maria, mãe de Jesus: “*Fazei tudo o que ele vos disser*” (cf. Jo 2,5); ouvir a Deus que se dirige a nós para que tenhamos vida plena, como o cego de nascença fez, ouviu o mandato de Jesus e foi, lavou-se em Siloé, para poder começar a ver a realidade a sua volta e, aos poucos, desenvolveu seu entendimento sobre Jesus de Nazaré, a quem, finalmente, aderiu e confessou sua fé, como o Filho do homem.

CONCLUSÃO

A modo de conclusão, apresentamos um resumo do que foi estudado, com a finalidade de alcançar os objetivos inicialmente propostos. O título *Libertação, Conversão e Catequese em Jo 9* foi o fio condutor no desenvolvimento da pesquisa.

Inicialmente se efetuou o estudo das características gerais do evangelho segundo a comunidade joanina, que nos ajudou a entender melhor a forma como ele está constituído, para atingir as pessoas simples da comunidade. Esse Evangelho não usa termos rebuscados, mas, palavras que trazem consigo uma grande simbologia, tais como: *sinais; obra; em verdade, em verdade vos digo/te digo*. O gênero literário que mais aparece é o do diálogo, repleto de vida e a indicar um movimento entre os personagens, tanto de lugar quanto de tempo. Jesus caminha muito entre a Galiléia e Jerusalém, onde se apresenta por aproximadamente 3 anos consecutivos, em três festas da Páscoa.

Há um crescendo a respeito da ação de Jesus, na sua vinda ao mundo (no Prólogo), na sua apresentação pelo profeta João Batista (1,15-34) e nos sinais realizados até a sua morte e ressurreição. A clareza a respeito de que Jesus realizou muitos outros sinais fica registrada nas duas conclusões (20,30; 21,25). O que é apresentado no evangelho é suficiente e tem a finalidade de fazer com que todos a quem se dirige acreditem que Jesus é o Cristo, Filho de Deus e assim recebam a vida em seu nome.

No estudo dos *sinais*, que possui conotação única neste evangelho, está a demonstração que a ação de Deus, por meio de Jesus, acontece também quando a ele ouvimos e realizamos o que ele pede (Jo 2,5.7; 5,8; 9,6-7, 11,43). Importante é a manifestação dos sinais de Jesus em tempo da realização das principais *festas dos judeus*, tempo este em que era celebrada a ação especial de Deus na história do povo de Israel (festa da Páscoa, de Pentecostes e das Tendas). É importante considerar que dois sinais (Jo 5,9; 9,14) acontecem em dia de *sábado*, dia da presença de Deus por excelência, do repouso de Deus sobre toda a criação, em tudo, inclusive nas casas (cf. Lv 23,3). Para evidenciar a ação de Deus, Jesus realiza sinais também neste dia.

Identificamos que, na estrutura desse evangelho, que foi se formando aos poucos, a partir do ano 30 E.C., já encontramos traços, também, de sua finalidade

catequética, para atender as questões da comunidade a respeito de Jesus: Jo 1,1-18 = No Prólogo, onde a Palavra se encarna no Mundo; Jo 1,19 – 12,50 = No Livro dos Sinais, onde a Palavra se revela ao mundo; Jo 13,1 – 20,31 = No Livro da Glória, onde a Palavra mostra sua glória e comunica o Espírito da Vida e Jo 21,1-25 = No Epílogo, com as aparições de Jesus ressuscitado na Galiléia, e a segunda conclusão.

A comunidade jonina era constituída por samaritanos, batistas, judeus e helênicos que, a partir da Boa Nova, se uniram na fé em Jesus Cristo e que, em época posterior, viveu em conflitos com diferentes outros grupos e, depois de 80 E. C., começou a sofrer a expulsão da sinagoga pelos fariseus. Foi uma comunidade missionária e ao mesmo tempo perseguida. Para responder às questões de como manter a fé em Jesus, como Messias, é que o evangelho se dirige à comunidade, em especial, através da perícopes de Jo 9.

O estudo aprofundado desta narrativa nos ofereceu maiores elementos para compreender a sua intenção em mostrar à comunidade a necessidade de uma *libertação* das normas e regras dos judeus, que muitas vezes, quando não corretamente interpretadas, impediam de ver a ação de Deus, através de Jesus de Nazaré e de o reconhecer como o Messias, o Filho do homem.

Ao realizar a tradução própria e a análise literária, percebemos um grande uso de paralelismos antitéticos. Este recurso exprime o contraste entre as idéias dos judeus fariseus e da comunidade cristã joanina, para evidenciar quem realmente estava agindo de acordo com a vontade de Deus.

A *libertação* proposta à comunidade vai acontecendo aos poucos, durante o enfrentamento com os grupos dominantes, que estão apegados a “normas e leis”, que impedem que a vida e a ação de Deus se expressem em toda a sua plenitude. Alguns membros da comunidade não realizaram este enfrentamento por medo das consequências que poderiam sofrer (Jo 9,22-23) e, por isso, o cego de nascença curado é o modelo que deve ser seguido, nesta situação. Ele, num processo de abertura dos olhos, no enfrentamento, vai aos poucos percebendo que o homem Jesus é Profeta, não é pecador, é de Deus, em quem finalmente crê como Filho do homem, o Messias (cf. Jo 9,11.17.31.33.38).

Para que a *libertação* aconteça é necessário coragem, que inicia com o deixar-se ver e tocar por Jesus, mais ainda, realizar o que ele ordena: “*vai lavar-te na piscina de Siloé*”. A coragem se consolida aos poucos, durante o enfrentamento

com os judeus fariseus, usando os argumentos adquiridos com a vida de exclusão imposta aos doentes e empobrecidos, pelas normas da lei, lei esta que não é de Deus, pois não está em defesa dos pobres, excluídos, da vida plena. A narrativa da cura da cegueira de nascença é uma proposta para a abertura dos olhos, da mente, enfim, da pessoa humana toda, para Jesus de Nazaré, como o Messias.

A *conversão* é a consequência do processo de *libertação*. Quando o cego curado está sozinho e excluído da comunidade pelos judeus fariseus, novamente Jesus vai ao seu encontro e lhe manifesta a ação plena de Deus, principalmente em dia de *Sábado*, revelando-se como o Filho do homem. Agora a pessoa está pronta para ver e crer em Jesus como ele realmente é: o Messias, enviado de Deus. Desta forma, a *conversão* é proposta a todos os membros da comunidade joanina, porque ela não está sozinha, Jesus está com ela. Deus não abandona seus filhos e filhas.

A *libertação* que levou à *conversão* agora precisa ser transmitida e testemunhada a todos, o que acontece através da *catequese*. Por isso o texto é cuidadosamente construído para que as pessoas “cegas de nascença” percorram o mesmo caminho do cego curado. Permanecer na cegueira significa não querer ver Jesus como o Filho do homem, significa não perceber que Deus não está nas leis que não protegem e defendem os doentes e empobrecidos e que, por isso, são excluídos. Assim, a todos que procedem desta maneira Jesus os considera como pessoas cegas e por isso pecadoras.

A narrativa de Jo 9 oferece à comunidade todo um processo de *catequese*, para que ela faça sua opção e possa se libertar, converter e professar sua fé em Jesus de Nazaré como o Filho do homem. Assim foi no tempo em que a comunidade vivia em torno dos anos 80 E.C., época em que as pessoas cristãs começavam a ser expulsas das sinagogas.

A *catequese* deste texto caracterizou-se pelo eco deixado em seus ouvintes sobre várias questões: a ação de Jesus contrária à mentalidade desenvolvida pela teologia da retribuição; a forma como Deus se manifesta na vida das pessoas excluídas; a coragem de quem é totalmente curado e, por isso, é alvo de interrogatórios a respeito da sua cura e de quem o curou; o desenvolvimento de uma consciência crítica frente a tudo que não defende a vida, e por isso não procede de Deus; a consequente elaboração de outro conceito a respeito de Jesus, diverso da mentalidade oficial da época; e, finalmente, a profissão de fé pública em Jesus como o Filho do homem.

Esse caminho é o que precisamos propor com maior evidência no trabalho desenvolvido pela catequese em nossos dias. Vivemos em um mundo cristianizado, mas onde muitas pessoas ainda não desenvolveram sua fé em Jesus Cristo a partir de um encontro pessoal e efetivo com Ele. Esse encontro não acontece como num passe de mágica, mas, a partir de um deixar-se ver e tocar por Jesus, realizando tudo o que ele manda.

A metodologia usada pela comunidade joanina serve de modelo para nós hoje, embora seja necessária uma adaptação, de acordo com os desafios que enfrentamos. A realidade é outra, mas a essência da fé é a mesma. O trabalho de catequese precisa ser feito de forma gradual e eficaz. Embora este trabalho tenha sido realizado até hoje com empenho, buscando sempre uma adaptação ao tempo em que se vive, muitas vezes ainda não conseguiu alcançar plenamente os seus objetivos: levar as pessoas a uma adesão total e inabalável a Jesus. Por esse motivo, a tarefa catequética precisa ser assumida com esse objetivo, por toda a comunidade cristã: por cada pessoa, cada família cristã ligada à comunidade e à igreja a que pertence.

No seu itinerário catequético, pouco a pouco as pessoas, principalmente as adultas, precisam realizar a experiência do cego de nascença curado: deixar-se tocar por Jesus; ouvir e realizar o pedido que ele faz; ir, aos poucos, abrindo seus olhos e sua mente, para, a partir das Escrituras e da realidade de sua vida poder elaborar o conceito claro e inabalável a respeito de Jesus: Ele é o Filho de Deus, o Messias; ter coragem, permanecer firme neste conceito e a Jesus professar sua fé.

A catequese para as pessoas adultas, quer as batizadas ou não, deve levá-las a lutar como o cego de nascença curado, para ver a realidade que hoje exclui inúmeras pessoas de terem vida digna. Essa realidade as impossibilita, até, de se empenharem para conseguir o mínimo necessário para sua sobrevivência, muitas vezes, pela falta de políticas públicas que as condenam a viver nas trevas, sem a adequada educação, saúde, moradia, trabalho, saneamento básico, segurança e lazer.

Ver Jesus e confessar a ele a fé como o Filho do homem significa ver também toda a realidade do mundo em que vivemos, não nos acomodando diante do que impede que o mundo seja de paz, justiça, alegria e amor, como Deus o planejou e quer para todos nós. Esta é a promessa de Jesus: *“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”* (Jo,10,10). Mas não podemos ficar de

braços cruzados, é preciso sair do comodismo e lutar de forma ordenada, em união, para que a realidade em que vivemos possa ser transformada para melhor em toda sua amplitude.

Retomamos as palavras de Dietrich Bonhoeffer, na página pré-textual desta pesquisa, a respeito da decisão da pessoa em tornar-se discípulo de Jesus: “O chamado de Jesus ao discipulado faz do discípulo um indivíduo. Querendo ou não, ele tem que se decidir, tem que tomar uma decisão sozinho”. Esta precisa ser a ação resultante da atividade catequética: ao ver e reconhecer Jesus como o Filho do homem e a ele declarar sua fé, que a pessoa o faça de forma consciente, sabendo as implicações a que isso a levará, por toda sua vida.

Que cada pessoa cristã, ao viver sua fé em Jesus possa, junto como o cego curado e como a comunidade joanina dizer: *“O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos próprios olhos, o que contemplamos, e nossas mãos apalparam, com respeito ao verbo da Vida”* (1Jo 1,1), Jesus de Nazaré, o Filho do homem, nós testemunhamos e por isso com muita alegria afirmamos – Creio, Senhor, e pedimos: aumentai a nossa fé.

REFERÊNCIAS

- ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A Bíblia como Literatura*. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ALMEIDA, Maria Aparecida Andrade. *Eu sou a luz do mundo: Um estudo do significado do termo luz em Jo 9,1-41*. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado) programa de Pós Graduação em Ciências da Religião – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo, 2008.
- ALVARENGA, Mario. *Estudos no Evangelho de João*. Ferramentas que edificam a vida. Londrina: Descoberta, 2002.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Educação Bíblica na Tradição Judaica e Cristã. Reflexões e conclusões do IV Seminário de Animação Bíblica. In: *Revista de Catequese*. Nº. 117. Jan./Mar., 2007. São Paulo: UNISAL, 2007. p. 43-54.
- BARREIRO, Álvaro. *Vimos sua glória. Como Jesus vê e olha e como é visto e olhado no Evangelho de João*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BIBLEWORKS - BibleWorks for Windows, Norfolk, 2005, versão 6.0, 1 CD Rom.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Santo André: Geográfica, 2009.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2007.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Tradução Ilson Kayser. 10 ed.rev. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008.
- BOOR, Werner de. *O Evangelho de João I*. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2002.
- BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do Discípulo Amado*. Tradução Euclides Carneiro da Silva. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- _____. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Bíblia e História. Série Maior).
- BRUCE, F. F. João. *Introdução e comentário*. Tradução Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1990.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Ilson Kayser. Revisão Nélio Scheneider. São Paulo: Teológica, 2004.

CATÃO, Francisco. Catequese adulta: fé e santidade. In: *Revista de Catequese*. Ano 24. Nº. 95. Jul./ Set. 2001. São Paulo: UNISAL. 2001. p. 5-15.

CHAMPLIM, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado versículo por Versículo*. Vol II. São Paulo: Milenium, 1982.

CHOURAQUI, André. *IOHNÂN. (O evangelho segundo João). Um novo pacto anúncio dos quatro*. Tradução Leneide Duarte e Leila Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

CNBB. *Uma Igreja que acredita: Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001.

_____. *Caminhamos na estrada de Jesus: Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.

COMBLIN, José. *Jesus o enviado do Pai*. São Paulo: Paulus, 2009.

DANA, H. E. *O Mundo do Novo Testamento: Um breve esboço da história e condições que compuseram o substrato do Novo Testamento*. Tradução Jabes Torres. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1995.

DAUSÁ, Alejandro. *Encuentros com El maestro: pedagogia de Jesus de Nazaret*. La Habana: Editorial Caminos, 2002. [Cuadernos Teológicos. Bíblia, nº 1].

DODD, Charles Harold. *A interpretação do Quarto Evangelho*. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus; Teológica, 2003.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. Tradução Johan Konings e Inês Borges. São Paulo: Loyola, 1994.

FABRIS, Rinaldo et al. *Liturgia e Terapia*. A sacramentalidade a serviço do homem e na sua totalidade. São Paulo: Paulinas, 1998.

FERRARO, Pe. Benedito. Jesus o formador de adultos. In: *Revista de Catequese*. Ano 24. Nº 96. Out./ Dez., 2001. São Paulo: UNISAL, 2001. p. 51-62.

FOSSION, André. Reconstruindo a Catequese em Tempos de Crise. Rumo a comunidades catequizadas e catequizadoras. Tradução de Luiz A. Lima. In: *Revista de Catequese*. Nº. 115, Jul./Set., 2006. São Paulo: UNISAL, 2006. p. 16-26.

GABEL, John e WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. 2 ed. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2003.

GARCIA, Paulo Roberto. A memória dos marginalizados. In: *Tempo e Presença*. Nº 229. Abr./1998. São Paulo: CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988. p. 29-30.

GEEURICKX, Pe. José. *A catequese na comunidade cristã*. Pequena história da catequese. Petrópolis: Vozes, 1991. [Coleção Catequese Fundamental] Vol. 9.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Revisão de Frederick W. Danker. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão*. Petrópolis: Vozes, 1986. [Coleção Teologia e Libertação].

HORSLEY, Richard A. *Arqueologia, história e sociedade na Galiléia: O contexto social de Jesus e dos rabis*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2000.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: A pregação de Jesus*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento. História e literatura do cristianismo primitivo*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005. 2 v.

KONINGS, Johan e KRULL, W. *Cartas de Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Loyola, 1995, p.15. Coleção Bíblia Passo a Passo.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João. Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *João. A Bíblia passo a passo*. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. *O encontro com o quarto evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LAPPLE, Alfred. *Bíblia: Interpretação atualizada e catequese*. Vol III. O Novo Testamento – 1. As Epístolas. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1980. 250 p. [Coleção a Exegese da Catequese].

_____. _____. Vol IV. O Novo Testamento- 2. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1978. 362 p. [Coleção a Exegese da Catequese].

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo João*. Tradução Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1996.

LIEGE, Andre; DANIELOU, Jean; BIARD, Pierre et al. *Introdução à Catequética*. Tradução Maria Luiza Neri. Petrópolis: Vozes, 1965.

LIMA, Luis Alves de. Discipulado e Seguimento de Jesus. Algumas considerações a partir da Bíblia e da Teologia. In: *Revista de Catequese*. Nº. 115. Jul./Set., 2006. São Paulo: UNISAL, 2006. p. 06-15.

LUTERO, Martinho. *Da Liberdade do Cristão (1520): Prefácios à Bíblia/ Martinho Lutero*. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. Edição bilíngüe: português – alemão.

McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Álvaro Cunha et al. 8 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MATEOS, Juan e BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico del Evangelio de Juan*. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1980

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes e OROFINO, Francisco. *Raios X da Vida. Círculos Bíblicos do Evangelho de João. Série a Palavra na Vida* Nº. 147/148. São Leopoldo: CEBI, 2000.

MICHAELS, J. Ramsey. *João. Novo comentário bíblico contemporâneo*. Tradução Rev. Osvaldo Ramos. Deerfield, Florida, E.U.A.: Editora Vida, 1994

MÍGUEZ, Nestor O. A Sinagoga no Novo Testamento. In: *Revista de Interpretação Latino Americana*. Nº 40, 2001/3. Petrópolis: Vozes, 2001. p.122-139.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27 ed. Stuttgart: Deutsche Bibeldesellschaft, 1993.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR Grego-Português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PALLARES, José Cardenas. Jesus, a luz que ilumina e que põe em evidência (*Jo 9,1-41*). In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Nº.17. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 36-43.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PASSETO, Elio, nds. Una percepción de La fiesta de Sukkot em La tradición bíblico-judaica y su relación con la literatura rabínica. In: *El Olivo XXXII*, 68. *Revista de Documentación y Estudios para el Dialogo Judeo-Cristiano*. Madrid, 2008. p. 15-37.

PERUZZO, José Antônio. Catequese e Querigma. In: *Revista de Catequese*. Nº. 129. Jan./Mar., 2010. São Paulo: UNISAL, 2010. p. 29-34.

RICHARD, Pablo. Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e Cartas). In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Nº. 17. 1994/1. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 07-26.

RODRIGUES, Maria Paula. "Um pecador quer nos ensinar?" Religião e poder no episódio do cego de nascença. 182 f. Dissertação (Mestrado) programa de Pós Graduação em Ciências da Religião – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. São Bernardo do Campo, 2003.

ROLOFF, Jürgen. *A Igreja no Novo Testamento*. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos, 2005.

SABUGAL, Santos. *XPIΣΤΟΣ Investigación exegética sobre la cristologia joannea*. Barcelona: Herder, 1972.

SANTOS, Bento da Silva. *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1994.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según San Juan*. Versión y comentario. Barcelona: Herder, 1980.

SCHNELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. Tradução. Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2010.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri, SP, 2004.

TUÑI, Josep-Oriel e ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e Cartas Católicas*. Tradução Pe. Alceu Luiz Orso, cmf. São Paulo: Ave Maria, 1999. [Introdução ao Estudo da Bíblia].

VANCELLS, José O. Tuñi. *O testemunho do Evangelho de João: Introdução ao estudo do quarto Evangelho*. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1989.

VASCONCELOS, Pedro Lima. Impressões sobre os caminhos na leitura mais recente do Evangelho (e Cartas) de João. In: *Revista de Cultura Teológica*. Ano IV – Nº 15. Abr./Jun., 1996. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1996. p. 77-84.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 3 ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

WITHERINGTON III, Ben. *História e histórias do Novo Testamento*. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2005.

WOLLMANN, Lauri José. A Festa das Tendias. In: *Palavra Partilhada*, Ano 12 N. 01. São Leopoldo: Cebi-Sul, 1993. p.26-30.

DISSERTAÇÃO MESTRADO

ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. *Eu sou a luz do mundo: Um estudo do significado da luz em Jo 9, 1-41*. Universidade Metodista de São Paulo –UMESP, São Bernardo do Campo, 2008. Orientador: Dr. Paulo Roberto Garcia.

RODRIGUES, Maria Paula. “Um pecador quer nos ensinar?” Religião e poder no episódio do cego de nascença. Universidade Metodista de São Paulo – UMESp, São Bernardo do Campo, 2003. Orientador: Dr. Archibald Mulford Woodruff.

APÊNDICE A - Leitura Popular da Bíblia²⁴⁴

Jo 9,1-41 - A narrativa da cura do cego de nascença.

Acolhida e Oração – Sejam todas e todos bem vindos. Que bom, estarmos reunidos, mais uma vez, para refletirmos e rezarmos com a bíblia.

Canto: Seja bem vindo, olelê, seja bem vinda, olálá :/ paz e bem prá você que veio participar.:/

Vamos saudar a Trindade Santa que está no meio de nós, e pedir as luzes do Espírito Santo.

Canto: A nós descei, divina luz

Introdução

O nosso texto de estudo bíblico de hoje é o de Jo 9, que narra a cura do cego de nascença, efetuada por Jesus, em Jerusalém, num dia de sábado. Para a comunidade joanina é o sexto sinal realizado por Jesus. Esse relato apresenta o itinerário de uma pessoa “cega”, que não conseguia ver Jesus como Ele é, de abrir seus olhos e, ver perfeitamente Jesus, como o Messias, o Filho do homem. Por isso, muitas implicações da cura são descritas, com a finalidade de mostrar à comunidade joanina o processo catequético para uma adesão total a Jesus, em tempo de expulsão da sinagoga, causada pelos judeus fariseus.

²⁴⁴ Proposta e relato da Leitura Popular da Bíblia de Jo 9, realizada em Março de 2011, com o grupo de estudos bíblicos: cf. MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes e OROFINO, Francisco. *Raios X da Vida*. Círculos Bíblicos do Evangelho de João. Série: A Palavra na Vida. Nº 147/148. São Leopoldo: CEBI, 2000, p.82-86; cf. MESTERS, Carlos. Metodologia da Leitura popular da Bíblia. In: *Palavra Partilhada*. Nº. 3, Ano 11. São Leopoldo: Cebi-Sul, 1992, p. 05-32; e cf. SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 343-350.

1. Olhar a vida

Vamos, antes, olhar a nossa vida, e lembrar alguns fatos: já nos aconteceu que não conseguimos ver a ação de Deus na nossa vida? Ou: conhecemos pessoas que insistem em permanecer como cegas, sem querer ver a ação de Deus no mundo? O que hoje mais impede as pessoas de ver Jesus como o Filho de Deus e nosso Salvador? O que, hoje, as pessoas mais procuram ver?

2. O texto – Jo 9,1-41

Antes da leitura do texto de Jo 9, vamos acolher a Bíblia com o canto:

Canto: A Bíblia é a palavra de Deus.

2.1 Leitura de Jo 9,1-41

Vamos ler o texto em cada versão bíblica que temos, e procurar identificar os personagens, os verbos e as palavras que mais aparecem, e sua possível divisão.

2.2 Contar o texto

Como segundo passo, vamos contar o texto que acabamos de ouvir com as nossas palavras. Como é um texto longo, vamos fazer isso em pequenas partes.

2.3 Procurar identificar no texto: os personagens, as palavras e verbos que mais aparecem, sua divisão, o gênero literário. Dizer também o que mais nos chama a atenção nele.

Os personagens: Jesus, os discípulos, o cego de nascença (sendo este o mais ativo), os vizinhos, os pais, os fariseus, e os judeus.

As palavras e os verbos que mais aparecem: cego (13 vezes), olhos (10 vezes), homem (7 vezes), Jesus (7 vezes), nasceu (6 vezes), lodo/barro (5 vezes), fariseus (4 vezes), judeus (3 vezes), mundo (3 vezes); acreditar (4 vezes em: 9,18.35.36.38), responder (12 vezes em: 9,3.11.12.15. 17. 20.25.27.30.34.36.41), lavar (4 vezes em: 9,7.11.11.15), perguntar (8 vezes em: 9,2.10.12.15.19.21.26.35), dizer (16 vezes em: 9,7. 8. 9. 16.16. 17. 19. 22. 23. 24. 27. 28. 32. 37.39.40), saber (8 vezes em: 9,20. 21. 24. 29. 29.30.31.35), abrir os olhos (3X em: 9,10.17.26).

Ainda percebemos o uso de expressões baseadas no número sete, tais como: “abrir os olhos” (9,10.14.17.21.26.30.32); maneiras de nomear Jesus: rabi (v.2), enviado (v.7), homem (v.11.16), profeta (v.17), Messias (v.22), Filho do homem (v.35), Senhor (v.36). Também aparecem quatorze referências ao cego que volta vendo em: 9, 9.10.13.14.15.15.17.18.19.21.25.26.30.32.

Percebemos, no texto, alguns paralelismos antitéticos: (v. 2-3) – “Quem pecou, este ou os pais dele? X Nem este pecou, nem os pais dele”; (v. 4) – “trabalhar as obras enquanto é dia X a noite vem e não é possível trabalhar”; (v.24-25) – “sabemos que pecador é X se pecador é não sei, uma coisa sei que sendo cego agora vejo”; (v.27) “não ouvistes X quereis ouvir”; (v.28) – “ser discípulo de Jesus X ser discípulo de Moisés”; (v.29) – “sabemos que Deus falou a Moisés X este não sabemos de onde é”; (v. 30) – “maravilhoso é que os judeus não sabem de onde Jesus é X ação maravilhosa de Jesus: abrir os olhos do cego de nascença”; (v. 39) – “os que não vêem -> vejam X os que vêem -> cegos se tornem”.

O texto apresenta a seguinte divisão:

9,1-7 = Jesus está passando e vê o cego de nascença e o cura.

9,8-12 = A reação dos vizinhos à cura do cego e a pergunta sobre como a cura aconteceu.

9,13-17= O interrogatório dos fariseus ao cego curado.

9,18-23= O interrogatório dos judeus aos pais do cego curado.

9,24-34= O segundo interrogatório ao cego curado e a sua expulsão da sinagoga.

9,35-38= Jesus vai ao encontro do cego curado, que n'Ele confessa sua fé, como o Filho do homem.

9,39-41= A cegueira dos fariseus.

Em relação ao gênero literário, podemos dizer que o texto em grande parte é caracterizado pelo diálogo, devido ao grande número de perguntas e respostas que nele aparecem. Parece ser um interrogatório com muitas perguntas e respostas, que às vezes são irônicas por parte do cego curado (v.30-32).

O texto é longo e com algumas partes intrigantes. Os participantes do nosso grupo de estudo bíblico sentiram uma grande dificuldade em entender as palavras de Jesus no v.39: *“para juízo eu vim a este mundo, para que os não vêem, vejam, e os que vêem cegos se tornem”*. Outro aspecto que foi ressaltado foi a falta de alegria e júbilo pela cura efetuada por Jesus por parte dos vizinhos, dos fariseus e dos pais. Isto pode indicar um ambiente de perseguição que os cristãos estavam vivendo, na época em que o texto foi escrito. O que se confirma na história da formação desse evangelho é que a comunidade precisa de respostas sobre como agir frente à expulsão dos cristãos das sinagogas, após os anos 80 E.C., pelo grupo dos judeus fariseus. Esse grupo foi o único que permaneceu como o organizador do judaísmo, após a destruição do templo de Jerusalém e a expulsão dos judeus da cidade de Jerusalém, pelos romanos.

Foi muito ressaltada a atitude do cego de nascença em deixar Jesus lhe aplicar barro/lodo nos olhos, sair de onde estava, e ir até a piscina de Siloé para se lavar, e, assim, fazer o que Jesus lhe ordenou, sem ter a certeza de que ficaria curado. Ele foi, lavou-se e ficou curado. Também a atitude dele em ser claro a respeito de como a cura aconteceu e progressivamente apresentar sua opinião, sem nada temer, sobre Jesus: de homem chamado Jesus, para Profeta, depois homem de Deus e, que, por isso, não é pecador, e, finalmente, Filho do homem.

2.4 Trabalhar as partes da divisão que aparecem no texto, fazendo, se possível, uma relação com outros textos da bíblia, procurando responder: como acontece a cura do cego de nascença; que implicações ela traz; qual itinerário é apresentado à comunidade para reconhecer Jesus como o Filho do homem; que rosto de Deus o texto nos mostra e, para nós, hoje, o que o texto diz?

9, 1-7 = Jesus está passando e vê o cego de nascença e o cura.

Em 8,59, Jesus sai do templo e agora passa e vê o cego de nascença. O que nos chama a atenção é que Jesus caminha entre as pessoas e vê as mais necessitadas. Isto nos pareceu ser o primeiro recado da comunidade joanina, através desse texto. Em muitos textos podemos perceber que Jesus sempre caminhou muito, em toda a sua vida pública. Ele foi a muitos lugares para mostrar que o Reino de Deus já havia chegado, como por exemplo, em Mt 11,4-6; Jo 4; 5,1-18; 6,1-15; 7,1. Uma reflexão foi proposta no grupo: Quando nós passamos pelas ruas, *vemos* realmente os doentes ou os mais necessitados? Qual a nossa reação?

A pergunta que os discípulos fazem a Jesus no v.2 está impregnada pela teologia da retribuição: quem pecou (ele ou os pais) para que nascesse cego? Transparece uma idéia de Deus que apenas castiga, com base nos ensinamentos dos rabinos, a partir de Ex 20,5; 34,7; Nm 14,18; Dt 5,9; Sl 51,7, onde os pecados dos pais são punidos nos filhos. Mas Jesus agora tem a oportunidade de mostrar que Deus não pode ser visto dessa forma, mas, sim como Deus que ama, que é misericordioso e cura a quem está doente e que, por isso, é excluído daquela sociedade.

Ainda se mostra nesses versículos o convite que Jesus faz a todos nós, para que haja um empenho de nossa parte em realizar o que Deus nos pede. Não cruzar os braços, mas trabalhar para que as situações de exclusão sejam combatidas e, assim, a fraternidade possa acontecer em plenitude. Pois é preciso trabalhar para que as obras de Deus prevaleçam (v.4).

O ato de Jesus de fazer lodo para aplicar nos olhos do cego chamou a atenção, pois remete à criação do ser humano em Gn 2, 7. Jesus recria os olhos para que o cego de nascença possa ver claramente. Mas é preciso que também o cego faça algo: ir até Siloé e se lavar. Esta é uma das características de alguns sinais descritos no evangelho segundo a comunidade joanina: a participação das pessoas também é necessária. No grupo lembramos o que já foi refletido quando trabalhamos os sinais e suas características em Jo 2,1-11; 5,1-14 e 6,1-13.

Uma questão foi levantada quanto ao fato de o cego ir sozinho até Siloé, que ficava fora da cidade, um pouco distante e em descida acentuada. Um dos participantes do grupo lembrou a questão em Jo 2,1-11, em que os serventes tiveram que ir buscar água suficiente para encher as seis talhas de pedra, mais ou menos o equivalente a 600 litros de água. Também, como em 6, 1-13, dos cinco

pães de cevada e dos dois peixes colocados à disposição, por um menino, certamente tudo o que tinha, para ser repartido entre tantas pessoas.

Ainda a respeito do barro feito por Jesus, ele o faz com a sua saliva. E, por pesquisas sabemos que era comum, naquela época, o uso de barro e de saliva²⁴⁵ para curar doenças dos olhos. Quanto ao ir a Siloé e se lavar, a comunidade cristã primitiva associou esse gesto ao batismo, quando temos assim um novo ser humano, renascido pelas águas batismais. O cego de nascença, agora curado por Jesus, é um novo ser humano.

O grupo também lembrou as curas de cegos efetuadas por Jesus, narradas em Mt 20,29 // Mc 10,46-52 e Lc 18,35-43 (o cego de Jericó), em Mc 8,22-26 (o cego de Betsaida) e em Mt 9,27-31 (a cura de dois cegos na Galiléia) e que apresentam uma narração diversa de Jo 9.

9, 8-12 = A reação dos vizinhos à cura do cego e a pergunta sobre como a cura aconteceu.

Novamente o grupo estranhou que não houve nenhuma manifestação de alegria pela cura do cego de nascença. Nesse trecho há duas questões: se ele é o mesmo cego que, sentado, pedia esmolas e como ficou curado. A respeito de ele não ser identificado de imediato pelos vizinhos, entendemos que, ao ser curado da cegueira de nascença, ele é um novo ser humano. Pode andar livremente e não carrega mais o estigma de ser um pecador, sendo por isso excluído da comunidade. E ele se identifica: “Sou eu”, para que não haja mais dúvidas.

A forma como a cura aconteceu passa então a ser investigada e o cego curado a esclarece, mostrando as etapas como ela aconteceu: Jesus fez barro com sua saliva e lhe ungiu os olhos e o mandou se lavar em Siloé. Ele foi, lavou-se e voltou vendo. Uma reflexão foi levantada pelo grupo, pois, muitas vezes, queremos que Deus faça algo imediatamente por nós. Esse texto nos ajuda a entender a necessidade de ter paciência e de também colaborar para que a ação de Deus se manifeste em nossa vida.

²⁴⁵ Veja: MICHAELS, J. Ramsey. *João*. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. Tradução Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1994. p. 171; e LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*. Tradução Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1996. p. 232.

9, 13-17= O interrogatório dos fariseus ao cego curado.

Algo incomum aconteceu e os vizinhos levam o cego curado até os fariseus. O motivo disso foi porque a cura aconteceu no sábado. Era um dia de descanso para os judeus, dia separado para Deus cf. Gn 2,2-3; Ex 20,8 e Lv 23,3. Proibia-se, por isso, qualquer trabalho nesse dia. Isso era considerado pecado. A punição prevista para quem não seguia esse preceito era a morte (cf. Dt 13, 1-12). Para os judeus fariseus, a cura do cego de nascença poderia ter esperado e sido feita em outro dia, mas não no sábado. Jesus age da forma como Deus agiria: não se deixa aprisionar por leis que não defendem a vida, as pessoas doentes e excluídas. Também, para mostrar que a presença plena de Deus no Sábado é assim manifestada. Uma reflexão foi feita pelo grupo a respeito: Como, muitas vezes, nos deixamos aprisionar por tudo que não está em defesa da vida e que exclui os mais necessitados.

Entre os fariseus acontece uma divisão na forma de pensar sobre Jesus. Alguns pensam de acordo com a lei, mas outros reconhecem que a realização de um sinal como esse só poderia ser da parte de alguém que não é pecador.

O cego curado imediatamente dá sua opinião a respeito de Jesus: é um profeta. Aos poucos, sua visão e seu entendimento sobre Jesus vão se ampliando. De homem, Ele passa a ser visto como profeta.

9, 18-23= O interrogatório dos judeus aos pais do cego curado.

Não há certeza de que o homem curado tenha nascido cego. Por isso, chamam os pais dele para um interrogatório. E eles confirmam que é o filho deles e que nasceu cego. Porém, se isentam de falar sobre como ficou curado. Uma pessoa do grupo levantou a questão de se o cego curado não teria ido primeiro até sua casa para partilhar a alegria da cura com os pais. Era o esperado de alguém que vivia nessa situação desde o nascimento. Mas a intenção do texto não é essa, e sim, de mostrar o ambiente de inquisição que os seguidores de Jesus estavam sofrendo, após os anos 80 E.C., dentro da comunidade sinagoga. É necessária uma decisão e coragem para enfrentar tal ambiente. Os pais, porque provavelmente já não eram jovens, ou, ainda não tinham fé em Jesus, se omitiram de um confronto com os judeus. Uma reflexão se apresenta: qual a nossa posição quando passamos por

uma situação como essa? Manifestamos com coragem o que pensamos, mesmo sabendo que é contrário ao pensamento da maioria dominante, ou nos omitimos?

9, 24-34= O segundo interrogatório ao cego curado e a sua expulsão da sinagoga.

No ambiente em que esse grupo de judeus pensa que Jesus é pecador, porque não respeita o sábado e por isso não pode ser o Messias, há a necessidade de uma concordância com eles. Por esse motivo, querem dar a oportunidade ao cego curado de mudar sua posição a respeito de Jesus. Pedem que ele dê glória a Deus. Na época, era uma forma de mostrar arrependimento de algo contra Deus, e dizer a verdade, como em Js 7,19. O cego curado responde com base em sua experiência de vida sofrida: *"se é pecador, não sei, uma coisa sei: que era cego e agora vejo"*. Simples e direto.

Surge de novo o questionamento sobre como a cura aconteceu. A resposta dada pelo cego curado é irônica e surge a problemática de ser discípulo de Moisés ou de Jesus. No grupo de estudos bíblicos foi ressaltado o que Jesus disse: *"Não penseis que vim revogar a lei e os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir"*. (cf. Mt 5,17). O seguimento a Jesus é a plenitude do Primeiro Testamento, ou da Lei e dos Profetas. Mas esse grupo de judeus fariseus continua apegado à lei e às normas que não estão em defesa da vida. Isto os impede de ver realmente quem é Jesus. O argumento do cego curado é simples: *"Se alguém for temente a Deus e a vontade dele fizer, a este ouve. Desde o princípio não foi ouvido que alguém abriu olhos de cego de nascença; se este homem não fosse da parte de Deus, não poderia fazer nada"* (Jo 9,32-33). Portanto, Jesus é de Deus e age com seu consentimento. A visão e o entendimento do cego curado a respeito de Jesus vão se ampliando cada vez mais. O grupo de judeus, em sua arrogância e por não aceitar o ensinamento e a opinião do cego curado a respeito de Jesus, o expulsam da sinagoga. Uma reflexão se apresenta: Como reagimos diante de argumentos simples e verdadeiros, mas que são contrários ao que pensamos?

Em relação à expulsão da sinagoga, no tempo de Jesus, este pequeno grupo de judeus não teria autoridade para tal, e sim, o Sinédrio. Na época em que o evangelho é escrito ela tem seu início e poderia acontecer em três modos: 1º. Repreensão, que durava de sete a trinta dias; 2º. Expulsão, que durava trinta dias, quando a pessoa era banida e excluída da adoração pública e evitada pelos demais

judeus, sem poder comer junto com alguém e, se morresse neste período, seu caixão era apedrejado; e 3º. Expulsão, de duração indefinida, com as mesmas restrições da anterior, só que poderia ser definitiva.

9, 35-38= Jesus vai ao encontro do cego curado, que n'Ele confessa sua fé, como o Filho do homem.

Mais uma vez, Jesus procura quem é excluído. Agora, o cego curado está excluído da sinagoga. Mostra-nos o rosto de Deus que vai ao encontro dos empobrecidos e excluídos da sociedade, quer por razões econômicas, sociais, religiosas ou de gênero. O encontro, agora, tem a finalidade de completar a cura da cegueira e de mostrar que Jesus está com ele. A pergunta de Jesus é direta, é feita também a cada um dos membros da comunidade joanina, que ainda estão indecisos: "*Tu crês no Filho do homem*"? O cego curado ainda precisa saber quem é o Filho do homem. E Jesus se revela totalmente: "*Já viste a ele, é o que fala contigo*". Foi o bastante para que o cego curado fizesse sua profissão de fé em Jesus: "*Creio, Senhor*". Agora sua visão é total e clara a respeito de Jesus, Ele é o Filho do homem e por isso a Ele declara sua fé de forma pública. Não teme nada, pois está iluminado pela luz do mundo, que é Jesus. Por isso, diante d'Ele, se prostra. Ele é justiça, é amor e paz. Quem vê Jesus, também vê tudo o que é contrário à justiça, ao amor e à paz que acontecem no mundo.

No grupo, uma reflexão surgiu aqui a respeito da fé que muitas pessoas demonstram, às vezes sem calor, sem base sólida em quem realmente é Jesus. Muitas vezes, elas não se comprometem em lutar a favor dos mais necessitados e excluídos. Temos, também, que nos comprometer, como pessoas cristãs, de nos dar as mãos para lutar contra a injustiça, a violência e a corrupção, que tanto mal nos causam.

9, 39-41= A cegueira dos fariseus.

Enquanto o cego tem sua visão totalmente curada a respeito de quem é Jesus, o grupo de fariseus permanece cego. O julgamento é para os que dizem que podem ver, porém sob a luz da lei e das normas que excluem e, por isso, eles são como cegos. Não conseguem dar um passo para se libertar do que exclui e impede

que a lei e as normas sejam para defesa da vida e apenas para a exclusão. A arrogância desse grupo de judeus fariseus os impede de ver Jesus e, porque insistem em dizer que não são cegos, o pecado deles permanece, por não quererem ver Jesus como o Messias, o Filho do homem.

Assim, ficou esclarecida a dificuldade inicial do grupo em relação ao v. 39. Após toda a reflexão do texto foi possível entender o que Jesus disse nele. E surgiu outra reflexão no grupo a respeito da atitude inflexível que muitas vezes presenciamos, ou, até mesmo, temos, semelhante a essa do grupo dos judeus fariseus, em não querer mudar a maneira de pensar, e em ver o que acontece, quando se está errado. Pedimos que Deus nos ilumine para que não sejamos como pessoas cegas.

A proposta do texto de Jo 9 foi assimilada pelo grupo. Ficou claro o itinerário que uma pessoa precisava fazer para ver Jesus. Para nós, hoje, o texto é mais do que esclarecedor. É necessária uma adesão paulatina, consciente e concreta a Jesus como o Filho do homem. Esse trabalho é desenvolvido pela catequese, quer familiar ou comunitária. Ao mesmo tempo, ao se deixar iluminar por Jesus, precisamos ter os olhos bem abertos e a mente consciente em relação a tudo o que é contrário à vida em plenitude, à justiça, à paz e ao amor. Por isso, é preciso que haja união em lutar para que uma situação como essa, seja erradicada em nossa comunidade. Assim, deixaremos de ser como pessoas cegas.

Que a Mãe de Deus nos ajude para que saibamos ver a necessidade das pessoas, e que nos deixemos iluminar por Jesus para agir, a fim de ajudar a quem necessita de nós.

3. Oração final

Cada um pode fazer a oração que a reflexão do texto lhe propõe. Podemos também rezar o Sl 27, (26)1-4: O Senhor é minha luz.

Encerramos o estudo, agradecemos a Deus por mais esta oportunidade do encontro com sua Palavra, rezando a oração do Pai-nosso.

Canto final: Tua Palavra é lâmpada para os meus pés, Senhor. ./ Lâmpada para os meu pés , Senhor, luz para o meu caminho ./

APÊNDICE B - Leitura Orante²⁴⁶

Jo 9,1-41 – A cura do cego de nascença.

Introdução

Na leitura orante que iremos fazer hoje, vamos ler e rezar a bíblia com o texto de Jo 9,1-41. Ele apresenta um dos sinais que Jesus realizou. É o relato da cura de uma pessoa cega de nascença. Poderemos observar todas as implicações que esta cura traz, por ter acontecido em um dia de sábado; o processo de cura que acontece em quem passa a ver; a conversão a Jesus do cego curado; o testemunho de uma adesão total a Jesus como o Filho do homem que esta cura origina. A consequência disso foi a expulsão da comunidade sinagagal. O texto apresenta ainda o itinerário de uma catequese, a respeito de quem é Jesus.

Vamos saudar a Santíssima Trindade e pedir a luz e a assistência do Divino Espírito Santo.

Canto = A nós descei Divina Luz

Antes da leitura do texto de Jo 9, vamos recordar algumas situações em que nos sentimos como pessoas “cegas”, sem ver ou entender bem o que vivemos. Como isso aconteceu? O que sentimos? Conhecemos pessoas que ainda hoje não querem ver a realidade como ela é? O que mais impede as pessoas de ver e entender as situações de exclusão de nossos dias? O que dificulta a visão e o entendimento de Deus, de Jesus, como plenitude do amor, da misericórdia, do perdão e da compaixão?

Canto: Pela Palavra de Deus/ ou outro canto, a escolher

²⁴⁶ cf. CEBI: PAULUS. *Leitura Orante da Bíblia*. Roteiros para Reflexão XII. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2001; e CNBB. *Leitura Orante nos Seminários e Casas de Formação*. “Fala teu Servo escuta”. Brasília: Edições CNBB, 2010.

1. Leitura = O que o texto diz.

Ler atentamente o texto, procurando identificar os personagens, os verbos, as mudanças de cenários e uma possível divisão do texto. Repetir a leitura do texto silenciosamente. Procurar lembrar bem o sentido de cada frase.

Os personagens: Jesus, os discípulos, o cego, os vizinhos, os pais, os fariseus, e os judeus.

O texto narra um acontecimento, em um dia de sábado, em Jerusalém. E tem a seguinte divisão:

9,1-7 = Jesus está passando e vê o cego de nascença e o cura.

9,8-12 = A reação dos vizinhos à cura do cego e a pergunta sobre como a cura aconteceu.

9,13-17= O interrogatório dos fariseus ao cego curado.

9,18-23= O interrogatório dos judeus aos pais do cego curado.

9,24-34= O segundo interrogatório ao cego curado e a sua expulsão da sinagoga.

9,35-38= Jesus vai ao encontro do homem curado da cegueira que, n'Ele, confessa sua fé como o Filho do homem.

9,39-41= A cegueira dos fariseus.

Procurar contar o que leu, com suas palavras, e repetir uma frase que mais lhe chamou a atenção.

2. Meditação = O que o texto me diz

Ler de novo o texto e atualizar a Palavra, ligando-a com a vida. Fazer também, se possível, uma relação com outros textos dos evangelhos, com a finalidade de ampliar a visão do texto. Podemos, ainda, também, nos perguntar:

v. 1 = Jesus passa e vê o cego de nascença. Quando nós passamos pelas ruas, vemos realmente os mais necessitados? Qual a nossa reação?

v. 2 – 5 = O diálogo de Jesus com os discípulos. Eles perguntam a respeito da causa da cegueira. Ainda pensavam de acordo com as bênçãos e castigos de Deus (teologia da retribuição), quando perguntam: quem pecou (ele ou os pais) para

que nascesse sem poder ver? *Como o cego poderia ter pecado se ainda não havia nascido?* Que ideia de Deus faziam? Que leis condenam pessoas a serem culpadas eternamente? E nós, quantas vezes pensamos desta forma (condenando), quando vemos alguém em uma situação desfavorável, ou, passando por uma necessidade?

No versículo 4, o verbo está na primeira pessoa do plural (é preciso que **façamos [nós]** as obras daquele que me enviou enquanto é dia). E nós, quanto nos esforçamos para que as obras de Deus se manifestem? Como fazemos isso?

A ação de Jesus como guia, luz do mundo, volta como reforço de sua atividade, como ele mesmo já havia declarado em Jo 8,12- “*Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz da vida*”. Temos nos proposto a seguir incondicionalmente a luz que é Jesus? O que nós /eu precisamos fazer para que isso se efetive em nossa/minha vida? Em nossas atividades deixamos a luz de Cristo aparecer ou queremos aparecer primeiro?

v. 6 - 7 = A cura da cegueira de nascença. Jesus não pergunta ao cego se queria ficar curado e, imediatamente, faz barro com terra e saliva e aplica nos olhos dele e lhe ordena que vá se lavar na piscina de Siloé. Ele foi, lavou-se e voltou vendo. Agora temos um novo ser humano, uma nova criatura de Deus, que a tudo pode ver.

Fazendo uma relação de Jo 9 com a cura de outros cegos, narradas em Mt 20,29 // Mc 10,46-52 e Lc 18,35-43 (o cego de Jericó), em Mc 8,22-26 (o cego de Betsaida) e em Mt 9,27-31 (a cura de dois cegos na Galiléia), existem algumas diferenças entre elas: há um pedido dos cegos para serem curados por Jesus; a cegueira não é de nascença; não acontecem em dia de sábado; a cura é imediata e não existe nenhuma reação contrária à pessoa curada e tampouco a Jesus por ter efetuado a cura.

E nós, pensamos muito antes de agir, ou, até hesitamos, diante das dificuldades e situações difíceis? Deixamos Deus agir em nossas vidas ou nos achamos os senhores absolutos dela? Já aconteceu de fazermos como o cego: não perguntar, não questionar a Deus e fazer exatamente o que Ele nos manda, ou pede, ou indica? O que nós (eu) precisamos (o) mudar, em mim, para que Deus atue totalmente em minha vida?

v. 8 – 12= A reação dos vizinhos à cura e as perguntas ao cego curado. Há uma dúvida da parte dos vizinhos, se, realmente, aquele que agora está curado é a mesma pessoa que eles viam esmolando, como um mendigo. Comprovada a

identidade agora querem saber *como* aconteceu esta transformação. *Como* os seus olhos foram abertos?

Quando acontecem coisas inusitadas, transformações em pessoas de uma condição pior para melhor, nós imediatamente percebemos, ou até ficamos duvidando se esta mudança vai mesmo perdurar?

A resposta de como aconteceu a cura é direta, sem enigmas: o homem chamado Jesus, fez lodo, aplicou nos olhos do cego e o mandou se lavar na piscina de Siloé. Ele identifica Jesus apenas como um homem, mas não sabe onde ele está.

E nós, como identificamos Jesus? Quem é Jesus para nós? Entendemos a sua humanidade e divindade, ao mesmo tempo? Ou, ficamos apenas com a sua divindade? Qual a nossa intenção em procurar encontrar Jesus?

v. 13 – 17 = A cura se torna agora um acontecimento a ser revelado a toda a comunidade, porque aconteceu num dia de sábado. O que fora cego é levado agora até os fariseus. Porém, não há sequer um sentimento de alegria pela cura acontecida. Os fariseus interrogam novamente o que fora cego a respeito da cura. A resposta dele agora é mais simples: *“Ele aplicou barro/lodo nos meus olhos, lavei-me e vejo”*.

Acontece, então, entre os fariseus, uma divisão a respeito de quem é Jesus, por ter ele curado alguém, em dia de sábado. Da pergunta de como o cego ficou curado, passam agora a discutir sobre Jesus. Se ele é um pecador, ou uma pessoa de Deus. E nós, quando em uma situação de cura ou de uma doação de algum valor ou bem, por parte de quem não conhecemos, qual a nossa primeira reação?

Passam a perguntar ao cego curado sobre como ele identifica Jesus. Ele responde: *“É um profeta”*. E nós, sabemos reconhecer a ação de pessoas que possuem dons ou duvidamos delas?

v. 18 - 23 = O interrogatório dos fariseus aos pais do cego curado. O foco agora se volta para não crer que o homem era cego de nascença e por isso passam a interrogar os pais do que antes era cego a respeito de três coisas: se ele é mesmo filho deles, se nasceu cego e como ficou curado. É um ambiente de inquisição. Por isso, quanto menos falar será melhor. Passam a responsabilizar a resposta ao filho. Era perigoso manifestar publicamente a crença em Jesus, como o Messias, o Cristo, e disto se isentam.

E nós, diante de situações como essa, em que somos questionados e incitados a emitir uma opinião, cuja resposta sabemos que não vai agradar, ou que

não está de acordo com o “pensamento oficial”, como reagimos? Enfrentamos e apresentamos nossa opinião, ou nos omitimos?

v. 24 - 34 = Temos agora o segundo questionamento ao cego pelo grupo dos judeus a respeito da cura, e um discurso deste, com certa ironia, para com os judeus, a respeito de Jesus. O foco, novamente, não é somente a cura, mas a identidade de Jesus, como ele O vê e reconhece.

No v. 24, os judeus querem que o que fora cego dê glória a Deus, uma forma, na época, de reconhecer que ele estava errado, que estava enganado a respeito de Jesus. Para eles, Jesus é como um pecador, pois não observa o sábado. E um pecador não pode curar. Eles estão convictos disso. Como manifesto minha fé em Jesus, mesmo diante de pessoas que não acreditam em Deus?

No v. 25 - A resposta do cego ainda não é clara a respeito de Jesus. Ele não sabe se Jesus é um pecador, mas sabe com certeza: que era cego e agora vê.

Nos v. 26-28 - Os judeus perguntam novamente a respeito de como a cura aconteceu. Mas, surge, agora, o enfoque do seguimento a alguém, da identidade do grupo. A comunidade joanina passa a caracterizar melhor o conflito que estava vivendo: Decidir seguir a Cristo ou continuar no judaísmo? Como demonstro a decisão de seguir fielmente a Jesus Cristo?

Nos v. 29 -34 – Afirmam os judeus que Deus falou a Moisés, mas que, a respeito de Jesus, nem sabem de onde ele é. O cego curado argumenta que somente sendo da parte de Deus e agindo em nome de Deus é que Jesus o curou. Os judeus ficam indignados com a argumentação do cego curado, pois não queriam aceitar o raciocínio dele, o ensinamento a respeito de Jesus e reconhecer a ação dele como divina. E expulsam o homem da sinagoga.

Qual a nossa reação, quando pessoas consideradas “pecadoras” dizem ter tido uma experiência com Jesus? Ou quando vêm argumentar conosco, a partir de coisas simples da vida, sem um grande linguajar teológico?

v. 35 – 38 = Jesus vai ao encontro do cego curado, expulso da sinagoga, que está sozinho. E Jesus o procura, para completar a cura da cegueira. Ele vê as coisas físicas, mas ainda não compreende o significado delas. Era preciso reconhecer Jesus como o Filho do homem e fazer sua profissão de fé. E Jesus pergunta: “*Crês no Filho do homem*”? O homem pergunta, quem é, para que ele creia, para que coloque nele toda sua fé? Jesus, então, se revela. E resposta do cego curado é imediata: “*Creio, Senhor*”. Ainda mais, adora a Jesus. Profissão e

atitude de fé para com Jesus. Ação de quem provou e viu como o Senhor é bom e por isso nele se abriga (cf. Sl 34, 9).

E nós, como fazemos a nossa profissão de fé em Jesus Cristo? É imediata ou a protelamos?

Como reiteramos nossa atitude de fé? Como nos empenhamos para que essa fé seja reconhecida pelas outras pessoas? Adorar a Jesus significa se entregar totalmente a ele e apoiar integralmente seu “Projeto de Vida plena para Todos”. Como temos feito isso?

v. 39 - 41 = A declaração de Jesus, após a profissão de fé e adoração do cego curado, é uma constatação da reação dos judeus à cura e à expulsão dele da sinagoga. Disse Jesus: “Vim ao mundo para juízo, e para que os que são cegos vejam e para os que se consideram como quem vê, se tornem cegos”. Ou seja, o pior cego é aquele que não quer ver.

Nós já refletimos, e vemos o que está realmente acontecendo no mundo, ou vemos apenas aquilo que queremos ver?

Alguns fariseus (o grupo que tinha então a autoridade) que ouviram essas palavras de Jesus perguntam a ele se estão enquadrados nos que são cegos. (*Não também nós cegos somos?*). Trata-se de não perceber a ação do Espírito Santo na vida, a ação de Jesus que transforma as pessoas doentes, e por isso, excluídas, em pessoas sãs e as inclui, e que restaura e renova todas as pessoas que com singeleza de coração a ele se entregam totalmente, sem medo de serem expulsas da sinagoga.

Nós sabemos superar a auto-suficiência, que muitas vezes nos atrapalha, nos impede de uma entrega total a Deus?

3. Oração - O que o texto me faz dizer a Deus -

Ler de novo o texto e a partir do que foi meditado, assumir um compromisso e fazer uma oração em resposta a Deus, que pode ser como pedido de perdão, louvor, ação de graças a Deus.

- Quero pedir perdão a Deus quando me torno como pessoa cega que não percebe as injustiças que acontecem “a minha volta”. Quando deixo de ver que o amor de Deus é maior do que tudo e que é preciso amar como Ele nos ama.

- Que o Senhor nos fortaleça para que a nossa visão não seja obscurecida pelas distorções que o mundo oferece, como o poder, o acúmulo, a indiferença, o comodismo e o egoísmo.

- Ajudai-nos, Senhor, para que possamos contribuir para com as pessoas que não compreendem que a Paz é fruto da Justiça, a fim de que elas possam mudar sua maneira de pensar e agir, e, assim, ver o mundo como Deus realmente o criou.

Podemos ainda rezar o **SI 1**; ou **SI 27,1-4**; **SI 146** e **Is 42, 5-7**.

4. Contemplação – Procurar ver a realidade, a vida com os olhos de Deus

A que ação ou conversão Deus me convida por meio desse texto?

Como o texto pode me ajudar a contribuir com a catequese na minha família, comunidade ou igreja?

O que posso assumir como compromisso, para ajudar pessoas que querem permanecer como “cegas” e não ver a ação de Deus hoje?

Escolher uma frase do texto para guardar para a vida e repeti-la.

Encerrar a Leitura Orante com o Pai-nosso.

Canto Final: /:A Bíblia é a Palavra de Deus semeada no meio do povo, que cresceu, cresceu e nos transformou, ensinando-nos viver num mundo novo.:/

APÊNDICE C - Comparação de Traduções Jo 9,1-41 ²⁴⁷

	ALMEIDA – Revista e Corrigida	JERUSALÉM	CNBB
1.	E, PASSANDO Jesus, viu um homem cego de nascença.	Ao passar, ele viu um homem, cego de nascença.	Jesus ia passando, quando viu um cego de nascença.
2.	E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?	Seus discípulos lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?”	Os seus discípulos lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou para que ele nascesse cego, ele ou seus pais?”
3.	Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.	Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas para que nele sejam manifestadas as obras de Deus.	Jesus respondeu: “Nem ele, nem seus pais pecaram, mas é uma ocasião para que se manifestem nele as obras de Deus.
4.	Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.	Enquanto é dia, temos de realizar as obras daquele que me enviou; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar.	É preciso que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. Vem a noite, quando ninguém poderá trabalhar.
5.	Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.	Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”.	Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”.
6.	Tendo dito isto, cuspiu na terra, e com a saliva fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego.	Tendo dito isso, cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego	Dito isso, cuspiu no chão, fez lama com a saliva e aplicou-a nos olhos do cego.
7.	E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo.	e lhe disse: “Vai lavar-te na piscina de Siloé – que quer dizer ‘Enviado’”. O cego foi, lavou-se e voltou vendo.	Disse-lhe então: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” (que quer dizer: Enviado). O cego foi, lavou-se e voltou enxergando.
8.	Então os vizinhos, e aqueles que dantes tinham visto que era cego, diziam: Não é este aquele que estava assentado e mendigava?	Os vizinhos, então, e os que estavam acostumados a vê-lo antes, porque era mendigo, diziam: “Não é esse que ficava sentado a mendigar?”	Os vizinhos e os que sempre viam o cego pedindo esmola diziam: “Não é ele que ficava sentado pedindo esmola?”
9.	Uns diziam: É este. E outros: Parece-se com ele. Ele dizia: Sou eu.	Alguns diziam: “É ele”. Diziam outros: “Não, mas alguém parecido com ele”. Ele, porém, dizia: “Sou eu mesmo”.	Uns diziam: “Sim, é ele”. Outros afirmavam: “Não é ele, mas alguém parecido com ele”. Ele, porém, dizia: “Sou eu mesmo”.
10.	Diziam-lhe, pois: Como se te abriram os olhos?	Perguntaram-lhe, então: “Como se abriram os teus olhos?”	Então lhe perguntaram: “Como é que se abriram os teus olhos?”

²⁴⁷ As traduções comparadas com base: BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira Almeida. ed. Revista. e Corrigida. Santo André: Geográfica, 2009; BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1991; BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2007.

11.	Ele respondeu, e disse: O homem, chamado Jesus, fez lodo, e untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao tanque de Siloé, e lava-te. Então fui, e lavei-me, e vi.	Respondeu: “O homem chamado Jesus fez lama, aplicou-a nos meus olhos e me disse: ‘Vai a Siloé e lava-te’. Fui, lavei-me e recobrei a vista”.	Ele respondeu: “O homem chamado Jesus fez lodo, aplicou nos meus olhos e disse-me: ‘Vai a Siloé e lava-te’. Eu fui, lavei-me e comecei a ver”.
12.	Disseram-lhe, pois: Onde está ele? Respondeu: Não sei.	Disseram-lhe: “Onde está ele?” Disse: “Não sei”.	Perguntaram-lhe ainda: “Onde ele está?” Ele respondeu: “Não sei”.
13.	Levaram, pois, aos fariseus o que dantes era cego.	Conduziram o que fora cego aos fariseus	Então levaram aos fariseus aquele que tinha sido cego.
14.	E era sábado quando Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos.	Ora, era sábado o dia em que Jesus fizera lama e lhe abriu os olhos.	Ora, foi num dia de sábado que Jesus tinha feito lodo, e abriu os olhos do cego.
15.	Tornaram, pois, também os fariseus a perguntar-lhe como vira, e ele lhes disse: Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me, e vejo.	Os fariseus perguntaram-lhe novamente como tinha recobrado a vista. Respondeu-lhes: “Ele aplicou-me lama nos olhos, lavei-me e vejo”.	Por sua vez, os fariseus perguntaram ao homem como tinha recuperado a vista. Respondeu-lhes: “Ele aplicou lodo nos meus olhos, e eu fui lavar-me e agora vejo!”
16.	Então alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles.	Diziam, então, alguns dos fariseus: “Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado”. Outros diziam: “Como pode um homem pecador realizar tais sinais?” E havia cisão entre eles.	Alguns dos fariseus disseram então: “Esse homem não vem de Deus, pois não observa o sábado”; outros, no entanto, diziam: “Como pode um pecador fazer tais sinais?” E havia divisão entre eles.
17.	Tornaram, pois, a dizer ao cego: Tu, que dizes daquele que te abriu os olhos? E ele respondeu: Que é profeta.	De novo disseram ao cego: “que dizes de quem te abriu os olhos?” Respondeu: “É um profeta”.	Voltaram a interrogar o homem que antes era cego: “E tu, que dizes daquele que te abriu os olhos?” Ele respondeu: “É um profeta”.
18.	Os judeus, porém, não creram que ele tivesse sido cego, e que agora visse, enquanto não chamaram os pais do que agora via.	Os judeus não creram que ele fora cego enquanto não chamaram os pais do que recuperara a vista	Os judeus não acreditaram que ele tivesse sido cego e que tivesse começado a ver, até que chamassem os pais dele.
19.	E perguntaram-lhes, dizendo: É este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora?	e perguntaram-lhes: “Este é vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que agora ele vê?”	Perguntaram-lhes: Este é o vosso filho que dizeis ter nascido cego? Como é que ele está enxergando agora?
20.	Seus pais lhes responderam, e disseram: Sabemos que este é o nosso filho, e que nasceu cego;	Seus pais então responderam: “Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego.	Os seus pais responderam: “Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego.
21.	Mas como agora vê, não sabemos; ou quem lhe tenha aberto os olhos, não sabemos. Tem idade, perguntai-lho a ele mesmo; e ele falará por si mesmo.	Mas como agora ele vê não sabemos; ou quem lhe abriu os olhos, não o sabemos. Interrogai-o. Ele tem idade. Ele mesmo se explicará”.	Como está enxergando, não sabemos. E quem lhe abriu os olhos, também não sabemos. Perguntai a ele; é maior de idade e pode falar sobre si mesmo”.

22.	Seus pais disseram isto, porque temiam os judeus. Porquanto já os judeus tinham resolvido que, se alguém confessasse ser ele o Cristo, fosse expulso da sinagoga.	Seus pais assim disseram por medo dos judeus, pois os judeus já tinham combinado que, se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da sinagoga	Seus pais disseram isso porque tinham medo dos judeus, pois estes já tinham combinado expulsar da sinagoga quem confessasse que Jesus era o Cristo.
23.	Por isso é que seus pais disseram: Tem idade, perguntai-lho a ele mesmo.	Por isso, seus pais disseram "Ele já tem idade; interrogai-o".	Foi por isso que os pais disseram: "Ele é maior de idade, perguntai a ele".
24.	Chamaram, pois, pela segunda vez o homem que tinha sido cego, e disseram-lhe: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador.	Chamaram, então, uma segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: "Dá glória a Deus! Sabemos que esse homem é pecador".	Os judeus, outra vez, chamaram o que tinha sido cego e disseram-lhe: "Dá glória a Deus. Nós sabemos que esse homem é um pecador".
25.	Respondeu ele pois, e disse: Se é pecador, não sei; uma coisa sei, é que, havendo eu sido cego, agora vejo.	Respondeu ele: "Se é pecador, não sei. Uma coisa eu sei: é que eu era cego e agora vejo".	Ele respondeu: "Se é pecador, não sei. Só sei que eu era cego e agora vejo".
26.	E tornaram a dizer-lhe: Que te fez ele? Como te abriu os olhos?	Disseram-lhe então: "que te fez ele? Como te abriu os olhos?"	Eles perguntaram: "Que é que ele te fez? Como foi que ele te abriu os olhos?"
27.	Respondeu-lhes: Já vo-lo disse, e não ouvistes; para que o quereis tornar a ouvir? Quereis vós porventura fazer-vos também seus discípulos?	Respondeu-lhes: "Já vos disse e não ouviste. Por que quereis ouvir novamente? Acaso quereis também tornar-vos seus discípulos?"	Ele respondeu: "Já vos disse e não me escutastes. Por que quereis ouvir de novo? Acaso quereis tornar-vos discípulos dele?"
28.	Então o injuriaram, e disseram: Discípulo dele sejas tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés.	Injuriaram-no e disseram: "Tu, sim, és seu discípulo; nós somos discípulos de Moisés.	Os fariseus, então, começaram a insultá-lo, dizendo: "Tu, sim, és discípulo dele. Nós somos discípulos de Moisés.
29.	Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é.	Sabemos que Deus falou a Moisés; mas a esse, não sabemos de onde é".	Nós sabemos que Deus falou a Moisés; mas esse, não sabemos de onde é".
30.	O homem respondeu, e disse-lhes: Nisto, pois, está a maravilha, que vós não saibais de onde ele é, e contudo me abrisse os olhos.	Respondeu-lhes o homem: "isso é espantoso: vós não sabeis de onde ele é e, no entanto, abriu-me os olhos!	O homem respondeu-lhes: "Isto é de admirar! Vós não sabeis de onde ele é? No entanto, ele abriu-me os olhos!
31.	Ora, nós sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém é temente a Deus, e faz a sua vontade, a esse ouve.	Sabemos que Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta.	Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas se alguém é piedoso e faz a sua vontade, a este ele ouve.
32.	Desde o princípio do mundo nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença.	Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença.	Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença.
33.	Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer.	Se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer".	Se esse homem não fosse de Deus, não conseguiria fazer nada".

34.	Responderam eles, e disseram-lhe: Tu és nascido todo em pecados, e nos ensinas a nós? E expulsaram-no.	Responderam-lhe: “Tu nasceste todo em pecados e nos ensinas?” E o expulsaram.	Eles responderam-lhe: “Tu nasceste todo em pecado e nos queres dar lição?” E o expulsaram.
35.	Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus?	Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado. Encontrando-o, disse-lhe: “Crês no Filho do homem?”	Jesus ficou sabendo que o tinham expulsado. Quando o encontrou, perguntou-lhe: “Tu crês no Filho do homem?”
36.	Ele respondeu, e disse: Quem é ele, Senhor, para que nele creia?	Respondeu ele: “Quem é, Senhor, para que eu nele creia?”	Ele respondeu: “Quem é, Senhor, para que eu creia nele?”
37.	E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo.	Jesus lhe disse: “Tu o estás vendo, é quem fala contigo”.	Jesus disse: “Tu o estás vendo; é aquele que está falando contigo”.
38.	Ele disse: Creio, Senhor. E o adorou.	Exclamou ele: “Creio, Senhor!” E prostrou-se diante dele.	Ele exclamou: “Eu creio, Senhor!” E ajoelhou-se diante de Jesus.
39.	E disse-lhe Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem sejam cegos.	Então disse Jesus: Para um discernimento é que eu vim a este mundo: para os que não vêem, vejam, e os que vêem, tornem-se cegos”.	Então, Jesus disse: “Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos”.
40.	E aqueles dos fariseus, que estavam com ele, ouvindo isto, disseram-lhe: Também nós somos cegos?	Alguns fariseus, que se achavam com ele, ouviram isso e lhes disseram: “Acaso também nós somos cegos?”	Alguns fariseus que estavam com ele ouviram isso e lhe disseram: “Porventura também nós somos cegos?”
41.	Disse-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas como agora dizeis: Vemos; por isso o vosso pecado permanece.	Respondeu-lhes Jesus: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas dizeis: ‘Nós vemos!’ Vosso pecado permanece”.	Jesus respondeu-lhes: “Se fôsseis cegos não teríeis culpa; mas como dizeis: ‘Nós vemos’, o vosso pecado permanece.